



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

COELHO NETTO

SCENAS E PERFIS



Léle & Irmão, Lt.

EDITORES

CARMELITAS, 144 — PORTO

Coelho Neto

Sertão.
A Bico de pena.
Água de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I.
Teatro, vol. II.
Quebranto (teatro) 4.º v.
Teatro, vol. V.
Fabulário.
Jardim das Oliveiras.
Esfinge.
Miragem, romance.
Apólogos.
Inverno em flor.
Mistério do Natal.
O Morto.
Banzo.
A Conquista.
Rei negro.
Capital Federal.
Tormenta.
As Sete Dóres de Nossa
Senhora.
Baladilhas.
O meu dia,
Pastoral.
Patinho torto.
As Quintas.
Scenas e perfis.
NO PRÉLO :
Feira livre.

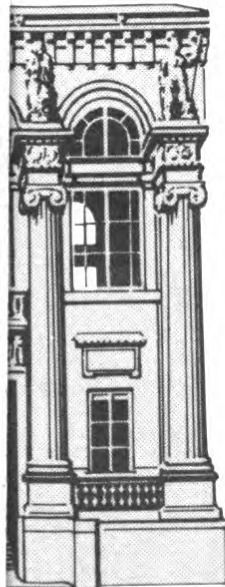
João Grave

Os famintos.
A eterna mentira.
O ultimo fauno.
O passado.
Gente pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
O espirito português.
A inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da In-
fanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que se-
frem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo Antó-
nio.
Vida do Espirito.
Gleba.
S. Frei Gil de Santarém.
Os Vivos e os Mortos

Guilherme Gama

Amar é sofrer.
Prosas simples.

OR
TION
ARY



OXFORD

OE 213/1
-68



300523430K

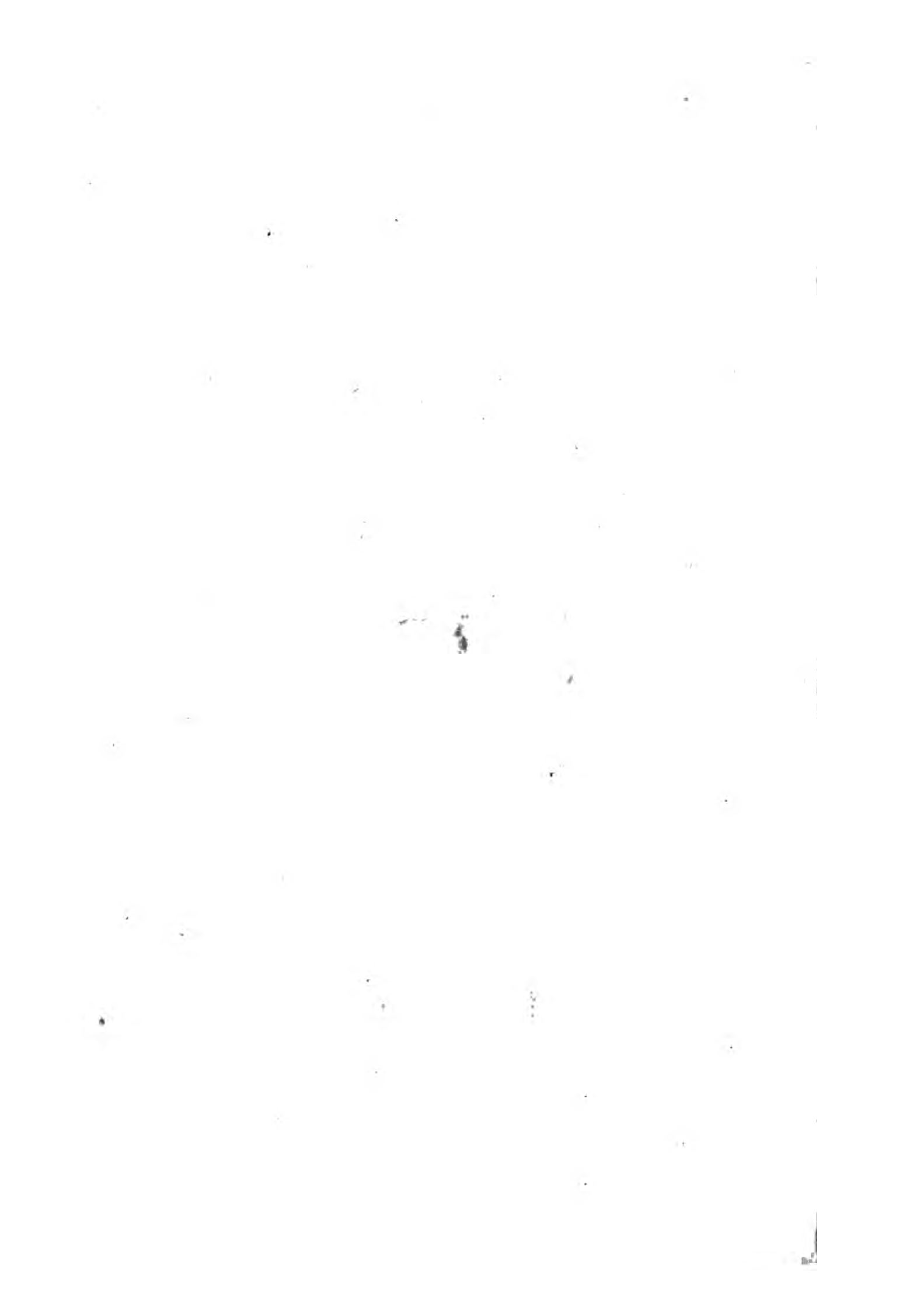
Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Bazilio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A Illustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Eccos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos inéditos), 1 vol.
As minas de Salomão (tradução), 1 vol.

NOVAS OBRAS PÓSTUMAS :

A Capital, 1 vol.
Conde de Abranhos, 1 vol.
Traçedia da Rua das Flores, 1 vol.
Paginas esquecidas, 1 vol.
Correspondencia, 1 vol.
Notas de Viagem, 1 vol.
Alves & C.^a





407

SCENAS E PERFIS



COELHO NETTO

COELHO NETTO

SCENAS E PERFIS

EDIÇÃO DEFINITIVA



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão,
L.^{da}, edit. — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

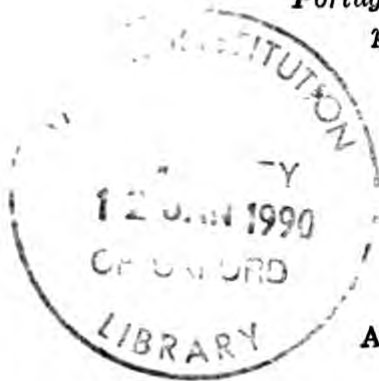
—
1925

Obras de COELHO NETTO

<i>Sertão.</i>	<i>O Morto.</i>
<i>A Bico de Pena.</i>	<i>Rei Negro.</i>
<i>Água de Juventa.</i>	<i>Capital Federal.</i>
<i>Romanceiro.</i>	<i>A Conquista.</i>
<i>Teatro, vol. I (O Relicário,</i>	<i>A Tormenta.</i>
<i>Os Raios X, O Diabo no</i>	<i>Tréva.</i>
<i>corpo).</i>	<i>Banzo.</i>
<i>Teatro vol. II (As Estações,</i>	<i>Turbilhão.</i>
<i>Ao Luar, Ironia, A Mu-</i>	<i>O meu dia.</i>
<i>lher, Fim de Raça).</i>	<i>As Sete Dóres de Nossa Se-</i>
<i>Teatro, vol. IV (Quebranto,</i>	<i>nhóra.</i>
<i>comédia em 3 actos, e o</i>	<i>Balladilhas.</i>
<i>sainete Nuvem).</i>	<i>Pastoral</i>
<i>Teatro, vol. V, (O dinheiro,</i>	<i>Vida Mundana.</i>
<i>Bonança, e o Intruso).</i>	<i>Patinho torto.</i>
<i>Fabulario.</i>	<i>As quintas.</i>
<i>Jardim das Oliveiras.</i>	<i>Scenas e perfis.</i>
<i>Esfinge</i>	
<i>Inverno em Flôr.</i>	NO PRÉLO:
<i>Apologos, contos para crean-</i>	<i>Feira livre.</i>
<i>ças.</i>	<i>Immortalidade.</i>
<i>Miragem.</i>	<i>O Paraíso.</i>
<i>Mysterios do Natal, contos</i>	<i>Bazar.</i>
<i>para crianças.</i>	<i>Theatro lyrico.</i>



A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à convenção de Berne — (Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911 — No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1912).



ARTES GRÁFICAS, rua da Carcereira — PORTO

CONSELHOS DE FREI THOMAZ

Poetas, não vos queixeis da vida, senão de vós, transviais dos roteiros faceis que ella vos offerece e, em vez de seguides pelas estradas largas, de piso firme, embrenhai-vos em veredas sinuosas, muitas vezes cerradas em tapigos de espinhaes.

D'olhos sempre enlevados, seguindo sonhos ou evoluções mirificas de nuvens de ouro, que se dissolvem instantaneamente no espaço, não vedes os abysmos que se vos abrem aos pés. Presos na teia da Fantasia pereceis, como a mosca azul que a aranha perfidamente espreita e empolga.

Não vades pelos cantos seductores : a vida tem as suas leis e quem as dita é a Morte e vós sois mortaes.

Nem por andardes sempre na região dos deuses escapais á contingente condição de homens. Se o

vosso claro e poderoso espirito é como a aguia, que remonta ao sol, o vosso corpo é um ninho construido com a mesma palha, com as mesmas achegas com que são tecidos os demais ninhos d'almas.

Ó vosso andar, mesurado e taciturno, revela cuidado e fadiga. Ides como anciões decrepitos que se despedem da vida e, cabisbaixos e vagarosos, vão procurando na terra o lugar do repouso eterno.

O vosso rosto é pallido como se houvesseis sahido de longa enfermidade. Debilitam-se-vos os membros, fallece-vos a energia e do que fostes resta uma sombra melancolica : nem homens, nem espectros. Nem homens, porque refugis ao convivio humano e ide-vos fazendo cada vez mais da solidão e do silencio ; nem espectros, porque gemeis e lastimais-vos.

Andais do medico para a pharmacia buscando allivio para o corpo que, por haverdes longamente esquecido, faz-se lembrar dolorosamente.

Bem sei que não é facil deixar o assento quando chega a inspiração desejada. Nenhum de vós terá animo de abandonar a estrophe começada ou o periodo quando se vai formando, se as rimas aco-dem, sonóras ; se as imagens affluem copiosas revelando, com brilho, impressões ou paisagens, para correr ou exercitar-se, dando elasticidade aos musculos e repouso aos nervos. Deixais-vos ficar ajou-

jados á mesa, curvados, constrangidos, com o cerebro em fogo e todo o organismo paralysado.

Viveis, como deuses, em um ambiente de nebulosidade. Não são, porém, as puras nuvens olympicas que vos cercam, mas as densas, perniciosas nuvens do cigarro que ondulam viciando o ar que respirais. O cigarro é o thuribulo que accendeis propiciatoriamente para que a Musa vos attenda com o milagre da inspiração, não falando de varios excitantes a que recorreis quando vos sentis enervados.

Passam-se as horas da refeição, vai-se a noite ; amanhece e, sem noção do tempo que consumistes em esforço sobrehumano, sahis derreados, aturridos e ides repousar, se se póde considerar repouso o somno dos agitados. Nos primeiros tempos não sentis o protesto do organismo com o avançar dos annos, porém, sem que atineis com a causa, lá se vos revolta o estomago negando-se ao seu trabalho, insurge-se o figado, tornam-se os rins inertes, empedra-se a bexiga, inflamma-se a prostata, rebelam-se os intestinos e logo o cerebro se resente e são vertigens que vos abalam, é a enxaqueca que vos allucina, rompem desesperadas suggestões, obsidiam-vos delirios, a propria inspiração vem viciada e, longe de ser facil e graciosa, como dantes, traz o estygma do mal que vos consome.

Á mesa não tendes appetite, tudo vos enfara

e enoja ; qualquer bocado enfarta-vos. No leito rolais agoniadamente, insomnes. Chega-vos a misanthropia e, odiando o mundo, enclausurais-vos no gabinete buscando refugio no trabalho. E é assim que vos inutilisais.

Às vezes o organismo exige que vos levanteis e continuais teimosamente a tarefa, dizendo : « O corpo póde esperar. A inspiração é como uma borboleta que se deve apanhar no momento em que pousa ».

E o veneno, que o corpo repellia, não sendo eliminado, infiltra-se-vos no sangue.

Esse egoismo intellectual, preferencia injusta que dais ao espirito, com prejuizo do corpo, concorre para a vossa miseria futura, ó delicados rouxinóes da vida.

Lêde *As vespas* de Aristophanes e lá se vos ha de deparar o sabio conselho de Bdelycleon a Philocleon, para evitar a estranguria, tão frequente nos que fazem vida sedentaria. Fiai-vos no grande Cuvier que, de 2 em 2 horas, regularmente, deixava a sua mesa para attender a exigencia natural.

Dividi o vosso dia : Dai as horas leves da manhan ao cerebro e contentai-vos com o que delle extrahirdes nesse tempo, lembrando-vos que outros órgãos exigem a sua parte de exercicio.

Não tendes afazeres que vos levem á rua? cultivai um palmo de terra, fazei o vosso canteiro,

revolvi-o, adubai-o, lançai por elle a semente e, quando apontarem os brótos, depois de haverdes cinzelado a estrophe ou lapidado o periodo, descei a contemplar a outra maravilha, acompanhai carinhosamente a genese da planta até que floreaça e, concluido o poema, rematado o conto ou o romance, tereis tambem a vossa terra florida e o vosso corpo lucrará com o exercicio que lhe deu saude e que lhe proporcionou o goso do perfume, que é a gratidão da flor.

Não vos deixeis absorver pela Arte consumptiva. Para que às idéas se renovem é necessario que os olhos não se fixem em uma só visão. Para que haja variedade no espirito é indispensavel que o corpo tenha saude e a saude, como o calor, é filha do movimento.

Parado é o pantano. O rio, alegre e limpido, corre, curvetêa e salta. Não vos rebalseis. Agitai-vos, buscai o sol, procurai a companhia salutar das arvores, percorrei as estradas, subi á montanha, descei aos valles, ou, se a tanto não vos quizerdes aventurar, segui o conselho de Candide, cultivando o vosso jardim.

Beethoven compunha passeiando nos campos. Os genios são agitados como os oceanos. A concentração traz a monotonia. Só a morte é immovel. Procurai, entre os grandes homens, um unico sedentario. Homero peregrinava como as andorinhas.

Hesiodo tinha a sua leira de sementeira. Eschylo foi soldado em Salamina. Sophocles e Euripedes foram andejos. Herodoto viajou largamente. Xenophonte internou-se na Asia. Pindaro, nas suas odes, preconisava a agonistica.

Os de Roma não se confinavam na *urbs*: sahiam aos mares, como Vergilio; seguiam as legiões, como Horacio; percorriam terras barbaras, como Tacito. O repouso começa com a decadencia e Petronio canta reclinado no seu triclinio voluptuoso.

Dante foi peregrino.

Camões e Cervantes conheceram a nostalgia e soffreram as injurias da vaga procellosa. Shakespeare foi andarilho e, em nossos dias, vimos o maior genio poetico da França na *imperial* dos omnibus sahindo a respirar nos arredores de Paris o ar puro dos campos. Todos os grandes iniciadores de religiões, desde Rama até Christo e Mahomet, trilharam caminhos longos.

Um de meus amigos dizia-me, ha dias, á sombra fresca e murmura da floresta da Tijuca :

— É pena que eu não possa fazer com mais frequencia passeios como o de hoje. Estes ramos, que se agitam, espanam-nos o tedio d'alma. Sahe-se d'aqui mais leve e amando a vida. Parece que a alma nos foge e vai por esses bosques, por esses outeiros, por esses relvados espojar-se, rolar feliz ou refrescar-se mergulhando nessas aguas limpidas

que por ahi borbulham. Rejuvenece-se neste paraíso.

— E porque não trazes, todos os domingos, a alma ao campo ?

— Ó filho... e o trabalho ? Ah ! o trabalho... Mas pelo amor de Deus, não sigamos tão á risca a sentença da Biblia. Não nos façamos forçados do Ideal. Vêde a propria Terra. Ei-la a dormir sob o lençol de neve. Um passaro desperta-a, um raio de sol aquece-a ; é o resoar do canto, é o resurgir da luz. E a adormecida acorda sacudindo de si a cobertura fria. Boceja e lá se vão as brumas fluindo e diluindo-se e começa a Terra a enfeitar-se para a vida :

É aqui uma flôr que se abre ; é ali um botão que abrólha. Reverdece o arvoredos, repovoam-se os ninhos, rolam sonoramente as aguas desentorpecidas. O que era neve, é correjo ; o que era geleira, é rio ; o que era carambina, é orvalho ; o que era sudoeste, é aura. Vem o sol, é a acção. Tudo se agita e a Terra começa a reçumar abundancia. Já apparecem frutos, loureja o campo — é a messe. Mas não tem termo essa producção ? é constante o gerar ? Não. Já se vão, á pressa, recolhendo os feixes, abrumam-se as tardes, sopra e zine o vento frio. Tratam os homens de armazenar a lenha e lá vêm os nevoeiros, lá vêm as neves, flocos de linho com que o inverno fia o lençol para os somnos da

Terra. Ei-la, de novo, a dormir sem flôr, sem fructo, silenciosa e erma. Pois se é assim com a Terra porque haveis vós, poetas, de querer ser mais activos do que a Actividade, mais fecundos do que a Fecundidade? A Natureza é a suprema legisladora. Porque essa contumacia em contrariá-la? Guiaí a vossa vida pelo exemplo que vos dá a Terra: dividindo sabiamente o vosso tempo. Tendes a flôr, que é a idéa; tendes a Arte, que é a luz. Deixai que venha ao ramo o pomo, colhei-o e repousai.

E alguém perguntará:

— E tu, porque não fazes o que pregas . . . ?

— Porque? . . . Porque não posso.

O MASCARA

Foi num domingo gordo — era assim que se dizia no meu tempo que, por signal, era bem mais alegre e divertido que o de hoje — commentou o Dr. Segurado (o das famosas pilulas contra a insomnia, que eu tomo quando preciso trabalhar á noite) anediando os finos e encaracolados cabellos louros da neta, que se lhe refugiara entre as pernas esgalgadas, com medo dos mascararas, que araviavam em algazarra e cantarolavam ao som de maracás e pandeiros na rua, habitualmente tranquilla.

— Estavamos á mesa, continuou elle, na sua voz cheia e pausada, quando tocaram a campainha. Não sei se conheceu a Lucrecia, uma velha negra, que foi ama de Mathilde. Era uma reliquia de familia, e como as não ha mais, meu amigo.

E o velho medico abriu um parenthesis de lou-

vor, no qual encastou a negra, com todas as suas virtudes.

— Muito bôa, mas medo era ali! Trovoadas e carnaval punham-na tonta. Mandei-a vêr quem batia. Ah! meu caro, o grito com que atroou a casa foi tal que nos levantamos todos alarmadamente e precipitavamo-nos para o corredor quando a vimos apparecer esbaforida, descalça, com o panno da trunfa a escorrer-lhe pelas costas, d'olhos esbogalhados, tremula.

— Que é, rapariga?

O copeiro, que fôra verificar a causa de tamanho susto, chegou á sala no momento em que a negra engolia, a sorvos soffregos, um copo d'agua; e explicou sorrindo:

— É um mascara que deseja falar com V. S.^a.

— Não tenho negocios com mascarados, respondi.

— Ah! seu doutor, vosmecê não póde imaginar a cara desse não sei quê, que ia me matando de medo. Parece mesmo um diabo do inferno!

O copeiro, que tinha ido com a minha resposta ao mascara, tornou vexado:

— Elle diz que precisa falar com V. S.^a.

Levantei-me enfadado e disposto a pôr pela porta fóra o importuno, caso pretendesse divertir-se commigo.

Era um « *bébé* ». Uma dessas achaparradas ca-

rantonhas de criança, que riem alvarmente, de bellas rôxas e anafadas.

— Que quer ?

O desgraçado levantou a mascara e vi, não sem surpresa, uma cara morena e suada, espessamente coberta de barba negra. Mas o sorriso, que a subita metamorphose provocara, desvaneceu-se-me instantaneamente porque o homem chorava. E implorou humildemente, de mãos postas :

— Senhor doutor . . . Pelo amor de Deus ! Venha commigo ! Minha filhinha está á morte.

— Pois o senhor tem uma filha á morte e anda assim pela rua ?

— Ah ! senhor doutor . . . Sahi de manhan, deixei-a bôa, brincando e agora, ao chegar á casa para comer alguma coisa, encontrei minha mulher em pranto e a pequena . . . Nem me lembrei de tirar a mascara. Vim por ahi como louco. Venha, senhor doutor. Sei que V. S.^a tem filhos; eu só tenho aquella, aquella só !

— É muito longe ?

— Não, senhor doutor ; é a dois passos d'aqui.

— Bem. Vou tomar o chapéu. E sahi com o *bébé*, com grande espanto dos vizinhos que riam, vendo-me, muito serio, ao lado do mascarado que, sacudido pelos soluços, parecia rir.

A criança da perseguia-o aos gritos e, durante todo o caminho, com a voz lacrimosa, que o bojo da

mascara tornava estranhamente ridicula, o desgraçado me foi descrevendo a filha, as suas gracinhas e o estado em que a encontrara ao entrar alegremente em casa, aos pinchos.

Chegando á estalagem, onde tumultuava a matula de um Zépercira estrondoso, ouvi gritos lancinantes e o desgraçado *bébé* precipitou-se, desaparecendo em um dos cubiculos.

— A criança tinha morrido ?

— É verdade. Quando entrei no quarto, que parecia mais um carro de idéa atulhado de typos, o infeliz, ajoelhado diante de uma caminha de ferro, soluçava desesperadamente.

Fóra estrugiam bombasticas as caixas do Zéperreira e ali dentro, naquella estufilha, o chôro crescia, redobravam os lamentos, principalmente os do infeliz *bébé*, que não se tirava de junto do pequenino leito, clamando a Deus, a pedir que lhe explicasse a morte da filha que, de manhan, o acompanhara até o portão da estalagem, saltando, a rir.

Attestei a morte e sahi deixando, verdadeiramente penalizado, aquelle horrivel contraste. Meu amigo, a vida do medico é uma serie de factos que, contados miudamente, dariam paginas admiraveis, trazendo á litteratura farto e originalissimo subsidio. Cada um de nós tem a sua anecdotica clinica. Este, póde contá-la a rir ; di-la aquelle com a voz embargada ; outro relata-a com repugnancia.

Eu, dentre as muitas que tenho no registro da memoria, destaco sempre a do *bébé* porque foi a que mais vivamente me impressionou, não tanto pela dôr, como pelo disparate da situação.

E, no fim, a vida é isto mesmo — uma serie dos mais disparatados contrastes, não é verdade? Ha outros fantasiados mais dignos de lastima : são os que afivellam ao rosto a mascara de um doloroso pudor. Foi a esses que o poeta se referiu no admiravel soneto : *Mal secreto*.

— E a mascara é uma necessidade.

— Ah ! sim . . . Eu mesmo, quantas vezes della me tenho servido para dizer a uma mãe, que sente o filho desfallecer-lhe nos braços : « Tenha esperança em Deus. Não desanime . . . »

— E eu, doutor ? Eu é que não a tiro do rosto senão em casa, quando me dispo para metter-me na cama.

— Quer, então, dizer, que . . . mesmo agora ?

— Não, aqui, não, porque o amigo não é politico . . .

— Ah ! não . . . graças a Deus ! Detesto o carnaval !

PAIXÃO

Foi em um velho livro de chronicas que enveneinei a alma. Sou hoje um homem inteiramente inutilisado para a vida real — o meu mundo é o da ficção e os seres que me acompanham são da natureza daquelles que formam o cortejo de Titania no admiravel sonho de Shakespeare. Posso dizer com Musset :

Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.

Antes de haver encontrado esse livro sortilego eu reagia contra as obsessões do Passado, adaptava-me ao meu tempo, vivia com os meus contemporaneos. Desde, porém, que li aquellas paginas funestas perdi de todo a energia e, francamente, não sei como me hei de conduzir na actualidade,

em um meio com que antipathiso, entre homens que me não entendem, que me tomam por louco.

Porque a verdade é que todos (tu, inclusivé) estão convencidos de que a minha razão se vai obscurecendo em insania : evitam-me ou tratam-me com o receioso cuidado com que se transporta um vaso fendido que, ao menor abalo, se poderá partir.

Ne le touchez pas, il est brisé . . .

Eis o meu caso, em toda a nudez da verdade. Nesse livro magico encontrei um romance de amor, sem grande originalidade porque, substancialmente, é o idyllio tragico de Tristão e Isolda. O troveiro que o reproduziu soube, entretanto, suavisar em versos tão sinceros a paixão e com tintas tão verdadeiras pintou a paisagem que eu, lendo, senti-me transportado ao sitio acceitoso e, como por encantamento, encarnei-me no heroe da ballada.

Escusado é dizer que a mulher surgiu viva e formosa aos meus olhos como invocada por prestigio magico : senti-a desde os primeiros versos e amei-a apaixonada, delirantemente como se houvesse bebido o philtro allucinador.

Era ella quem eu tinha sempre a meu lado no silencio do meu gabinete de trabalho ou no tumulto das ruas. Via-a e vejo-a em toda a parte a olhar-me, a sorrir-me com uma doce e melancolica ex-

pressão de puro amor. Busco-a, logo se desvanece. É um sonho, mas sonhos ha que, pela insistencia com que nos perseguem, tornam-se realidades. Esse é um delles.

Não tenho attenção para outro assumpto, nem alma para outro sentimento. Essa mulher cerebrina absorve-me, esse amor imaginario enche-me de todo o coração e domina-me. Ella é a minha esposa e a minha amante e devora-me como a Esphynge devorava os que lhe penetravam o antro.

Quando não a sinto, fico como um homem que perdesse o equilibrio e a razão : vacillo e desvairo e, mais duma vez, já me surpreendi a falar, a bradar ajoelhado e de mãos estendidas para o meu delirio.

O meu caso moral, ou digamos : psychico é, em tudo, identico ao de D. Quixote — nem lhe faltam os livros subversores. Devo, porém, dizer-te que o meu devaneio não me traz a obnubilação. Reajo, opponho a vontade ao delirio, luto, procuro distrahir-me, combater a empusa e algumas vezes (bem raras, infelizmente !) consigo vencer. Passo algumas horas em paz, repousando no real, logo, porém, sinto resurgir no cerebro a figura fluidica que, exteriorisando-se, avulta a meus olhos, acena-me, reclama-me e eu rendo-me, entrego-me passivamente abençoando o meu supplicio, contente da tortura que me inflige o ser impalpavel,

puro amor, puro espirito, ente imaterial e adorado.

Já me aconselharam o casamento. Conselho absurdo porque, se fôr por elle, serei sempre um adúltero e jámais conseguirei amar a mulher que me fôr dada por esposa, não só porque nenhuma realisará o typo do meu sonho, como tambem porque a outra nunca me deixará, nunca mais!

Queres saber? ha almas velhas, almas que serviram em outros corpos e que, em existencias posteriores, sempre se resentem das primeiras vidas. Eu, se queres que te diga, acredito nas reencarnações e nos avatares.

O que se passa em mim demonstra, á evidencia, que vivi algures, em epoca muito remota, porque tenho noção exacta de um paiz ericado de castellos e sempre agitado em guerras com peonagem e troços de cavallaria.

Sou capaz de dar os nomes de todos os guerreiros, de descrever-lhes as feições e as armas, ou de referir-lhes os feitos e arrancadas em liça ou por terras de paganismo e bruteza.

Conhecimento tão perfeito, certeza tão segura não se ganham com livros nem tanto tenho eu lido para tornar-me tão sabedor no assumpto. Vi, ou melhor: vejo.

E essa mesma figura de illusão, essa mesma heroína do poema eu conheci e amei na terra, tive-a

nos braços, foi minha . . . Quando ? Onde ? Não sei !

— Attribúes a um livro innocente uma culpa que é toda tua. O teu amor não reside no coração, mas no hypocondrio. A vida que levas, retrahida e calada, no silencio e na solidão, sempre entre livros, póde ser comparada á que levavam os ascetas no deserto e elles, como sabes, eram victimas de tentações horriveis.

A idéa fixa, que é a hypertrophia da attenção, como affirmam os mestres, é uma fórma do egoismo. Assenhoreando-se de um espirito nelle implanta-se, crava fundo as suas raizes e não consente que pensamento algum subsista e o que consegue medrar vive sempre mirradamente á sua sombra e pouco resiste por falta de . . . seiva. As ramas funebres dilatam-se, tomam todo o cerebro e acabam por escurecê-lo completamente.

Se procurasses dar energia á alma ella destruiria o parasita fatal : vives, porém, na melancolia, que é uma sombra, foges a todo o convivio, exilas-te da sociedade . . . O resultado ahi o tens.

Se reagisses verias dissolver-se, como uma nevoa, esse duende pathologico. Não ha assombra-mentos, ha delirios, neurasthenia.

— Eu já contava com essa explicação summa-ria. A sciencia possui umas tantas palavras que tudo explicam. Diante de um caso de pura psycho-

logia ella affixa um de taes vocabulos, que lembram o « Aqui jaz » dos epitaphios, rotulo vão que pouco exprime e nada explica. Sinto-me perfeito, integralmente um homem, como tu, que és dos mais asisados ; tenho apenas essa allucinação e, para explicá-la, nada mais encontras nos teus compendios e tratados senão essa palavra vaga e banal: neurasthenia.

Mas, meu amigo, para explicar e resolver com uma palavra o meu caso eu não viria ao teu escriptorio. Se te procuro é para que me digas porque vivo assim em duas eras, perdido num tempo, num meio que não comprehendo : estrangeiro na minha patria, anachronico na minha epoca.

É a isto que chamas loucura ? É ? Dize.

O medico encolheu os hombros sorrindo.

— Então, meu caro, proseguiu o cliente, trata de descobrir a fórmula de um elixir que enlouqueça e desdobra com elle a vida da Humanidade porque. . . juro-te que sou um homem feliz, um homem superior aos homens. Se me entedio no presente, concentro-me e logo me transporto á antiguidade. Ouço Homero ou applaudo na multidão, em Olympia, o athleta victorioso ; encosto-me pensativamente ao mastro de uma trireme que voga entre tritões e nereidas ou, com um casal de pombos brancos, sigo, por entre rosas, para o templo nupcial de Venus Cytheréa. Sou mais feliz do que

tu que não sahes do circulo estreito da tua epoca . . . Se isto é loucura . . .

— Sim, é loucura, ou melhor : é Poesia . . .

— Outro nome. Decididamente vocês não vão alem da nomenclatura : neurasthenia, poesia . . .

— Achas pouco ? Para definir o sonho basta uma vaga palavra.



MÃIS QUE MATAM

A bronchite, a dentição, o «croup»... O «croup» por exemplo, citam-no todas com o mesmo terror com que os egypcios se referiam ao mysterioso anjo de exterminio que assignalava as casas condemnadas á orfandade.

Ha nisso grave injustiça, meu amigo. As crianças têm inimigos peiores.

— Quaes são elles ?

— Quaes são ? as mãis. Ri, porque imagina que vou lançar um paradoxo ?

Engana-se. O que lhe digo é a pura verdade, e vou provar-lh'o.

Ha tres especies de mãis, tres, pelo menos, conheço eu : a elegante, a affectuosa e a occupada, que são as tres parcas da Infancia, ou melhor : tres Lachesis, porque, cada qual, a seu modo, não faz

outra coisa senão imitar a velha tragica da tesoura fatal. Vejamos a primeira :

É uma dessas damas chamadas do «tom», que só se preocupam com a vida mundana, tendo a casa apenas para repouso. Bella, espirituosa, elegante, é um ornamento indispensavel dos salões galantes, das frisas ou camarotes dos theatros, da archibancada dos clubes esportivos, das primeiras filas nas conferencias e nos concertos ; infallivel nas exposições, nos *vernissages* e em todas as ceremonias da moda. Tem o seu dia de recepção e *five ó clocks* diarios nas casas das amigas.

Uma de taes criaturas, pelo papel que representa na sociedade, é obrigada a mudar dois e tres trajos por dia, a cuidar da pelle, das unhas, dos cabellos em institutos proprios ; a discutir com a modista a escolha e o talhe de um vestido ; com a chapeleira o enfeite de um chapéu . . . Ora, tudo isso exige tempo e cuidado. Para taes senhoras a maternidade é verdadeiro supplicio.

Emquanto podem occultar aquillo que constitue a gloria da mulher arrocham-se, cintam-se constrictoramente, sem se preoccupar com o que, de tal cilicio, possa advir ao feto, e continuam a viver como dantes, sem prejuizo de um só numero do programma a que se escravizam : indo a toda a parte em agitação incessante e em vigalias que se prolongam pela noite dentro.

Nasce o infante, não raro pondo em risco a vida da progenitora. É um ser enfesado, intanguido, com estygmias de deformação e, longe de ser tratado com os cuidados de hygiene e eugenia que reclama, torna-se, como o cãozinho, uma especie de curiosidade, um objecto de luxo, enfeite vivo da camara da mamãi. Envolvem-no em cambraias, em lans, em sêdas, ennastram-no de fitas, encarpçam-no, cingem-lhe os bracinhos com varias pulseiras, atafulham-no no berço, confiado a uma ama que lhe vai dando o peito a todo o instante para o fazer calar, quando resmungua.

Findo o resguardo a mamãi reabre os salões, manda sahir a *limousine* e recomeça a vida interrompida pelo accidente. Só á noite, fatigada, furta um instante ao somno para debruçar-se sobre o berço, olhar o filho que dorme pallido, abafado em rendas e perguntar á ama : « Como vai elle passando ? »

Um dia a ama desconfia do calor da boca do pequeno, que antoja, rejeita mollemente o peito ; sente-o languido, nota-lhe a respiração offegante. Alarma-se, corre a dar o aviso. É tarde.

Os que escapam — e melhor fôra que não escapassem — vêm engrossar a mó dos inuteis, dos imbecis, daquelles que os lacedemonios arrojavam, sem pena, ao fundo do abysmo chamado Apothetas.

Taes criaturas não têm o sentimento, ou melhor: o instinto materno; a vaidade toma-lhes por inteiro o coração. Vejamos as segundas:

São, em geral, mananciaes de ternura, como diz o Claudio, meigas, escrupulosas em excesso. Ao primeiro signal de gravidez ei-las preocupadas com o ninho, buscando achegas para forrá-lo, cuidando dos primeiros agasalhos para o adventicio. E só com isso se occupam. Passam os dias costurando, bordando, tecendo malhas de lan, dobradas sobre o ventre e, quando repousam de taes trabalhos, lá vão ás praticas abusivas das superstições caseiras. Trancam-se e, a pretexto de molleza de corpo, deixam-se ficar em casa arrastando-se em passos lerdos pelos aposentos.

Como entojam nos primeiros tempos e se lhes deprava o gosto, desnutrem-se debicando gulodices. Vem o filho e são innumerous carinhos e cautelas: portas fechadas, defumações, figas penduradas aos cortinados, breves e amuletos ao pescoço, cinteiros que travam o thorax dos seres frageis e com os peitos apoiados empanturram-nos até o arreverso.

Annunciam-se os primeiros symptomas de super-alimentação e começam as mézinhas domesticas a depauperar o organismo tenro, já compromettido pelo excesso de zelo. Os intestinos resentem-se, denunciam-se as primeiras manifestações da enterocolite. É a vez do medico. Salva a criança, mas

com o desenvolvimento retardado (quando não empaca na athrepsia) começa a ensaiar os primeiros passos.

Que alegria para a jovem mãe, cuja ternura recrece. Rompem os dentes, surgem os desejos gulosos e como ha de ella negar ao filho, ao seu querido e unico filho, o que elle pede com tanta graça? « Pobre criança ! Que custa fazer-lhe as vontades ? o feijão que elle pede, um bolo que ouviu apregoar, a fruta que viu á mesa, o leite, o doce, um pedacinho de pão . . . ? »

Começa o ventrezinho a pandear, as côres vão-se desbotando, a criança torna-se enfesada, manhosa, rabujenta . . . É a doença. « Quebranto, Jesus ! Alguem que lhe poz mau olhado. Depressa o fogareiro das defumações, mandem chamar a benzedeira ». Apesar das rezas, das aspersões, de todo o cerimonial exorcista, lá se vai o pobrezinho e a desgraçada mãe, enfeitando de flores o caixãozinho dourado, atijando os cirios que estralejam, beijando a fronte fria, as mãozinhas cruzadas do cadaver, soluça, perguntando desesperadamente : « Mas de que foi, meu Deus ! ? » E Deus faria obra de misericordia ás outras mãis, se, por um dos seus anjos, mandasse dizer á infeliz : « Foi de ternura. Mataste-o tu mesma com as vontades que lhe fazias. »

Chegamos, finalmente, á terceira Láchesis :

Ei-la. É uma robusta, sadia roceira que considera a gravidez um caso tão natural como a frutificação das arvores. Não se perturba nem deixa, por isso, de ir á roça : continúa a mourejar como dantes. Se ás dôres sorprendem-na no campo, deita-se á sombra de uma arvore e, ali mesmo, põe o filho.

Trata-o, levanta-se com elle nos braços e, ao sol, trilhando, de volta, o caminho em que fôra pela madrugada com a enxada de carpir, recolhe-se á casa, mette-se na cama, onde fica em repouso quatro ou cinco dias, sem, todavia, descurar-se dos cuidados domesticos porque, de lá mesmo, vai dirigindo a ordem no lar.

Logo que se sente fórte levanta-se e, com o filho ao collo, porque a terra embravece depressa, torna ao grangeio, tendo preparado a comida que fica a ferver, aos cuidados de uma filha. Na roça deita o pequeno em um leito de folhas, ao mormaço. Se choramiga, acode-lhe com o peito e enfarta-o ; se dorme, deixa-o dormir. Ás vezes vai encontrá-lo debatendo-se afflicto, d'olhos fechados, com o sol a escaldar-lhe a cabecinha ou cercado de formigas. Recolhe com elle á sombra de um mou-tal, dá-lhe o peito, nina-o e lá o deixa.

Outras vezes é um borrasseiro repentino que cahe. A soitada acode ao filho, levanta-o do lameiro, agasalha-o debaixo do chale e fica a tremer entre as arvores, á espera de uma estiada.

Crescendo o pequeno, quando já engatinha, é confiado a um irmão mais velho que lhe chega á boca a chuchadeira immunda ou que, para o fazer calar, dá-lhe o que encontra á mão, deixa-o arrastar-se ao sol, chafurdar na lama, até que, consumido, intoxicado, o pobrezinho vai definhando e morre.

Ainda assim são esses, os rusticos, os que mais resistem. A miseria obriga a certa parcimonia e methodo na alimentação e ao ar livre e nas crianças a alimentação e o ambiente são os principaes elementos de vida.

Para o filho da roceira, como para o da operaria, ha um recurso : a *creche*, os abrigos infantis que poderiam ser estabelecidos na roça e nas cidades, nos quaes as mãis, mediante quantia módica, deixassem os seus pequeninos enquanto trabalhassem.

Nesses estabelecimentos as crianças teriam, não só o tratamento methodico, que lhes é indispensavel, como a Sciencia poderia ir, aos poucos, corrigindo anomalias ou vicios congenitos que encontrasse nos seus pensionistas.

Já que se não póde restabelecer o admiravel systema de Lycurgo, que attribuia ao Estado o preparo dos futuros cidadãos, porque a verdadeira Mãe é a Patria, que, ao menos, delle se aproveite a parte que « Humanitas » reclama.

Isso, bem se vê, com relação á mãe da ultima

classe, porque, para as duas primeiras, não acho remédio.

Quem se atreverá a dizer a uma senhora elegante que o seu dever é manter-se ao lado do filho, fazendo-se surda, durante algum tempo, aos reclamos da vida mundana? Ella responderá superiormente, ferida nos seus melindres de elegante que : « Para isso paga uma ama . . . »

E a outra? Tente o amigo convencer a uma dessas mããs carinhosas de que, com as vontades que faz ao filho, engurgitando-o de guloseimas, está preparando um desastre. Ella responderá com um muchocho, taxando-o ainda de unhas de fome, sem coração, porque tem coragem de negar a uma criança um doce, que custa um vintem e, ás vezes, uma vida.

Eis ahí, meu amigo : Cincoenta por cento da mortalidade infantil são devidos ás Parcas maternas, o restante corre por conta de enfermidades e de accidentes varios.

— Porque não escreve sobre isso ?

— Eu ? Deus me livre ! Quero lá incompatibilisar-me com o sexo omnipotente . . . !

A COUVE

A culpa não é do legume, é do teu estomago debil, demais a mais derrancado por toda uma vida de boa chira como a que tens gosado e soffrido. Pergunta a esses robustos trabalhadores, que se empanturram de caldo verde e bacalhoadas, que se atolam em comesainas que fariam recuar a propria familia de Pantagruel, que pensam elles dá couve e has de ouvir de todos os mesmos elogios. Não, não tens razão.

Que a não aprecies á mesa, vá lá : gostos não se discutem — (eu, por exemplo, detesto a alcaçofra e não morro de amores pelos espargos) mas que a desprezes, não admitto. És medico, debes, pelo menos, deferencia, consideração, direi até : respeito a um dos mais preconizados auxiliares da therapeutica no tempo do austero Catão que, se-

gundo Plinio, foi um sabio, profundamente versado em materia médica.

Para o virtuoso romano a couve, especialmente a tronchuda, era poderoso medicamento, de incontestavel efficacia em certos casos. Crúa ou cozida, conforme a indicação, curava tudo — desde a enxaqueca até a apoplexia ; o seu aroma, que o tem, era considerado excellente tonico e o seu caldo era applicado como deterativo.

Dois medicos, Chrysippo e Dieuchés, escreveram, de collaboração, um grosso volume preconizando as virtudes curativas da couve e o proprio Pythagoras, de tão respeitavel memoria, iniciado pelos sacerdotes egypcios no segredo de toda a sciencia, louvou o legume que tão ingratamente repelles, achando-o proprio da baia e indigno de apparecer á mesa.

As recommendações contidas no *Tratado de Agricultura* de Catão têm, ainda hoje, observadores fieis. Já vi applicarem-se folhas de couve ás temporas para combater cephaléas e, aquecidas, untadas de azeite, affirmam ser de grande effeito na cura de erysipelas e adenites.

Sorris do empirismo, achas ridicula a credence, todavia não te vexas de receitar salsaparrilha e althéa, caroba e quanto matto ha por ahi. Que dirão os futuros medicos do formulario com que hoje entulhamos as nossas drogarias e pharmacias ?

Que queres, meu amigo ? o que chamamos progresso não é mais do que uma substituição. Todas as coisas têm tido o seu momento de fastigio ; umas cahem para sempre, outras declinam e reaparecem.

A couve, que hoje não passa da cozinha, figurou como offerenda no altar de Salus, a deusa etrusca. Foi planta sagrada, teve culto. É até possível que a sua colheita se revestisse de cerimonial identico ao que presidia á apanha do agárico pelos druidas nas carvalheiras da Gallia. E todas essaservas humildes dos campos e as que forram os penhascos, esses lichens, essas algas, verdes como a esperança, não são ainda os melhores recursos da therapeutica ?

É verdade que os sabios abandonam o reino vegetal pelo mineral, indo buscar as drogas, dantes apanhadas á flôr da terra na profundez das minas. Ainda assim, diariamente, apparecem vistosos cartazes illustrados annunciando panacéas milagrosas : são aservas que as fornecem, é o sangue verde de Flora (*herbarum succis*) que vem reforçar o dessorado organismo do homem.

Não posso acreditar que Catão escrevesse todo um capitulo celebrando as excellencias da couve se a experiencia não lhe houvesse assegurado a verdade.

Como sabes, era elle o medico dos seus escravos

e o veterinario dos seus rebanhos e a couve era dada ao homem e ao animal para a febre e para o esparravão, para a epilepsia e para o garrotilho. É verdade que não ficou uma estatística das curas, mas o entusiasmo do romano pelo legume é testemunho de valia.

« Havendo fé, um ramo secco restitue a vista a um cego », dizia meu pai, que era homem avesso a superstições. Todas as hervas são bentas, todas têm virtude propria.

Fala ao herbanario que anda pelos valles e pelos montes quebrando ramos, arrancando raízes, cavando rhizomas, fazendo molhos de cipós, da virtude curativa dos vegetaes e talvez desistas da tua sciencia fazendo-te alumno do simplorio corredor de selvas.

Conheces o *Golden Bough*, de Fraser? Recomendando-te essa obra interessante na qual, se não adquirires conhecimentos que te possam aproveitar na clinica, acharás muita poesia tomada, como flores, ás plantas.

No tempo feliz da minha mocidade, quando começou a crescer no meu coração o amor bem fadado que me trouxe a ventura, cercado-me a velhice com a corôa do meu sete estrello, certo velhinho, a quem confiei o segredo de minh'alma, sorriu dos meus cuidados e temores e, indo a um canto da choça em que vivia, apanhou um pu-

nhado de folhas seccas e, chegando-se ao lume, escolheu a mais verde, cozeu-a em um breve e deu-m'o com estas palavras mysteriosas :

« Quando esta folha seccar ao calor do seu corpo aquella por quem o senhor suspira dir-lhe-á a palavra que o seu coração espera. »

Tomei o breve e, dois mezes depois, Adelaide era minha.

— E a folha ?

— A folha ? . . . A folha foi a confiança : trouxe-me a fé, que me faltava ; levantou-me o animo abatido.

Para dar coragem dentro de uma floresta, á noite, basta a companhia de uma criança. O homem isolado é sempre timido. A alma precisa de um conforto qualquer e foi por isto que os homens inventaram as nóminas e os amuletos e valem-se de orações.

Achas que a couve é indigesta e feia . . . O troglodyta era monstruoso e sanguinario, vivia á lei da natureza como bruto, enlapado em cavernas, esposteando feras, todavia não o podemos renegar. Elle foi o tronco da Humanidade, o principio da especie, o avô, o grande avô de todos nós.

A couve tambem teve o seu dia nas eras fortes. Hoje está em voga a malva, mais em relação com a raça degenerada e languida. No robusto periodo do heroismo a couve era um emoliente. Para ho-

mens que manejavam o *pilum*, que arrastavam a catapulta o repolho devia ser o que é, para nós, pobres tibios, a alface tenra.

Respeitemos o passado e as tradições que nos elle legou. Não comas couve, mas, por amor de Catão e de Plinio, de Pythagoras e de tantos outros sabios gregos e romanos respeita-a, porque a sua folha é das primeiras do grande livro em que a Humanidade soffredora foi buscar allivio.

— Estás erudito, homem.

— Qual erudito ! O que estou é enfartado, entourido com este almoço. Decididamente já não somos homens para taes extravagancias. E dizer que os romanos curavam indigestões com couve crúa quando eu, com umas folhinhas que comi neste cosido, estou aqui a estourar.

— É que os romanos adiantaram-se a Hahne-mann.

— Sim, é possível . . . *Similia similibus curantur*. Mas, deixa lá ! Deviam ser de ferro esses homens de outr'ora. Olha que estou como se houvesse engulido um boi. Tens ahi bicarbonato ?

— Tenho . . . E os teus louvores á couve ?

— Perdão, a culpa não é da couve, é nossa que não temos estomago, porque o estragamos com os acepipes de Savarin e outros envenenadores e com todas essas especiarias que nos impingem em temperos e molhos. Quem é hoje capaz

de manejar um montante? Foi com esse espadagão, entretanto, que Nun'Alvares repelliu a Hespanha. Couve e montante valem-se, nós é que não valemos um caracol. Manda buscar o bicarbonato.

DORMIR

-
- Sim, sei que já foste victima do chloroformio.
 - Porque dizes victima ?
 - Porque . . . Porque naturalmente soffreste.
 - Enganas-te. A sensação, ou antes : as sensações que experimentei foram tão deliciosas que, se eu fosse só, sem responsabilidades de familia, em vez de fumar, como fumo, abusaria do chloroformio . . .
 - Falas serio ?
 - Muito serio.
 - Então conta-me isso.
 - Pois não. A primeira vez que fui chloroformisado . . .
 - A primeira vez ?
 - Sim. A segunda foi em Lambary e a terceira

em S. Paulo. A primeira foi aqui no Rio, em 1896. Uma infecção purulenta no maxillar inferior impunha a extracção de um dente. Isso seria coisa facil se o trismo me não houvesse emperrado os queixos não permittindo, sequer, que eu me servisse da pipia para sorver o caldo ou o leite. Os medicos resolveram chloroformisar-me.

A operação fôra marcada para as seis da tarde. Estrondavam as salvas no mar — porque era o dia 11 de Junho, anniversario da batalha do Riachuelo — quando começaram, em volta de mim, os preparativos para a anesthesia.

Abertas todas as janellas do quarto para que o ar circulasse livremente, deitaram-me em decubito dorsal, sem travesseiros, com os braços estendidos ao longo do corpo, e applicaram-me a mascara. Os medicos, todos amigos, conversavam animando-me e eu respondia a um e outro cerradamente, rilhando as palavras, «um verdadeiro» ilheu como me disse depois um poeta que se desvelara á minha cabeceira com sollicitude de irmão.

De repente aspirei um hausto doce que me penetrava em ondas, como de fumo, diffundindo-se-me tepida, assucaradamente por todo o corpo.

No silencio que, então, se fez, persistiu unicamente o «tic-tac» de um despertador posto em uma peanha junto á cama.

A respiração foi-se-me tornando pesada e densa.

De repente começou a retinir uma campainha bem ao alto da minha cabeça. Depois o som, que não descontinuava, veio descendo, fazendo-se ouvir na frente. Eu digo «fazendo-se ouvir» porque o que de mais estranho havia em tal sensação persistente é que eu «ouvia» os sons como se fossem os meus ouvidos que se mudassem, entendes? não era o som que caminhava, mas os próprios ouvidos. E assim ouvi a campainha na boca, no peito, no ventre... Já então parecia-me ter dentro do craneo uma fumarada espessa e sentia-me leve, balouçava-me como se fluctuasse em ondas macias de pennugem. E a campainha descia, cada vez mais precipitada e mais surda. Depois foi como se eu me levantasse em alor de ascensão e pairasse no ar, imponderavelmente. Era a levitação. Delicioso, meu amigo! Uma sensação nova.

— Como as dos «Paraisos artificiaes» descriptos por Baudelaire.

— Não as conheço, garanto-te, porém, que não podem ser superiores ás que gosei. A campainha perdia-se, distanciava-se. Eu já a ouvia nos joelhos... E era o unico som que me chegava. Toda a noção da vida desapparecera naquelle suave adormecimento. Nada mais senti. A minha sensibilidade descera no som que a ensurdecia sumindo, como uma luz que vai mingando aos poucos num subterraneo, treme, vasqueja, apaga-se. Não sei

se a morte chega assim de manso, embalando-nos, ninguém sabe como se passa desta para a outra vida, garanto-te, porém, que se nos affirmassem que o transito final é feito por tão suave caminho, o mundo seria um deserto porque todos os que soffrem e ainda os que se entediam na fatura não se prenderiam aos gosos ephemeros que são involucros assucarados de uma amendoa amarga.

A morphina, que tambem conheço, é sem, duvida, um sedativo poderoso, mas como delicia é nada comparada ao chloroformio.

O meu despertar foi difficil. A principio um atordoamento — naturalmente como o que sentiu Lazaro quando Jesus o chamou do fundo da sepultura. Distingui a claridade e, dentro della, os vultos negros dos que me cercavam. Falavam, mas eu não percebia as palavras, senão as vozes confusas. Tocavam-me, sacudiam-me. De repente, como se a memoria se me illuminasse, reconheci todos e tudo e foi com um prazer triumphante que me senti restituído á vida, reinstalledo em meu lar, entre os meus que me acariciavam como se eu chegasse de longe, de muito longe !

Eu vinha, pois, da morte e se a transição se houvesse dado durante aquelle estado tórpido que teria eu sentido ? nada, absolutamente nada : nem afflicção nem saudade:

— E depois. Não te resentiste da acção do anesthesico ?

— Não. E explica-se: Eu vinha de intenso soffrimento, de prolongadas e exhaustivas vigílias e, alliviado pela operação a que me haviam submettido, sentia-me verdadeiramente renascido. O organismo reclamava repouso e o somno poz-se a adejar em volta de mim. Instantes depois adormecia profundamente respirando um ar que me parecia mais leve e mais puro, que me refrescava e lavava os pulmões.

Ficara-me, porém, no cerebro, alguma coisa do chloroformio porque tive sonhos extravagantes. No dia seguinte contaram-me, a rir, que eu algara-viara um mistiforio de palavras de varios idiomas e que me debatera agoniadamente, respirando em estertor até que me immobilisei, como na morte. Não tenho lembrança do menor soffrimento. O que, para os outros, era um quadro de torturas, era para mim a serenidade. Que bom seria se a passagem desta para a outra vida fosse feita do mesmo modo . . .

— Para outra vida . . . ! Dizes isto com tal convicção que vale por affirmares a tua crença em outra existencia.

— Perdão. Não desçamos, ou antes: não remontemos ao mysterio. O chloroformio opera como agente physico, não attinge a alma. O meu des-

pertar deu-me a certeza de que alguma coisa que de mim se apartara, tornava ao corpo restabelecendo nelle as funcções e reaccendendo no cerebro a luz que se apagara. Refiro apenas uma sensação. Não falemos da morte porque, francamente, depois desse somno que foi delicioso, tornou-se mais forte em mim a certeza de que ha alguma coisa Além, do outro lado da Vida, para onde a gente passa de olhos vendados.

— E tu não tiraste a venda ?

— Se eu tal houvesse feito não estaria aqui a referir-te episodios de uma viagem que não chegou ao fim. Os que vêm o outro lado da Vida não tornam a este. O somno é um passeio no Jardim da Morte. E eu dormi apenas, e por isto aqui estou de volta.

A INSPIRAÇÃO

Sorvido o ultimo e mais delicioso gole de chá, Eudoro levantou a sua chavena á altura dos olhos e, movendo-a contra a luz, que lhe coloria a diaphaneidade, poz-se a remirá-la encantado, elogiando-lhe a finura da porcellana, tenue como petala de rosa, e os graciosos titeres pintados a vermelho, azul e ouro que a circulavam girando em uma paisagem bizarra de arvores contorcidas.

Falou-se do Oriente e, a proposito do Japão, veio á balha o nome de Loti.

Como na reunião predominavam as senhoras, o nome do suave e apaixonado rebuscador de exotismos provocou os mais ardentes louvores.

Um cavalheiro apenas, talvez para acirrar a discussão, ousava, de quando em quando, contrariar a maioria oppondo uma observação, fazendo

um commentario malicioso, arrefecendo o entusiasmo encomiastico com uma critica ironica ao estylo amelaçado do nostalgico marinheiro.

Repassada a obra do escriptor, desde *Pêcheur d'Islande* até o *Pelerin d'Angkor*, houve um como extase amoroso á evocação das scenas idyllicas nas cidades mysteriosas dessas terras de sonho, onde se embala o berço do sol.

Um silencio cahiu, silencio de concentração e, pela expressão dos lindos rostos, seria facil dizer as lembranças que aquellas imaginações evocavam : esta, as praias asperas da Bretanha, batidas pelo mar sempre tumultuoso, com os seus rochedos, as suas dunas, os seus tristes calvarios recordando as tragedias nas aguas bravias que se encarneiram espumosas até a linha extrema do horizonte brusco ; outra sorria e como que se lhe reviam nos olhos lindos e melancolicos, parados em arroubo, sitios venustos dessas regiões encantadas onde vivem princezas meigas escravizadas a gigantes e os ares atroam com o vôo dos genios.

Quantos romances ! quantas fantasias . . . ! Se ellas quizessem narrar o que sonhavam Scherazada correria envergonhada da pobreza das suas noites. Inopinadamente uma das senhoras, encarando-me, lançou-me esta interrogação, de mais difficil resposta do que o enyigma da Esphyngé :

— Diga-me, doutor. Como lhe nascem as idéas ?

Fiquei, deveras, aturdido e, como todos os olhares se fitassem em meu rosto, senti intenso calor abrasar-me as faces, como se as queimasse o fogo de todas aquellas pupillas.

— V. Ex.^a pergunta . . . ?

— Como lhe nascem as idéas, repetiu a minha interlocutora, accentuando bem as palavras e, para maior clareza, ajuntou :

— Como se realisa no seu cerebro esse milagre poetico da inspiração ?

Ao ouvir palavras taes pensei em Somaize e em Moliere, lembrando-me das famosas « ruelles » e das discussões alcandoradas que se travavam nas camaras, á meia luz coada por espessas cortinas, no tempo em que o alambicado palacio de Rambouillet era o Paraiso da França. E sorri.

— Francamente, minha senhora, a pergunta com que me honra obriga-me a commetter a descortezia de a fazer esperar a resposta que devêra ser prompta na obediencia. Mas preciso transportar-me ao momento, recordar o phenomeno para dizer alguma coisa que não seja uma banalidade massica. Emfim . . .

Concentrei-me. De repente (explique-se a associação de idéas, essa cadeia mysteriosa que engranza imagens e factos) « revi » uma nascente á beira da qual, no tempo, tão remóto e cada vez mais saudoso, da minha adolescencia, eu ia sentar-me

para vêr as borbulhas que subiam fervilantemente do fundo lodoso, tremulas, colubrinhas, esfusando, e rebentavam á tona d'agua surdamente.

Brotavam céleres, aqui, ali. Era a agua nascida que subia do fundo da terra respirando ; era a veia perenne que gorgulhava . . . como ? !

Facto identico produz-se no cerebro. Tudo está calmo, o espirito jaz em repouso ou entregue a cogitações : de repente uma bôlha emerge, sobe e desabrocha em idéa ; uma simples imagem, um curto episodio, ás vezes um drama instantaneo. O germen é ainda informe, confuso . . . Pouco a pouco, porém, desenvolvendo-se, desdobra-se em paisagens.

É o fundo das reminiscencias que concorre com uma antiga impressão em dialogos, em peripecias varias dum factio da vida real « imaginada » ou de um sonho desses que irrompem da imaginação e que se incorporam no desejo realisando um ideal.

O cerebro não inventa, como a terra não cria : reproduz. A realidade é o germen da fantasia. Quem pensa, sente e a sensação é um phenomeno da vida physiologica, logo a idéa, sendo o produto duma sensação, póde ser arrolada entre os factos communs da vida material.

A idéa é uma vibração do systema nervoso, é um « som » mais ou menos agradavel, conforme a tensão da corda que o produz. Os nervos atesados

dum epileptico não podem dar o mesmo som que resulta do systema nervoso de um homem normal. Os primeiros podem offerecer-nos a sublimidade ou o horror — alguma coisa como a *Heroica* de Beethoven ou como . . . o parricidio ; o segundo não se prestará jamais senão a acompanhar modinhas ou a zangarrear fandangos. Mas a idéa ? ! a idéa é essa vibração.

Cordas tensas, um sopro da memoria, o surto de uma reminiscencia e teremos um accorde interior. Será, effectivamente, uma recordação, mas transmutada, « decantada », uma realidade sublimada como o accorde é o resultado de um leve contacto.

Um dedo grosso e aspero, ferindo uma corda de tripa, géra o som abemolado. Mas como explicar a idéa senão pela excitação ?

Pensar é ascender. O espirito tem o seu centro de gravidade no espaço, ao contrario da materia que tende para a terra.

Cahir é rojar-se ; cogitar é librar-se. A mesma duvida, que é uma queda do espirito, é mais um vôo, porque a declinação é para o mysterio.

O scepticismo é o desequilibrio no Absoluto.

Como se póde explicar a queda d'uma folha ? pela passagem do vento, pelo roçar da aza de um insecto. Ás vezes, entretanto, a immobilitade é absoluta : nem uma libellula esvoaça, o sol arde,

as arvores parecem adormecidas e lá se desprende a folha, vem torvelinhando e cahe . . . É a lei de Newton que se demonstra. A terra devoradora é a grande teia em que se encolhe a Aranha sinistra que consome os seres e as coisas, attrahindo-os. O espaço attrahe a idéa que é como a claridade ou como o perfume. A flôr morre, o perfume esvai-se ; o fogo arde, o esplendor espalha-se e . . .

— Então ? exclamou sorrindo a minha interlocutora. Está tão distrahido.

Estremeci e encarei-a. Ficamos algum tempo a olhar-nos calados.

— Não acha uma resposta ? Não é capaz de dizer-me como pensa ?

— Francamente, minha senhora, estive procurando uma explicação, nada, porém, me ocorreu. Não sei, não sei como penso. Pensar é amar com o cerebro ; amar é pensar com o coração e V. Ex.^a não é capaz de explicar o amor. Temos aqui o Dr. Eudoro. Elle é que nos póde dar uma explicação precisa do que seja a inspiração. Como se fórma a idéa, doutor ?

— Eu ? exclamou o interpellado, pondo-se de pé, como para fugir á discussão.

— Sim . . .

— Fórma-se, penso eu, como a electricidade : pelo encontro de dois elementos contrarios : a memoria opera como o positivo — é o Real ; a imagi-

nação opera como o negativo — é o abstracto. A claridade, ou antes, a centelha que resulta do choque é a idéa.

— Assim, o doutor affirma que até nas sciencias exactas entra a imaginação, a divina Loucura, como lhe chamou alguém . . . ?

— Pois não, minha senhora. O X é a formula da imaginação. Nas mathematicas ha um termo real : a unidade. E como se transforma em quantidade ? com a abstracção — o zero, que é o vacuo. A idéa é assim : uma unidade, a reminiscencia, e zeros á vontade.

— É complicado . . . murmurou, sorrindo, a graciosa dama.

— Mas é assim.

— Mas o doutor, que tão bem conhece a machina humana, que tem escripto tão notaveis memorias sobre a vida, bem nos podia esclarecer.

— Em verdade, minha senhora, tenho escripto muito sobre a vida do corpo, a alma, porém, é como a sensitiva : tocada retrahese.

— E o senhor passa a vida a pensar e não sabe dizer como pensa . . .

— Como V. Ex.^a não é capaz de explicar como sonha . . . e vive a sonhar. Fiquemos nisto, minha senhora. A medicina é uma sciencia humana, tem o seu limite. O medico chega até a fronteira do mysterio e os que tentam ultrapassá-la cahem no absur-

do. Aceitemos a idéa, que é um fruto divino, saboreemo-lo e não nos preoccupemos com a arvore que o produz que, se não é a propria, deve ser filha dessa formosa Haïn, que levou ao peccado os nossos primeiros pais.

Felizmente vieram chamar-nos para ouvir o famoso violinista tchéco, senão . . .

O doutor dissera a verdade, talvez houvesse percebido que aquella conversa ia-se tornando perigosa porque não era em um salão que nos achavamos, mas no Paraiso á sombra envenenadora da Arvore . . . da seducção . . .

SOBREVIVENCIAS

— O curandeiro, feiticeiro ou que outro nome tenha, esse pobre diabo que por ahí anda esgueirando-se ás vistas da Saude Publica, porque é um concurrente dos medicos, troçado pela imprensa e perseguido pela Policia, que lhe não dá quartel, é o remanescente mesquinho de uma hierarchia que começou com o primeiro poeta, naturalmente um troglodyta, sensível ás maravilhas da natureza, culminou no sacerdote, nas eras do regimen theocratico, para decahir no bruxo e no « pai de quimbande » dos nossos dias claros e de livre exame.

Os poetas, hoje, são criaturas como outras quaesquer : elogiados em artigos, requestados nos salões, mas sem as attitudes hieraticas, sem os gestos de encantamento que, segundo as lendas, dominavam as proprias forças da natureza. Aponte-me

um que realise prodigios como os que a tradição attribue a Orpheu e aos eumolpidas.

Se o nosso grande Alberto de Oliveira fosse capaz — e não ha lyra de som mais alto de que a delle — de deslocar penhascos e montanhas, como Amphião, o arrasamento do Castello, em vez de ser feito por meio de jactos d'agua, á maneira americana, ter-se-ia realiado suavemente ao som de estrophes rimadas, como só elle as rima. Isto quanto aos poetas.

Os sacerdotes, esses fizeram do culto profissão.

A Sciencia e a Arte, a principio esotericas, exercidas no fundo dos tabernaculos, sentindo-se abafadas, insurgiram-se contra a regra estreita, desrevestiram-se, fizeram-se leigas e expandiram-se cá fóra, nas academias. Só um typo conservou o caracter tradicional e esse, não ha negá-lo, é o feiti-ceiro.

Vivendo no meio do povo elle é, ao mesmo tempo, o rhapsodo, o medico e o sacerdote. Repositorio fiel das crenças do Homem primitivo transmite-as, de geração a geração, perpetuando-as. Com elle vivem os cantos, que regulam o rythmo dos candomblés, os esconjuros, as fabulas, as receitas, algumas do tempo de Istar e Istubar como provam as inscrições dos tijollos assyrios. As superstições — sobrevivencias barbaras — apezar de tenazmente combatidas pela Sciencia e pela Religião, resis-

tem e hão de resistir, porque são o sedimento da Fé, a base da Crença, o fundo mesmo da Sciencia e da Religião, como o lôdo é o fundo dos rios crystallinos.

As coincidencias, ou digamos — o Acaso, que alguns affirmam ser o Destino, ou primeiro ministro de Deus, muito tem concorrido para a manutenção desse legado dos tempos.

Ainda, ha dias, falaste-me do Honorio, esse pobre Honorio que, por mais que lute, por mais que se esforce não consegue, nem conseguirá sahir da miseria em que pena. Affirmas que elle é portador de desgraças, iman de catastrophes, porque sempre que te apparece lamuriento, pedindo auxilio ; sempre que o encontras na rua em busca de trabalho, acontece-te qualquer coisa desagradavel.

Não és um espirito fraco — tens vasto supprimento philosophico, razão esclarecida e, entretanto, aceitas a superstição que herdaste e que é, hoje, um dos elementos constitutivos do teu moral. Porque não reages ? Não reages porque não podes.

Em todas as partes por onde tenho andado sempre encontrei a crença no « mau sangue ». O desgraçado que adquire tal fama sinistra é um homem perdido. Os amigos evitam-no e são os primeiros a propalar a lenda do terrivel prestigio, fazendo o deserto em volta do malsinado.

Um, conheci eu, rapaz de intelligencia viva, de

muita aptidão jornalística, que exercia o lugar de reporter em certa folha, dando as melhores provas de actividade e tino. Alguem lembrou-se, um dia, de dizer que elle espalhava « caiporismo ».

A principio foi a ballela cochichada nas redacções, nos botequins. Tomou vulto, alastrou e . . . foi o « salve-se quem puder ! » Começou o infeliz a ser evitado e tão renhida foi a guerra que lhe moveram que o director do jornal viu-se forçado a despedi-lo.

Andou por ahi á matroca, sempre perseguido pela fama tragica até que desapareceu. Disseram-me que partira para um Estado do Norte e que, dois mezes depois de se haver empregado em estabelecimento dos mais prosperos da cidade, um incendio reduziu a cinzas justamente a parte do edificio em que elle trabalhava.

E o misero não ignorava o que delle diziam. E sorria resignadamente sentindo a pressão da desgraça.

No sertão, meu amigo, ha verdadeiros malditos a quem até se nega uma sêde d'agua. Se passam junto á cerca dos pomares ou se atravessam as roças, logo os donos das terras perseguem-nos esconjurando-os. Fazendeiros poderosos chegam a ameaçá-los de morte, não admittindo, sequer, que transitem nas immediações das suas propriedades.

O conhecido emprezario Heller, que conheceste,

em noites de « primeira » montava guarda á porta do theatro e, se certo sujeito apparecia, arrepellava-se desesperado, resmungando, com o pincenez a dançar-lhe no immenso nariz :

— Está morta a peça. Está morta. Não dá para a despeza !

Foi assim na estréa da *Fatnilza* e, effectivamente, apezar da montagem deslumbrante, da musica lindissima e do desempenho irreprehensivel, a opereta de Suppé foi-se, porão abaixo. E o Heller garantiu-me que a presença de tal individuo no theatro era desastre infallivel.

O interessante, porém, é que o povo affirma que as criaturas de mau sangue exhalam um cheiro proprio, especie de almiscar, que as denuncia.

A Sciencia ri da abusão, mas não a destroe, isto é que é verdade.

Os chamados « olhos vermelhos » ou « olhos de sangue » são, talvez, os « zahuris » da antiga Hespanha, homens que, segundo a lenda, possuíam vista tão poderosa e penetrante, que viam atravez da terra, atravez das aguas, atravez do espaço.

E a superstição vai mais longe. Ha materias ás quaes os credulos attribuem prestigio nefasto — o gesso, por exemplo.

É crença que o gesso attrahe a miseria. Certa senhora desfez-se da maior parte das imagens do seu oratorio, que eram de gesso, mandando-as lan-

çar ao mar e, tempos depois, disse-me : « Que toda a sua vida mudara. Os negocios do marido corriam prosperamente e as doenças desappareceram-lhe de casa, como por milagre ».

Vens com a tua linda doutrina da enfermidade moral, que se transmite por contagio. Se assim é, meu amigo, não ha almas sans.

— E não ha, nisto estamos de accordo. Vou além : nunca haverá. O homem evita os males phisicos, ha meios prophylaticos que immunisam, ha remedios energicos que combatem as doenças do corpo, mas para reagir contra as impressões, contra as terriveis influencias do passado são, talvez, necessarios ainda vinte seculos de luminosa sciencia, de propaganda activa.

— Vinte seculos ! O homem ha de ser eternamente o typo que foi criado — com as suas superioridades e com as suas fraquezas. O mais emancipado é o mais supersticioso. Procura-lhe o fraco e has de vê-lo saltar. Tu, por exemplo, um racionalista puro, achas que o Honorio . . .

— Pelo amor de Deus ! Não pronuncies esse nome : É peor que o raio. Peior que o raio !

VICIO

— Os mythólogos, minuciosos, como são, esqueceram, todavia, de mencionar certos episodios como, por exemplo, o dos amores de uma das erynias Alecto, 'Tisiphone ou Megera, com o Desespero, amores dos quaes resultou o nascimento da furia Insomnia, que me persegue.

Os padecimentos de Orestes são verdadeiras delicias paradisiacas comparados ás torturas que me inflige a dira ou melhor — o demonio destacado para martyrisar-me.

Conheces o supplicio da esperanza, admiravelmente descripto pelo grande Villiers nos seus « contos crueis » ? Pois o supplicio que eu soffro é tanto como o daquelle miseravel que, fugindo de rasto pelo claustro e, abrindo a porta que levava á cerca do convento, quando, olhando as estrellas do céu,

respirando o ar perfumado do pomar já se julgando livre, ouve, partindo da treva, a voz do inquisidor que lhe facilitara perversamente a fuga para detê-lo no limiar da liberdade fazendo-o retroceder ao carcere.

A minha tortura começa quando de todo cahe o silencio das horas altas da noite. O somno vem a mim, sinto-o rondar-me, entornando-me nas palpebras o elixir da sua urna e logo se me alquebra o corpo, bocejo, ardem-me os olhos. Subo para o quarto fiado no prestigio da divindade consoladora, esse Hypnos irmão da Morte, que nos mergulha no Lethes, de onde sahimos alliviados e restaurados. Tanto, porém, que me deito, logo se desvanece o encantamento — alimpam-se-me os olhos e, em vez do Somno, é a Insomnia que me toma a si.

Ponho-me a ler, a fumar. O leito torna-se-me insupportavel: levanto-me, caminho no silencio da casa adormecida, abro janellas, debruço-me sobre a noite quieta, vejo esbater-se a sombra, colorir-se o céu com as côres da madrugada. Cantam os gallos, voejam os primeiros passaros, destacam-se os perfis da paisagem. É a manhan. Vou ao banho e saio como um enfermo que voltasse de operação dolorosa e exhaustiva: molle, vergado e, atirando-me desanimadamente no divan do gabinete, fico para ali inerte, vazio, sem vontade,

sem energia como se me houvessem arrancado a alma.

Se consigo, o que é raro, conciliar o somno, é peor: pesadellos terriveis atormentam-me; revolvo-me, debato-me em ansias e dou graças a Deus quando acordo afflicto ou algum incidente me desperta. Tenho experimentado inutilmente todos os calmantes. Queres que te diga? acho que estou caminhando para a loucura.

— Sabes como La Place definiu a inercia? «a tendencia da materia a perseverar no seu estado de movimento ou repouso». Pois bem, o teu mal vem de não attenderes a um principio rudimentar de physica.

Para que o somno seja tranquillo é necessario que o corpo vá para a cama repousado.

Depois de uma longa viagem sente-se ainda, por algum tempo, em terra, o rythmo do movimento: como que o corpo fica «impregnado» da oscillação do navio ou do jogo do vagão. O mesmo acontece com o espirito.

Toda a emoção fórte e persistente, para combatê-la, repondo os nervos em quietação, é necessario repouso. Trabalhas até tarde e ainda levas contigo o livro para o leito. Lês, isto é, provocas vibrações emocionaes, mantens a excitação cerebral e, quando te sentes fatigado, apagas a lampada. O espirito, porém, obedecendo á lei da inercia, insiste

no trabalho, «persevera no estado de movimento», como a polia, da qual se retira a corrêa, continua a girar em virtude do impulso adquirido.

Esses pesadellos a que te referes são como a marta que fica depois das tempestades : são as idéas que continuam a agitar-se desordenadamente no cerebro. Evita o trabalho nocturno ou, quando o não possas evitar, deixa-o meia hora antes de te recolheres e, nesse intervallo, como quem resfria o corpo antes de atirar-se n'agua, abre a tua janella e espairose contemplando o céu calmo, lavando os pulmões com ar puro, descansando o espirito para que as idéas assentem e não vão alvoroçadas, como um enxame atacado, zumbindo essa zoeira da insomnia, gerando esses vagos terrores, tão communs nas vigílias ou dando origem aos tremendos pesadellos de que te queixas.

Não havia homem mais irregular do que eu nem que mais zombasse dos preceitos hygienicos. Eu sahia da mesa do almoço para a mesa do trabalho, estudava, escrevia horas e horas a fio até que, um dia, senti os efeitos dos meus imprudentes abusos.

Primeiro vieram as enxaquecas, seguiram-se-lhes as gastralgias, por fim foram os intestinos que se revoltaram e então, meu amigo, tive de ceder á força e com soffrimentos. Hoje, se não sou um homem de saude invejavel, vou, pelo menos, em

passo mais seguro pela vida e sem tantos gemidos nem tantas triagas, como dantes.

Não estás caminhando para a loucura, como pensas; o teu mal é dos que se curam com methodo apenas, sem drogas. Sei que precisas trabalhar á noite porque as horas de sol não bastam para a tua faina, tão disputados andam agora os teus escriptos.

— Nem tanto . . .

— Eu leio, meu caro, e não ha muito, encontrei a tua assignatura em dois jornaes : um do Norte, outro do Sul.

— Transcripções, com certeza . . .

— Não, havia em ambos a declaração « original para . . . » Precisas de tempo e de idéas, mas precisas principalmente de saude. Sem ella succederá comtigo o que acontece com o Lauro que, possuindo a fortuna que sabes, não a gosa, entrevado, como está, passando os dias em uma cadeira de rodas, empurrado d'aqui p'r'ali, sempre a suspirar, a gemer, accumulando inutilmente os juroz do seu enorme capital.

Convence-te em tempo de que não podemos viver exclusivamente para o espirito. Lembra-te do apologo do romano e applica-o ao teu caso.

O corpo é materia bruta, o espirito é subtil. Mas o corpo é a lampada em que arde o lume admiravel.

Se nelle apparece uma frincha vai-se por ella o oleo e adeus esplendor.

Põe em pratica o meu conselho e pasmarás dos resultados.

E deita-te mais cedo. Ficas no gabinete até as duas da manhan. É demais. Estabelece um termo para o trabalho e não o excedas. Acho que até ás onze é bastante e, em vez de te levatares ás dez, levanta-te ás cinco e meia no verão, ás seis no inverno, sahe um pouco ao jardim, respira, alarga a vista passeiando-a pelo céu e pela paisagem, sacode os musculos, toma o teu banho tonico e irás robusto e alegre para as idéas. Verás como te acodem mais vividas. Experimenta, não custa.

— Sim, não custa, mas . . .

— Ahi vem o mas . . .

— É que eu, ás vezes, ainda trabalhando até as tres da manhan, não consigo dar conta de toda a minha tarefa.

— Pois, meu caro, que se perca uma parte da tarefa, mas que se não perca a vida. Precisas cuidar de ti . . . Agora, se queres suicidar-te . . .

— Suicidar-me . . . Eu ! ?

— E que é isso senão um suicidio lento ? Estás abrindo a cova com a penna. Que vais fazer agora ?

— Escrever um artigo.

— Não, senhor. Vamos dar uma volta pelo jardim. Estou com curiosidade de vêr os teus famosos

chrysanthemos. Deixa o artigo para depois. Estou agora convencido de que tens o vicio do trabalho.

— Vicio ! ?

— Sim, vicio. Tens o vicio do trabalho como outros têm o da morphina, da cocaína, do ether . . . Ainda que não tenhas necessidade de escrever has de sempre achar pretexto para anotar, rascunhar, corrigir coisas, rever paginas antigas. É um vicio admiravel, mas vicio e, como tal, deve ser corrigido. E vamos para o jardim. Lá estão as cigarras cantando.

SEGREDO DE CONFISSÃO

— Elle mesmo disse-te ?

— Sim. Elle mesmo.

— Arrependido, naturalmente . . ?

— Qual arrependido . . . Radiante !

— E como conseguiu elle realisar esse monstruoso attentado ?

— Com beijos.

— Com beijos ! ?

— Achas estranho ? Realmente, dito assim, parece uma fantasia ; entretanto . . . é um triste e veridico romance passional. Como sabes, logo que se confirmou o meu diagnostico, o Luciano fez leilão da casa e recolheu-se á fazenda, a dois kilometros de Petropolis, onde eu ia vê-lo todas as semanas acompanhando, verdadeiramente aterrado e com pena, a marcha devastadora da enfermidade.

O tuberculoso, em geral, illude-se ou procura illudir-se accusando melhoras que só elle percebe. Luciano, não. Quando teve consciencia do seu estado retrahiu-se, a principio; por fim, profundamente abatido, resolveu exilar-se do mundo. Mesmo na fazenda vivia como prisioneiro: sempre nos seus aposentos particulares lendo ou, com o olhar perdido, divagando, « á espera da hora infinita » como dizia com o seu triste e pallido sorriso.

Ás vezes ficava a mirar-se longamente ao espelho apalpando a face, a sentir a caveira sob a pelle. E dizia, sem emoção: « Cá está ella, meu amigo: a morte dentro da vida. »

Depois das hemoptyses, que o deixavam prostrado, tinha sempre uma palavra de resignação, um commentario humoristico com que disfarçava a melancolia que lhe abrumava os olhos intelligentes.

Uma noite, forçado a pernoitar na fazenda por um aguaceiro que inundou as estradas, ouvi-o até tarde e o assumpto da longa e dolorosa palestra foi o seu desvairado amor.

« Pouco me importa o mundo, morro sem saudade. O que sinto é ter de apartar-me, para o sempre della, deixando-a a outro. »

Disse-me palavras taes d'olhos altos, em enle-

vo, vendo, talvez, a imagem adorada da criatura que foi a sua unica felicidade.

« O coração é um órgão incompleto. Só ha vida perfeita quando dois corações se ajuntam completando-se. Ella não poderá viver da saudade, que é um sentimento exhaustivo. Só o amor nutre. Tão certo é o que digo que aqui estou eu como exemplo : o que ainda me prende á vida é o amor, só elle. Tenho aqui commigo duas imagens : a de Christo e o retrato de Eulina : a morte no martyrio, a resignação divina e o esplendor da vida. »

E, até a madrugada, só do seu amor falou. Calava-se ás vezes, e, d'olhos baixos, quieto, passando vagarosamente a mão pela barba fina, ficava abstrahido. Vendo-o assim perguntei-lhe :

— Em que pensas ?

E elle, levantando a cabeça de golpe, respondeu, sempre com o triste sorriso :

— No outro . . . No que me ha de substituir.

Em uma das minhas visitas á fazenda encontrei-o a passeiar na varanda, agitado, desfolhando nervosamente uma rosa. Vendo-me, estacou e, com os olhos lampejantes fitos no meu rosto, disse em surdo, como amedrontado segredo :

— Sabes ? Eulina está perdida . . . Tuberculose. E entrou pelo meu espanto com este commentario :

— É estranho ! Não achas ? Dois noivos . . .

Se não vivessemos apartados, como vivemos, seriam capazes de dizer que eu a havia contaminado. Ha mais dum anno que não nos vemos.

— Mas como foi isso ? Uma moça tão forte, que parecia vender saude, sem antecedentes na familia . . . ?

Elle encolheu os hombros e continuou o seu passeio ao longo da varanda.

— Está tuberculosa. O Tasso escreveu-me. É um caso perdido, como eu. É tudo quanto sei.

Na manhan do dia em que morreu, quando entrei no quarto, o misero sorriu, feliz, e, fazendo sahir as pessoas que o cercavam, pediu-me que fechasse a porta á chave, fez-me sentar á sua cabeceira e, em voz sumida e arrancada, disse-me :

— Tenho poucos minutos de vida . . . E ella ? ! Como irá Eulina ?

Os seus olhos, immensos e encovados nas orbitas, brilhavam sinistramente e um sorriso estranho, maligno, crispava-lhe o rosto livido. Encarou-me muito tempo, mudo, respirando a offegos ; por fim perguntou-me :

— Não descónfias de mim ?

— Desconfiar de ti . . . Porque ?

— Porque essa morte . . . a morte de Eulina . . . E empolgando-me violentamente o braço : Não me confessei, sabes ? Recusei o padre. A ti, entretanto, que és meu amigo, a ti quero dizer toda a

verdade e pedir que me absolvas. Fica sabendo que quem matou Eulina fui eu.

— Tu ! Como ? !

— Com beijos. Não penses que eu seria capaz de macular aquella boca com os meus labios impuros, não ! Os beijos iam nas cartas que eu lhe escrevia. Foi o ciume, meu amigo, o terrivel ciume que me suggeriu essa idéa tenebrosa. Terminada a minha correspondencia amorosa, que era diaria, eu cobria de beijos as paginas das cartas, beijos que iam impregnados de germens lethaes.

Sendo as minhas palavras sempre affectuosas e sabendo Eulina dos beijos que nellas iam, beijava, por sua vez, os periodos meigos em que eu lhe mentia annunciando melhoras imaginarias e, assim, iam-lhe os labios recolhendo, no venenoso rastro invisivel que os meus haviam deixado, o « morbus » nupcial que nos ha de unir para o sempre. O ciume inspira crueldades inauditas. Fui mais astuto e subtil do que a dama Lucrecia.

E, de novo, sorriu.

— Lendo o que copiosamente se escreve sobre a tuberculose, não sei porque (bem sei, por ciume) demorava a minha attenção em tudo que se referia ao contagio. Deixá-la a outrem . . . Não imaginas como tal pensamento me torturava e foi elle, acredita, que precipitou a minha morte, que está por pouco.

Um dia tive essa idéa dos beijos. Ao cabo de quatro mezes Eulina escrevia-me tristemente queixando-se de magreza, abatimento, insomnias, tosse. Os pais escreveram-me tambem no mesmo sentido. Veiu, por fim, a carta do Tasso : tuberculosa.

Era minha ! Minha só ! Minha ! E foram os meus beijos ! Foram elles ! E agora, que conheces o meu horrivel segredo, acautela-te, como medico, contra o novo veneno e desconfia dos namorados. O amor inspira o bem e o mal.

Sou egoista, confesso. Lastimo a morte d'aquella formosa criança, porque é uma criança — dezoito annos ! — mas a minha agonia seria longa e dolorosissima se eu e deixasse no mundo com a sua belleza e a sua graça. Morro tranquillo. Vou esperá-la no Além.

Ás cinco horas da tarde, sempre com o triste sorriso, extinguiu-se serenamente em meus braços.

Obtive uma das cartas que elle escrevera a Eulina e mandei examiná-la.

— E então ?

— Não mentira.

— Que infame !

— Não sei se era um infame, nunca o tive em tal conta ; sei que amava loucamente a infeliz moça que arrastou ao tumulo.

— E agora ?

— Agora . . . Agora é não nos fiarmos em car-

tas, meu amigo. Uma lenda rhenana fala da carta de certo nix que, aberta por um portador indiscreto, jorrou tão abundantes aguas que inundaram toda uma cidade . . . E agora ahi temos a de Luciano, que, com atomos de beijos, destruiu a mais radiante belleza da nossa terra.

— Porque não escreves alguma coisa sobre esse caso, realmente curioso . . . ?

— Porque . . . porque é mais do que um segredo profissional, é um segredo de confissão . . .



INTER POCULA

— A vida é uma formidável campanha, campanha sem treguas, como nunca houve, nem jámais haverá entre os homens, apesar de todos os engenhos mortiferos com que elles se procuram destruir e da furia sanguinaria com que se investem ; e essa campanha, só comparavel á que se travou entre as legiões archangelicas, na éra ainda sem dias, pela disputa do Céu, começa no momento que o beijo amoroso se materialisa no embryão.

Duas forças encontram-se no organismo em inicio, no plasma informe, ou cháos humano : a força do Bem e a força do Mal : o verme infusorio ou microbio, e a cellula, ou phagocyto, e trava-se, desde logo, a campanha, campanha que é a vida.

Calumniamos o tumulto attribuindo-lhe a vérmina que nos destróe o corpo. Essa fauna tragica,

chamada da morte, não é mais do que a legião mysteriosa que, desde o nosso principio na carne materna, abre luta com as defensoras da vida, as cellulas, e que, logrando vencê-las, assenhoreando-se do corpo, procede nelle como invasores em praça conquistada e abandonada : tudo destruindo, arrasando.

— Queres dizer que a vérmina, a bicharia sor-dida vive dentro em nós ?

— Sim, e a luta que sustenta com as cellulas é que nos agita, é que nos mantem, é a vida, em-fim. Tudo é bicho, meu amigo. Has de vêr — talvez não vejas, por que a Sciencia é tardigrada — verão, de certo, os nossos descendentes — que tudo quanto a Poesia exalta não é mais do que um es-fervilhamento, mais ou menos numeroso, de vi-briões. Não ha emoções, não ha sentimentos ; não ha intelligencia, não ha vontade — tudo vérmina e cellulas.

A loucura, por exemplo — que é isso senão um entricheiramento de microbios em certas circum-voluções cerebraes ? Tenho feito descobertas ma-ravilhosas no meu laboratorio e estou certo de que, se publicasse o resultado das minhas pesquisas, des-appareceriam do mundo todas as illusões consola-doras. Não quero, porém, nem devo acabar com essas forças superiores, que são estimulos, as me-lhores alavancas do Progresso.

Não faças cara ás «alavancas». Bem sei que são hoje amesquinhas pelos criadores de novidades ; mas não sejamos injustos : as alavancas prestaram altos serviços á Rhetorica, mais, talvez, do que o leito de Procusto, hoje desconjuntado pela ironia, e do que a espada de Dámocles, considerada ferro velho.

Mas, dizia eu : a vida é um esfervilhamento de vérmina. Tanto mais forte é o homem quanto maior é nelle o numero de bichos. Os nossos primeiros pais foram dois infusorios, é por isto, talvez, que dizem havermos tirado a nossa origem d'agua. Taes primitivos sentiram-se, aproximaram-se por afinidade e, inaugurando mudamente o idyllio, proliferaram aos biliões.

Um nucleo de prole plasmou, com a cal da terra, o primeiro osso e, sobre elle foi secretando a massa pastosa da primeira fibra muscular. O primeiro homem devia medir uma pollegada, se tanto, e esse minimo foi crescendo com o desenvolvimento das colonias animaes, dilatando-se, desenvolvendo-se por aggregações de novos seres, até attingir o porte do cyclope. Depois começou o periodo regressivo. Nós diminuimos sensivelmente, desfazemo-nos pouco a pouco. Essa diminuição explica-se pela desnutrição ou enfraquecimento das cellulas neste ou naquelle departamento que se tornam, a principio, nullos como desertos e, por fim, desappa-

recem. Que é o cocyx senão um vestigio de cauda ?

Cada homem é um microcosmo. Isto já foi dito, bem sei ; eu apenas confirmo. O macrocosmo, que é a natureza ambiente, vive em guerra constante com o microcosmo. Respiras, e, cada folego que sorves, vale por uma invasão de inimigos. Comes, bebes etc., e todos esses actos da vida material são verdadeiras ciladas, como as que urdia Ulysses contra a ingenuidade de Ilion . . . que somos nós.

As cellulas são as forças vitaes do nosso organismo e assim como nelle trabalham extrahindo do alimento a substancia, afinando os nervos ; umas circulando pelos³ musculos, outras correndo pelo sangue ; tal grupo examinando a medulla, outro fiscalizando a massa encephalica, são, ao mesmo tempo, as activadoras da energia e as amazonas da defesa organica, sempre vigilantes.

Desde que nos penetra um elemento pernicioso as cellulas, ou phagocytos, avisados pelas sentinellas espalhadas em todos os órgãos e membros do corpo e até nos póros, precipitam-se fogosamente, em exercito, para deter o invasor. Vencem ou são derrotados, quero dizer : garantem a saúde ou cedem á morte.

No momento da luta realisam-se verdadeiros conselhos no cerebro, que é assim como o estado maior, de onde se destacam para o commando as

cellulas, como lhes chamarei ? vá lá : intellectuaes. Taes discussões que, por vezes, se acaloram, idas e vindas de mensageiras, marchas e contra marchas, investidas e recúos, choques violentos de forças, etc, provocam a confusão da qual resultam as febres ; e os delirios não são mais que a balburdia de taes movimentos alvoroçados.

Nunca entraste em uma das Casas do Congresso em dia de debate renhido ? Querem todos falar a um tempo, cruzam-se ápartes, resôam os tympanos, estouram ameaças e affrontas . . . Pois é exactamente o que se dá no cerebro em momento de crise aguda. Berram as cellulas do hemispherio direito, bramam as do hemispherio esquerdo, sôam os tympanos, é a enfezante zoada que nos azoia e que attribuimos á fraqueza.

Não raro ferve a bordoadada rija, e temos as cephaléas produzidas pela pancadaria parlamentar. Além das guerras ha as revoluções, as revoltas, os conflictos intestinos. Tens vontade de comer uma gulodice e, como é difficil reagir contra o appetite, lá vais ao prato indigesto ou á fruta acida. Instantes depois, entourido ou dyspeptico, começas com ansias e eructações. É o estomago que protesta. Que acontece ? as toxinas causadoras do embaraço gastrico dispersam-se, entram na circulação, invadem as visceras, insinuam-se pelo sangue, sobem ao cerebro como os gauleses do Brenn entraram no

Senado romano, e temos a enxaqueca, as náuseas, a prostração e como, com a desordem, os phagocytos são obrigados a fazer a policia do corpo, succede, muitas vezes, que o inimigo, que espreita uma occasião azada para assaltar o microcosmo, realisa o seu intento e, achando todas as entradas desguarnecidas, avança e toma, de golpe, a praça.

E ahí tens porque, não raro, uma ligeira indigestão, assume, de uma hora para outra, caracter grave e dá com a victima na sepultura.

Foi Ulysses quem destruiu Troya? não, elle apenas distrahiu os priamides que se descuidaram da defesa da cidade heroica. Não é a indigestão que mata, mas o que vem por ella. Mas as minhas descobertas são outras mais serias, mais importantes. Vais vêr.

Conheces a Nathalia, aquella admiravel loura, dum ar tão puro e mystico que lembra as virgens extacticas dos preraphaelitas? São os dezeseis annos mais candidos que conheço. Pois, meu amigo, querendo fazer uma experiencia definitiva sobre o beijo, que os tantos poeta celebram e decantam, pedi a Nathalia que tocasse com os labios immaculados uma laminula, que logo submetti ao microscopio. Ah! meu amigo, o beijo da virgem deixou, como rastro, toda uma fauna horrenda que me fez pensar naquelles monstros prehistoricos que patinhavam vagarosa, pesada-

mente a terra « ainda humida e molle do diluvio », como disse Hugo.

Se vires ao microscopio, que é o espelho da Verdade, os truculentos animaes que deixaram na laminula os labios de Nathalia, estou certo de que nunca mais te atreverás a provar o sabor do coração na boca das mulheres. Fiquei horrorizado e, desde então, sempre que vejo uma rapariga bonita, de labios humidos e vermelhos, tremo covardemente, como deviam tremer os christãos diante das jaulas ou curros do Colyseu.

Entre um beijo e um tiro de garrucha, não hesito. Prefiro o tiro, porque a bala póde ser extrahida. Ha sempre probabilidade de salvação. Vives no mundo dos sonhos; eu não saio do real. Andas sempre com os olhos nas estrellas; eu não tiro os meus da lente do microscopio e cerco-me de cautelas, forrando-me contra as perfidias que andam dispersas no ar. Hei de morrer quando desaparecer em mim a ultima cellula. Não morrerei de enfermidade, acabarei como um fogo que se extingue á falta de combustivel; como um fumo que se dissipa ao vento.

Desinfecto tudo : a casa . . . Não estás sentindo um cheiro estitico de formól? é a primeira muralha invisivel. Desinfecto a roupa que visto, os livros que leio; esteriliso os alimentos, a agua; pastoriso o leite e o vinho. E é preciso, meu caro. A

vida é uma campanha acerrima. Estás gordo e córado e ris da minha pallida magreza... pois eu lastimo-te, tenho pena de ti. O ádipe é um meio, um maravilhoso campo de cultura microbiana. Os homens magros resistem muito mais do que os gordos. Onde ha muito combustivel os incendios são rapidos e de combate difficil.

A proposito : vamos provar agora um velho cognac de cem annos que ahi tenho... Ou preferes aquelle alambreado vinho syrio ?

— Eu ? Eu prefiro a tua rede, homem cerebri-
no. Olha que estamos a discutir micro-organismos e a estudar geographia pelos calices desde uma hora da tarde, e são cinco. Começamos ao almoço, pelos vinhedos de França e já chegamos ás ilhas do Egeu, amadas dos deuses. Nada ! Nem mais uma gota.

• E, para respirar, abri largamente as janellas recebendo a aragem pura e cheirosa do jardim.

— E que dizes das minhas idéas ?

— Eu... ? dessa historia de vérmina e de células, lutas internas e não sei que mais : digo-te que estou convencido de que aquelle vinho grego tinha alguma droga, porque tambem não me sinto muito... lá para que digamos. E se dormissemos um pouco até a hora do jantar ? ...

FADIGA

— Infelizmente, não a conheço apenas de leitura, como tu e outros : experimentei-lhe os terribes efeitos em mim mesmo e poderia additar á obra de Mosso curiosas observações pessoaes que fiz durante a crise mais aguda de fadiga que me levou aos campos de Uberaba.

No «surmenage», ou esgotamento nervoso, como exigem os puristas que se diga, o que mais me incommóda e impressiona é a sensação de vazio. Fico com a cabeça ôca como se me houvessem arrancado os miolos e com um sóido crebro, persistente, em tudo igual ao que se ouve nas conchas, que um de meus amigos affirmou ser a nostalgia da vaga.

A enxaqueca que, em mim, é sempre um protesto do estomago, raramente apparece como sym-

ptoma de fadiga intellectual. Os phenomenos que me occorrem são todos psychicos : idéas extravagantes, desejos bizarros, sonhos : umas vezes eróticos, outras vezes macabros, sempre, porém, frustrados truncados, confusos ; ou então é a insomnia horrivel o peor dos tormentos que nos affligem. Nessas vigílias doentias soffro por acuidade. A excitação hyperesthesica agrava-se tão intensamente que eu, calmo, como sou, frio, por vezes apathico ; eu, que me domino e não me deixo arrastar por impressões de momento, torno-me de susceptibilidade ridicula, timido, covarde, incapaz de qualquer reacção.

Os rumores crescem em volta de mim. O lento bater do relógio no silencio nocturno sôa-me fragorosamente em retumbantes badaladas : o bulicio de um insecto, o correr precipite de um camandongo, o lentejo de uma gotteira, o sussurro das arvores, tudo augmenta de sonoridade. E eu quedo, estarrecido de pavor, verdadeiramente assombrado pelos rumores fantasticos que me perseguem. Apago a lampada. A treva opprime-me, suffocame, asphyxia-me. Faço luz de novo. É peor. São sombras que cambaleam, indo e vindo, tragicas ; vultos que se esgueiram sorrateiros, vozes que cochicham, passos que se precipitam, surdos.

Uma noite — tinha eu diante do leito o guarda-casacas, cujo espelho reflectia o fundo do quarto — trabalhara até tarde, sem sentir a menor

fadiga e deitara-me com somno. Instantes depois de me haver encolhido sob as cobertas — fazia um friozinho agradável — rispido estálo sobresaltou-me. Era na porta. Pensei em ladrões. Soergui-me firmado aos cotovellos, d'olhos fitos, attento. O coração batia-me tão forte que eu lhe ouvia as pancadas. Repetiu-se o ruido mais trépido. Saltei da cama e fechei a porta á chave.

De volta, sentindo o frio do soalho, que me regelava os pés descalços, ao passar diante do guarda-casacas, uma luz livida alumiou o espelho e eu vi, « vi » distinctamente a imagem de meu pai : de pé, os braços cruzados, contemplando-me com serenidade. Vacillei e fui d'encontro ao leito alarmando a casa com um grito agudo.

Acudiram-me. Eu tremia, tremia covardemente e, durante muito tempo, não tive animo de olhar o espelho onde sempre me parecia estampar-se a sombra impassivel do finado, tal como me apparecera naquella noite de que me não esqueço.

Guardei o segredo da estranha visão para evitar os commentarios irrisorios da minha gente.

— É o caso do « Lui » de Maupassant. Conhecês, com certeza.

— Sim, conheço. Foi uma das primeiras manifestações da loucura que nublou aquelle grande espirito, victimado pela fadiga e pelos excitantes.

Outro symptoma que se manifesta em mim : o mêdo da morte, a idéa de ser enterrado vivo.

Tal obsessão é commum. Um dos nossos mais notaveis poetas era perseguido por esse pensamento sombrio. Uma vez, depois da leitura da celebre poesia de Rollinat, que Raymundo Corrêa trasladou a vernaculo em versos admiraveis, confessou-me que não podia varrer do espirito essa impertinencia lugubre.

Não era a morte propriamente que o aterrava, mas a preocupação de adormecer em somno cataleptico e ser enterrado vivo. Acordar no fundo do tumulo, existir, sentir-se e não poder viver, não poder lutar, immobilizado sob o peso da terra, emparedado no caixão acabando pouco a pouco como uma chamma que se extingue no vacuo . . . Eu tambem, nas minhas crises nervosas, tenho essa tremenda vertigem. É horrivel ! meu amigo. Horrivel !

— E que fazes quando te sentes assim ?

— Reajo, emquanto é possivel. Ponho-me a andar pelo quarto, abro as janellas para sentir o ar, vêr as estrellas, ouvir o barulho dos ramos, vozes humanas, pôr-me em contacto com a vida. É horrivel ! Os medicos aconselham-me um absurdo : « Que deixe de pensar . . . »

Francamente . . . tal conselho, partindo de homens illustrados, chega a ser ridiculo. O cerebro

tem a sua vida áparte, funciona independente da vontade. Não querer pensar é tão absurdo como não querer que o coração pulse.

Tentei oppor-me ao pensamento, abafar a imaginação, repellindo as idéas que me occurriam, querendo embrutecer-me, materialisar-me. Empurra as ondas que se atiram, em quebrança, á praia . . . Repulsa-as se és capaz. Pretensão só admissivel na cabeça bronca de um Xerxes.

— Ha um meio de combater o esgotamento nervoso que, para mim, é mais um canção da attenção do que da intelligencia — é compor simultaneamente dois trabalhos de intenções oppostas, de ideaes antagonicos. É um processo de que me sirvo e ao qual dei o nome, um tanto rebarbativo, de « antipodismo ».

Quando eu escrevia *Terra Nova*, livro que a critica considera a minha obra prima, senti, muitas vezes, phenomenos de fadiga. Para combatê-la preparei novas tiras, numerei-as, dispu-las a um canto da mesa e repousava da observação arguta do romance contemporaneo passeiando o espirito no jardim fantastico do *Philtro de Viviana*, esse poema em prosa que, ainda hoje, é a minha melhor recommendação para as damas. Sahia do ambiente estreito da Verdade para o espaço largo do sonho ; deixava o real e entrava pela ficção e, mais d'uma vez, depois de haver escripto umas tiras do *Phil-*

tro, tornei com disposição activa á *Terra* como um homem que, tendo feito algumas voltas no seu jardim, regressa ao gabinete para continuar meticolosa analyse scientifica.

Alguns medicos recommendam aos escriptores exercicios physicos, trabalhos braçaes, gymnastica, esgrima, jardinagem, ou caminhadas a pé. Tolstoi, segundo dizem os seus biographos, lavrava a terra como um « mujik ».

Outros racham lenha. Eu não dou para taes esforços : sou preguiçoso. Se escrevo é porque a idéa me acicata. Vou para a mesa como os escravos seguiam outrora para o eito. E não sou capaz de outro exercicio, sou um inutil para o mais. Os que não quizerem adoptar o meu processo devem procurar distracções nas palestras intellectuaes, em espectaculos, passeios. Tayllerand repousava . . . conversando com a mulher que, segundo elle proprio affirmava, era de estupidez grandiosa. A mim a estupidez augmenta a fadiga. Quando converso com um imbecil ou pedante tenho a impressão de carregar penhascos. Quem sahe de intensa claridade atordôa-se ao entrar na escuridão. Emfim . . . o melhor descanso intellectual é o somno, sobretudo quando o escriptor deixa a mesa de trabalho contente do que fez.

Um bom somno refaz. O somno é uma accumulção de energia, um reabastecimento cerebral.

Mas na vida do escriptor ha alguma coisa peor do que a fadiga, é a inercia da intelligencia.

— Inercia da intelligencia . . . ?

— Sim . . . Pensar e não poder traduzir o que pensa, não poder coordenar a phrase, não achar o vocabulo, duvidar do que escreve . . . É horrivel ! Em compensação quando o cerebro acorda as idéas precipitam-se tumultuosamente como as aguas de um rio contidas durante algum tempo quando, crescidas, levam de roldão a comporta e arrojam-se impetuosamente em macareus violentos. Emfim . . . Vamos tomar um grog. Está quente.

MENINA E MOÇA

— Outro que a não conhecesse attribuiria, de certo, á vaidade as lindas lagrimas que lhe estão toldando os olhos.

— Á vaidade ! Por que ? . . .

— Uma das minhas clientes, sabendo que a filha havia attingido o supremo grau da iniciação feminina, córou despeitada e, sem poder sustar as lagrimas, (estou quasi a dizer de revolta), deixou escapar uma phrase que foi um lamento dorido da vaidade : « Estou velha ! »

— Ah ! não, doutor : Não me preocupo comigo. Todos os meus cuidados são para minha filha. O meu espelho é ella. Olhando-a, revejo a minha mocidade e tanto me basta como ventura. Por que choro ? Não sei. Ha lagrimas que nos sobem do coração sem soffrimento : são alegrias

timidas, felicidades discretas, sorrisos que se disfarçam em pranto. Sinto-me feliz, muito feliz e até orgulhosa, mas um presentimento acabrunha-me.

— Presentimento ? Presentimento de que ?

— Ainda hontem, quando a deitei, era minha, toda minha e hoje . . .

— É uma mulher. A noite é uma Canidia terrível, minha senhora. V. Ex.^a pensa na separação proxima ? Já está a vêr a noiva coberta de flores de laranjeira, não é verdade ? Compreendo. É o coração materno, o coração egoista que se revolta sentindo-se ameaçado no seu amor. Que fazer ? Nós temos de continuar a obra divina, somos forçados a cumprir a sentença do Paraiso. Disse-me que todos os seus cuidados são para sua filha. Permitta-me que a auxilie, como medico da casa, que tambem se interessa pela sorte da que a fez chorar de ventura, porque a viu nascer. Pois bem, os cuidados que lhe recomendo resumem-se em uma palavra, que é o segredo da felicidade na vida : Hygiene. Desta parte encarrego-me eu ; o mais é com V. Ex.^a

As mãis, em geral, entendem que a puberdade é a morte da innocencia. Mal a menina desapparece querem logo que todos vejam a mulher e a attenção, que devia ser para o espirito, dirige-se imprudentemente para o corpo, para os vestidos. Logo lhes alongam a barra, cingem-nos mais á cin-

ta, decotam-nos com interesse de que todos saibam que a pequenita da vespera foi promovida a senhora. E assim, quando justamente começa á expansão, oppõem-se embaraços á natureza com arrochos oppressores e sapatos mais altos do que os cothurnos tragicos.

Minha senhora, o dia não surge de improviso ; a luz vem vindo pouco a pouco ; a transição não se faz de salto. Bem sei que os trajos da donzella não devem ser os mesmos da menina ; mas não confundamos conveniencia com exaggero nem evolução com precipitação. Uma coisa é compostura, outra é garridice.

A menina, entre nós, passa de criança á mulher sem demorar-se nesse periodo gracioso da adolescencia que é, verdadeiramente, o que corresponde ao do desabotoar na flôr.

A menina é tão pura como a Miranda do poeta e é quasi um crime estragar-lhe a innocencia com essa cultura intensiva da vaidade em que são tão culpadas as mãis.

O pudor é um véu natural. Ella que vá, aos poucos, refugindo ás crianças e procurando o meio que a attrahe : o instincto servir-lhe-á de guia. O que não convem é atordoá-la tirando-a, de repente, da companhia das suas mimosas amiguinhas, porque assim : ou ella julgará que tal convivio lhe era prejudicial ou ficará desconfiada de que se tornou del-

le indigna por culpa da natureza . . . E, em vez de receber contente a sagração da vida, te-la-á como estygma ou mácula que a incompatibilisa com a pureza.

Physiologicamente é uma mulher, a alma, porém, essa não se modifica da noite para o dia. E a alma ainda não se apercebeu da mudança que se operou no corpo da menina.

— Mas o doutor não acha conveniente receitar um tonico ?

— Tonico ? Para que ? V. Ex.^a está saturada de Michelet. Grande poeta, não ha duvida, mas injusto com o bom Deus. Para o autor da *Biblia da Humanidade* a Mulher é uma doente que deve andar sempre resguardada e aquillo que nella é a prova mais forte e mais bella da sua energia criadora elle apresenta, com palavras de lastima, como manifestação morbida, digna de piedade. Custou-lhe cara essa interpretação da natureza feminina. A satyra trouxe-o de canto chorado durante muito tempo. Quer V. Ex.^a uma receita ? Pois bem. Aqui vai. Será a primeira que formulo para a jovem senhora. Preciso, porém, de um pharmaceutico de confiança para aviar a prescripção e vou indicá-lo : o campo.

Saia com ella, deixe-a uns mezes na liberdade da natureza e as mesmas arvores, as aguas, os passaros e o sol, tudo que vive na terra e no espaço,

irá iniciando a nova Mulher, e o corpo, desembaraçado, desenvolver-se-á, vigoroso e esbelto. Não ha tonico que valha o bom ar oxygenado, a bôa agua viva das fontes, um fruto maduro e a luz.

Em vez de a levar a bailes e espectaculos, nos quaes o menos que perderá serão as horas de somno, deixe-a na paz do campo, deitando-se cedo, acordando com os passarinhos e sahindo com elles para a frescura sadia das mattas, á hora em que a vida é mais meiga e a luz mais doce e formosa, que é a da madrugada. E, principalmente, não lhe tire a simplicidade que é o maior encanto da alma feminina.

Que vá, pouco a pouco, concebendo a vida e interpretando-lhe os segredos.

Se a vir transviar-se, guie-a ; deixe-a, porém, só para que, olhando para os dois lados, possa despedir-se da infancia, dos seus primeiros sonhos, brincando ainda com a boneca e possa tambem olhar o novo caminho onde, mais cedo ou mais tarde, encontrará o seu . . . primeiro amor.

Se fosse, como algumas que conheço, franzina de corpo e de espirito leviano eu . . . é possivel que receitasse drogas e conselhos, mas para uma menina pura e forte — e eu a dar-lhe com a menina ! — nada mais tenho a dizer senão que janto hoje nesta casa feliz para celebrar o grande acontecimento.

Havia aqui, até hontem, uma criança adoravel e hoje ha duas senhoras e queira Deus que eu ainda possa sacudir nos joelhos tremulos aquelle que ha de continuar as travessuras do ponto em que as deixou a maman. A proposito : Que disse o barão?

— Nada. Sorriu com os olhos marejados de lagrimas, como eu.

— Ah ! não ha como a velhice para amollecere os corações . . .

— A velhice, doutor ? . . .

— Velhice . . . Desculpe-me. Eu queria dizer: amor.

THEORIAS

— Rir não basta, meu amigo. É preciso attentar seriamente nos factos, observá-los de animo sereno. Quanta coisa que os nossos avós tinham por impossiveis são hoje realidades comezinhas ?

Não acreditas que a alma se desprenda ou exteriorise ? Pois, para mim, tal phenomeno é tão verdadeiro como qualquer dos actos da vida material, que os nossos sentidos apprehendem e verificam.

O corpo, que é terra, move-se no seu elemento, a terra ; o espirito, que é ethereo, agita-se nas abstracções : o tempo, o espaço e atravessa-os com a rapidez instantanea da vontade, quando corre pelo fio da imaginação. Vai onde lhe apraz — recúa a eras immemoriaes, mergulha na sombra humida e tragica das florestas primitivas ; subito, em ar-

rancada, ei-lo pairando acima dos templos do paganismo : na Grecia clara, no funebre Egypto, na India luminosa ou, mais ousadamente, vai rondar a porta sellada do Futuro.

Lês uma pagina antiga e immediatamente transportas-te aos sitios descriptos pelo autor e sentes a vida, pisas o solo, respiras o ar, acotovellas a multidão imaginaria do trecho . . . Porque ? porque tua alma vai por ti, vóa pela suggestão e chega ao que podemos chamar, com propriedade, o ideal.

Grandes são os escriptores que conseguem, com o prestigio de um verso ou de um periodo, realizar prodigios identicos aos que são attribuidos aos nigromantes — evocar almas. Uns tiram-nas do corpo vivo, outros invocam-nas dos tumulos.

Se se pudesse, em dado momento, materialisar os espiritos errantes, quantos homens, que passam por modelos de virtudes, seriam surpreendidos em attitudes pouco recommendaveis, como as dos velhos biblicos, por exemplo, que, com indiscreção lasciva, escondidos entre as hervas altas, ficaram babosamente contemplando o lindo corpo virgem de Suzanna no banho.

O tempo, quem o vê ? ninguem. Elle passa continuo, perenne, roça-nos com a sua aza que é, ao mesmo tempo, incisiva como o gume das foices e fecundadora como o ferro do arado. Se aqui ceifa, adiante prepara o leito em que deve brotar a se-

mente. O seu trabalho é a vida, com a morte no fim, como indice da mesma vida.

Assim tambem não vemos as almas que esvoaçam buscando ideaes, que são o alimento do espirito, e variam como varia o cibato, entre os animaes. Esta alma é ambiciosa, insaciavel de ouro; outra só anhela a poesia ; quer outra o amor. Essa contenta-se com a Fé ; aquella faz questão de gloria. Cada qual vai ao que lhe apraz, ao que mais lhe sabe.

O corpo é apenas um ninho ; a alma é ave. O que nós chamamos distracção não é mais do que uma fuga do espirito. Os grandes distrahidos são os que mais pensam, isto é : os que mais divagam procurando verdades . . . ou sonhos : sabios e poetas.

As abelhas que mais se afastam da colmêa, as que se distanciam em vôos mais longos são as mais laboriosas, mais uteis á communiidade.

Commigo dá-se frequentemente o phenomeno da exteriorisação da alma : quando leio, quando ouço um trecho de musica suggestiva, quando admiro uma tela ou um grupo esculptural. Saio de mim e deixo-me levar pela idéa esthetica ; transporto-me á inspiração do autor, mudo-me na personagem, passo-me ao sitio descripto ou figurado.

Pensas que vou ao Lyrico como simples dilettante ? não. Vou para gosar as minhas metamor-

phoses, para viver em avatares e assim, ouvindo o « *Lohengrin* », torno-me o cavalleiro do Cysne ; ouvindo a « *Aïda* », remonto aos dias pharaonicos e todo o espectaculo da scena torna-se para mim uma realidade na qual me integro, gosando as delicias que nella apparecem ou soffrendo, não como o actor, que apenas simula, mas como a propria personagem que elle reproduz, como o espelho reflecte insensivelmente a imagem que se lhe antepõe.

Dirás, com a tua eterna e rigida indifferença, que sou um romantico. Esta palavra tão nova não define o que vocês chamam estados d'almas ou psychoses, porque os romanticos são tão velhos como o mundo.

O espirito é fugidio, arisco e onde elle menos vive é justamente no corpo, como pouco vivem as abelhas nas colmêas.

Diante daquelle pobre homem que chloroformisaste tiveste um grito triumphante :

— Então ? Que é da alma superior que assim foge, vencida pelas ondas fluidas ? Que é da alma immortal, a famosa Psyché ? »

Não, a alma não é nem será jámais attingida. A alma reage como a ave quando vê o seu ninho atacado, mas abandona-o se o não póde defender e fica a esvoaçar em volta e, tanto que o inimigo desaparece, torna. Se encontra o ninho destruido refá-lo no mesmo ramo ou vóa mais alto e vai cons-

truir outra habitação nas franças da arvore agasalhadora, senão em outra mais escondida na escurura.

Se o nosso espirito vivesse aprisionado no corpo a vida seria uma acção individual e não, como é, uma acção collectiva.

Ha varias castas de espiritos, tendo, cada qual, a sua tendencia perfectamente definida — ha os investigadores, os batalhadores, os constructores, os beneficiadores e tambem os perniciosos. O que não ha são espiritos inertes, porque a natureza não comporta inutilidades.

As flores toxicas são aproveitadas na therapeutica. Dentro da propria morte a vida está pullulando — o verme é a podridão que se move.

A alma do criminoso é como o abutre entre aves pacificas.

A furia do crime é um instincto e o instincto póde ser contrariado e até aproveitado.

O «*genus irritabile vatum*» de Horacio mostra que os homens de genio, ou alto vôo, como as aguias, são sujeitos ao furor e cahem frequentemente em melancolia. E que é a melancolia senão fadiga d'alma?

O crime é um produto da imaginação, como os poemas. Cellini era um artista delicado e não raro, tendo acabado de cinzelar um primor, ia postar-se, embuçado, a uma esquina para apunhalar um inimigo.

— Collocas, então, os homens de imaginação na galeria dos criminosos ?

— Inverte a ordem dos factores : colloco os criminosos na galeria dos homens de imaginação.

— Estás lendo Lombroso ou Ferri, aposto ?

— Enganas-te. O que estou é convencido, convencidissimo de que só a alma vive. O corpo é tão inerte como uma casa de bôa pedra.

— Quê, homem . . . Negas, então, o movimento?

— Não. Digo que o corpo é terra, mais nada. Damos flores ou espinhaes, conforme a sementeira que a ave divina traz de longe no vôo em que ascende ao ideal ou rasteja no paul. Se vivemos é como vive a terra.

— Não achas que é muito pouco ?

— Acho que é muito, que é tudo.

— Emfim, são theorias e theorias, tanto como gostos, não se discutem. Mas se somos terra, vamos regar-nos com alguma coisa, um pouco de champagne gelado, por exemplo. Topas ?

— Sim. Está quente a valer.

VENUS

Voltávamos do « quadro » das crianças no lindo cemiterio de Villafior, que é o mais bello parque dessa pequenina cidade. Foramos levar á cova o terceiro filho do desventurado Alcino.

Vinhamos lentamente por entre os tumulos, que mais pareciam canteiros, quando o velho Dr. Fonseca, detendo-se para accender o charuto, disse sentenciosamente :

— Meu amigo, a lenda de Tannhäuser é mais verdadeira do que parece. Aquelle allucinado poeta, cuja vida tornou-se longo e desesperador supplicio desde que, em momento de delirio, seguindo o instincto brutal, desceu ás profundezas da Venusberg, é a imagem perfeita ou, melhor : o symbolo dessa mocidade estroina que, sem attentar nas consequencias do desvario, as mais das vezes

fatal, corre doidamente para o vicio, precipita-se na crápula de onde, quando consegue sahir com vida, não deixa de trazer o estygma indelevel da corrupção. Venus vingá-se.

O cavalleiro poeta, enfastiado da vida languida que levava no antro sensual da empusa, saudoso do ar puro nos verdes prados floridos, saudoso do céu azul e dourado e dos luares diaphanos, desprendendo-se dos braços da lasciva deusa e dos sortilegios eroticos com que ella o prendia, regressou á terra sadia . . . infelizmente, porém, trazendo no coração o virus terrível com que o intoxicara a amante.

Em presença da purissima Elisabeth a nostalgia lubrica assaltou-o. Querendo reagir tomou o burel e o cajado de palmeira e, entre outros peregrinos foi-se em penitencia a Roma. Não obtendo a absolvição regressou da cidade santa mais peccador do que fôra, blásphemo e ardendo em furor venereo.

A deusa obsidiava-o apparecendo-lhe, de continuo, em visões seductoras: núa, entre as nymphas canoras do pallido lago, attrahindo-o com a opulencia da sua carne immortal, com attitudes voluptuosas, com acenos e gestos concupiscentes.

Que fazer se a religião o repellira dos altares? Que fazer, se a volupia o incompatibilisára com o verdadeiro amor? volver ao abysmo; chafurdar;

para o sempre, no atascadeiro infame ; entregar-se, de vez, á torpeza ; damnar-se emfim, perder-se para a eternidade.

Tannhäuser é um symbolo, meu amigo. Uma lição poetica que muito aproveitaria aos homens, que a estudassem.

— Mas a que vem essa reminiscencia, doutor ? Saudade do Lyrico ?

— A que vem ? Pois não comprehende ?

— Quer, talvez, referir-se ao Alcino ?

— Certamente. Conheci-o muito moço, no Rio. O que aquillo foi, meu amigo . . . ! O que fez por esse vasto mundo ! As suas amantes eram incontaveis . . . Não as teve tantas o velho Salomão. Como inventou um processo facil e agradavel de estudar geographia — percorrendo o mundo — onde chegava procurava mulheres e é por ellas que conta a sua peregrinação, não mostrando na carta os pontos visitados, mas exhibindo albuns de retratos que poderiam figurar no Museu secreto de Napoles.

Fala-se-lhe em Singapura, por exemplo, e elle, depois de um instante de concentração, responde :

« Sim . . . sim . . . uma linda rapariga : pequenina, morena, olhos enormes, negros e pestanudos e duma graça quando ciciava . . . Chamava-se Hai-ma . . . »

Pede-se-lhe uma descripção do Cairo e elle enu-

mera alméas. Ha sempre uma mulher nesse itinerario novo, que começa nos tepidos vinhaes ribeirinhos do Douro e vai, com longas pausas de amor, até a muralha tártara.

Venus, nas éras do seu maior fastigio, não teve crente mais fervoroso e mais possante do que esse infeliz amigo. Um dia, porém, enfarado, como Tannhäuser, resolveu fixar-se na patria repousadamente, mas como não podia dispensar a mulher, fez a côrte a Luizinha e levou-a á igreja.

Lembra-se você da Luizinha? Era a flôr da cidade. Que é hoje? uma ruina triste e... feia. Definha a olhos vistos. Venus vai, pouco a pouco, reduzindo á miseria a sua adversaria. E os filhos? ou vêm informes, como os dois primeiros, ou nascem e vivem, como este ultimo, que acabamos de enterrar, o tempo bastante para deixar saudade. É a vingança da Venus Porne. Além do mais o nosso Alcino repelle os medicos, como Tannhäuser repellia os minnsinger, que procuravam meios de o salvar.

Logo depois do casamento fui chamado para vêr Luizinha e, confesso-lhe, meu amigo, tive um assomo frenetico de revolta. Não me contive: procurei o Alcino e exprobei-o rudemente. Deu d'hom-bros affirmando-me que era puro como... uma pia baptismal. Apesar de tudo resolvi emprehen-der em segredo o tratamento da pobre menina,

O primeiro filho serviu-me de documento demonstrativo. Apresentei-o a Alcino : era um monstrozinho. Olhou-o demoradamente, e foi tudo. Oito mezes depois : um parto prematuro ; e Alcino sempre aferrado á contumacia. Agora este.

Pode ser que, com o soffrimento que lhe causou a morte deste ultimo que, emfim, durante dois mezes, se lhe agitou nos braços, eu consiga convencê-lo a submeter-se a um tratamento regular. Já agora estou resolvido a confessar-lhe a verdade, pondo-o ao corrente de todas as peripecias da campanha mysteriosa em que ando empenhado por amor de Luizinha.

Este pequeno, que deixamos na cova, estaria a alegrar aquella casa lugubre se o teimoso do pai não se houvesse tão obstinadamente recusado a seguir os meus conselhos. Esses dois curtos mezes de vida que teve o petiz foram devidos exclusivamente ao tratamento a que, durante a gravidez, se submetteu Luizinha. Só a isso, meu amigo. Só. A semente era infame, mas o trabalho do lavrador foi pertinaz, intelligente, continuo, de sorte que sempre veiu o brótozinho. Não resistiu, mas foi uma promessa.

Se elle quizer sujeitar-se a um tratamento regular, juro-lhe, meu caro, que não perderá mais filhos. E é pena, francamente : duas criaturas que se amam e que vivem para um sonho, con-

demnadas miserrimamente á pena de o verem desfeito.

— Então o doutor attribúe a morte dos pequeninos . . . ?

— Á syphilis, meu amigo ; unica, exclusivamente á syphilis.

— E não acredita na prescripção do mal ?

— Prescripção . . . ? Olhe, se quer uma obra interessante venha commigo á casa e leve o volume de Fournier, *Syphilis et mariages*. Leia-o devagar e volte a falar-me em prescripção.

Aquella robusta rapariga que lá estava, á beira do pequenino esquife, com os peitos turgidos, apoiados, porque a boquinha que os sugava deixamola, ha pouco, debaixo da terra, foi hoje, de manhan, pedir-me que lhe arranjasse uma collocação como ama de leite. O que eu vou é . . . obrigá-la a um tratamento rigorosissimo, isto sim !

— A ama ? Porque ?

— Ora, porque . . . Porque está contaminada. Não se espante. Quem a contaminou foi a criança, depois de haver contaminado a propria mãe. É a transmissão. E, se essa rapariga empregar-se como nutriz, fará outro desgraçado inoculando-lhe um veneno horrivel e a mãe da outra victima dos exotismos lubricos do Alcino contrahirá o mal em um momento de ternura, apenas beijando a boca do seu pequenino filho.

— Mas isso é hediondo, doutor.

— E não é tudo. Venha commigo á casa, leve o Fournier e leia. É uma obra curiosa e, como o meu amiguinho deu em frequentar assiduamente a casa do Soeiro, onde a Georgina festejará, em breve, os seus viçosos dezoito annos, acho prudente que comece a fazer o seu curso preparatorio ou de « humanidade », titulo que lhe vai a calhar.

— Eu ? Qual, doutor ! Não percorri o mundo. Sou puro.

— Como a cecem, já sei. Dizem todos o mesmo e os cemiterios enchem-se de pequeninas covas e o rachitismo deforma os sobreviventes.

Olhe, meu amigo — fiquemos na mythologia. Venus é formidavel e, para combatê-la, só ha um meio : é appellarmos para outro deus : Mercurio. O mais, historias . . .

E vamos que a noite ahì vem e brumosa e o cemiterio começa a entristecer.



REGIMEN

Aos latidos de Miss, que arremettia furiosamente ás grades, Roberto correu ao portão em mangas de camisa, com as mãos besuntadas d'oleo e, dando commigo, repelliu a cadella, desculpando-lhe a sanha com a malandragem da rua que não lhe dava treguas :

— São esses garôtos que a põem assim : espetam-na com bambús, enfesam-na, e é isto. Eu estava lá ao fundo a limpar a « barata » quando a ouvi ladrar . . . Deixei tudo a vêr se apanhava um dos taes patifes, e é o senhor. Abriu-me o portão, dizendo : — O doutor está lá em cima com o francês.

Atravessei o jardim, sempre attento á cadella, que rosnava, e só me senti em segurança na saleta oriental da encantadora residencia desse invejavel

Romeiro, o unico homem que, a meu vêr, realisa, nesta cidade, o typo do elegante.

A meio da escada, de macia alcatifa, que leva ao andar superior, onde elle tem o seu conforto, bra-dei :

— Petronio já está visivel ?

— Entra, disse-me elle, com a sua voz sempre descansada, voz de quem se não fatiga e anda na vida, não a negocio, açulado por interesses, mas a passeio, com vagar, e gosando ; incapaz de sacrificar os seus habitos, o seu methodo, (mais coherente ainda do que o heroe do romancista) mesmo para ir no encalço . . . de uma aventura de amor.

Entrei no que elle chama o seu « alipterion », onde a luz, coada por transparentes de palha, era dôce e discreta.

Nú, com uma tanga pudica cingindo-lhe os rins, estirado no seu amplo canapé, longo e macio como um leito, estava entregue ao maçagista e ao numero de uma revista de esporte.

Lia, emquanto o discipulo de Mezger ou, pelo menos, continuador do seu processo racional e comodo, ia-lhe despertando as energias phisicas, alisando-o de mão espalmada, friccione-o, macerando-o, apollegando-lhe os musculos ou provocando-lhes a reacção com beliscões e palmadinhas seccas.

— Pois que, homem admiravel, ainda não estás

contente com esses musculos de aço e com a rija saude que os traz sempre temperados ?

— Que queres ? É preciso. Vou declinando. Sinto que os musculos começam a relaxar-se. Os nervos já não vibram como antigamente e a gordura ameaça-me. Tenho vivido lassamente, vida de mollicie, parada, sem agitação, sem esforço. Se a vida é um rio, como dizem vocês, poetas, eu tenho-a atravessado, não a nadar : boiando. Sinto necessidade de activar a materia e é o que estou fazendo. Pratiquei um pouco de gymnastica — meia hora de exercicio regular ; agora a maçagem e, a seguir, o banho, uma bôa ducha e fricção com luva cerdosa e agua de Colonia. Depois uma volta na « barata » ahi pela Tijuca, para respirar aroma d'arvores e apanhar sol. É todo um tratado de hygiene, como vês : desde a kinésitherapia até a heliotherapia.

— Estás erudito, homem.

— Não. O que estou é prudente e convencido da necessidade de tal regimen. Parto duma observação commum. Se um homem, para garantir-se contra ladrões, põe trancas e ferrolhos nas portas e janellas, isto é : fortifica a casa, pela mesma razão, ou por motivo superior, aquelle que quer conservar a saude, deve tratar de robustecer o corpo. É melhor prevenir, meu amigo. Depois do assalto são idas á policia, trabalhos, cancelas, aborrecimen-

tos, um inferno ! E nem sempre, quasi nunca consegue a gente reaver o furto.

Dá-se o mesmo com a saúde. Pensas que não tenho sentido ladrões forçando, abalando esta pobre carcassa ? Tive um rheumatismo feroz a martyrisar-me a perna direita. Senti-lhe as apuadas da gazúa e, se me não houvesse prevenido com este bravo gaulês, que aqui está, já o teria aqui e o ladrão, uma vez no corpo, o menos que nos leva é o bom humor. Sou hoje um homem relativamente feliz porque, mesmo aquelles instantes cinzentos de melancolia que, dantes, me escureciam a alma, desapareceram. Vivo limpidamente. E riu. Até canto, vê lá ! Vocês não querem comprehender que o exercicio é uma necessidade vital, um alimento superior. Respirar é viver, e os sedentarios, como tu, não respiram : engolem o ar com a mesma pressa sofrega com que se come nesses hoteis das estações das estradas de ferro, no curto quarto de hora da parada do comboio.

Eu, não : respiro como uma casa a que se abrem, pela manhan, todas as portas e janellas. Sorvo o ar lentamente e sinto-o entrar-me nos pulmões aos folegos largos, fresco e puro. Todos vocês invejam-me a saude. Pois, meu amigo, não é difficil obtê-la. Façam o que eu fiz : um serio programma, observem-no rigorosamente e terão o que tanto admiram.

Porque a verdade é que vocês fazem tudo às pressas. Á mesa, devoram, não por fome, que não têm, mas para acabarem com a maçada. Não regulam o somno, não põem methodo no trabalho e querem que o pobre corpo resista. Não é possível.

— É que nem todos têm a tua paciencia e fortuna.

— Já estava tardando a tal historia do dinheiro. Olha, ha um livro chinês, o *Cong-fú*, escripto no tempo desse horrivel Hoang-Ti, que mandou lançar em fogueiras todos os livros e todos os letrados do imperio, 300 annos, portanto, antes da nossa era, que vem cheio de conselhos hygienicós, insistindo, principalmente, na gymnastica respiratoria. No sexto livro das *Leis de Manú* encontras uma regra devota que é, ao mesmo tempo, uma prescripção hygienica: « O asceta, para purificar-se, deve banhar-se e reter seis vezes a respiração.» Ahi tens pois uma gymnastica insignificante e barata.

O mais pobre dos homens póde respirar á vontade — o fisco ainda não inventou o aerometro — e todos os outros exercicios podem, igualmente, ser feitos sem dispendio, salvo a maçagem que, para aproveitar, exige os conhecimentos de um profissional perito. Mas, ainda assim, quanto esbanjas todos os mezes, em futilidades prejudiciaes? Com a metade desses desperdicios poderias manter o

teu maçagista. A razão do desleixo é facil de explicar : o corpo é resignado, só reclama pela fome e pela sêde, com o mais contemporisa. Se assim não fosse vocês, poetas, haviam de procurar os meios necessarios de o trazerem sempre lépido e são.

Que era a « Agonistica » senão um conjunto de regras e preceitos relativos á eugenia ? O segredo da belleza e da energia hellenicás, que, ainda hoje, admiramos na perpetuidade esculptural dos marmores, consiste nesta coisa simples : a gymnastica. O tratamento do corpo deve ser o primeiro cuidado de quem pretende cultivar o espirito. Terra sem amanhã não produz coisa que preste.

Não sou poeta, como tu ; não tenho velleidades transcendentés : sou apenas um homem que quer viver sem dôres, sem incommodos, suavemente ; e trato-me, blindo-me, forro-me com uma cou-raça.

A meu vêr uma das causas, talvez a principal, da decadencia litteraria e artistica, é a miseria phisica. A imaginação é uma força e, quanto mais robusto fôr o cerebro, tanto mais vigorosa será a concepção.

Compara a poesia formidavel dos antigos com a jeremiada deliquescente dos contemporaneos : uma, é grandiosa, solemne : clangora ; outra, tosse cavernosamente e sussurra. Falta de força, falta de saude. Compara o halito de um homem são com

o de um enfermo. Pois, meu amigo, se a inspiração é o hausto, a poesia é o halito do cerebro.

— Estás eloquente ainda que um pouco futurista, Petronio.

— O que estou é contente. Sinto-me bem na vida.

O maçagista levantou-se e o meu robusto amigo poz-se de pé rijamente, esticou os braços e, enrolando-se no jupon de felpas, disse :

— Vou agora ao banho. Antes, porém, quero offerecer-te um calice de um velho cognac que recebi.

— Bebes ! ? exclamei. Os gregos eram abstemios.

— Não abusavam, mas bebiam e, nos gymnasios era-lhes servida, depois do banho, uma bebida excitante chamada apóthermon. Garanto-te, porém, que não seria como o meu cognac. Olha, tens ahi revistas, jornaes. Até já.

E, cantarolando, enquanto eu afundava na ottomana languida, passou ao banheiro amplo e claro, todo de marmore, reticulado de tubos que alumiam.

TRECHO DE CARTA

.....

Se eu me deixasse levar pelos argumentos especiosos com que o meu amigo, sempre admiravel no dizer, pretende demonstrar a imperfeição da obra divina « cheia de erros e eivada de vicios » que a deformam e inquinam, não sahiria a combater as suas duras palavras com armas quasi divinas, oppondo ao rancor, que nellas borbullia, as justas referencias dum Homero e dum Luciano, tão lisonjeiras ao insecto que a sua colera fulmina com execração e nojo.

O poeta de Kymē, no seu poema maior, trata a mosca com a mesma grandeza olympica com que se refere aos deuses e aos heroes.

Luciano consagra-lhe caloroso encomio no qual

a força prodigiosa do insecto e a sua intelligencia subtil são verificadas com saliente realce e proclamados em louvores altissimos.

Em verdade a mosca, miniatura do corvo, como a definiu um poeta em ode, infelizmente, inédita, põe-nos, ás vezes, nas raias do desespero, perseguindo-nos, amofinando-nos com o seu esvoaçar teimoso e com o zum-zum monótono. Não sejamos, porém, injustos, accusando-a apenas: procuremos o motivo da contumacia irritante, a razão da insistencia com que, desafiando a morte, vôa, revôa em volta de nós, pousando no mesmo ponto, como attrahida por alguma coisa que, se escapa á nossa visão imperfeita, não se lhe esconde aos olhos que perquirem e vêem os infinitamente pequenos com a mesma agudeza com que os vulturinos, das nuvens a que remontam, descobrem nos valles ou entre as hervas dos campos, o anho que pasta.

A mosca, encarregada de preparar a materia organica decompondo os detricos para que não inficionem o ar e a agua, exerce a sua função com a mesma solitudine com que os corvos, que rondam no alto, avistando a carniça que apodrece ao tempo, abatem em bandos sobre ella e devoram-na deixando apenas a ossaria núa, sem uma fibra, sem um filamento, como raspada.

A mosca domestica, da numerosa e terrivel fa-

milia das muscidias, é uma das mais abnegadas e activas defensoras do homem. Limpa-lhe a casa das migas quasi invisiveis, que são, entretanto, verdadeiros esterquilinios nos quaes se desenvolvem esses micro-organismos, sementeiras de todas as infecções conforme assevera a sciencia.

Um dos celebrados trabalhos de Hercules foi a limpeza dos curraes de Augias que empestevam a Elida. Pois, meu amigo, as moscas não fazem menos do que fez o filho de Alcmena.

Ai ! de nós se os taes bichinhos, que o meu amigo tanto repugna, não fizessem como fazem, a limpeza das nossas casas, mais ainda — a emundação dos nossos corpos

Vou referir-lhe um caso, á primeira vista insignificante, que se deu commigo. Certa manhan, achava-me eu entretido com a leitura de um livro, quando uma mosca pousou no index da mão esquerda, logo alongando, com avidéz, a tromba. Enxotei-a, insisti ; toquei-a de novo, tornou : mudei de lugar, acompanhou-me. Consegui matá-la. Instantes depois, outra, que esvoaçava perto, desceu sobre o mesmo ponto e, tomando posição, applicou a tromba e poz-se logo a sugar. Por mais que meus olhos attentassem no « locus » preferido dos insectos nada descobriam e o segundo mantinha-se aferrado, sorvendo, indo com a tromba dum para outro lado, passeiando-a em volta como se catasse alguma coisa.

Que seria ? Resolvi verificar e, tomando uma pequena mécha de algodão, limpei com ella o tal ponto appetecido das moscas, remettendo-a, depois, convenientemente resguardada, a certo bacteriologista do meu conhecimento, que passa a vida no laboratorio estudando ao microscopio o que elle chama, aliás com razão, « os grandes inimigos da Humanidade ».

Dias depois recebi o resultado do exame :

« No algodão, que me enviaste, achei uma colonia de streptococcus, o bastante para arrasar todo um regimento ».

Assim, as moscas que me enfesavam, uma das quaes foi victima da sua medicação, defendiam-me a vida devorando as bacterias que se haviam aggregado á minha pelle procurando entrada para se me infiltrarem no sangue.

Se as moscas desapparecessem, para tranquillidade do meu amigo, o mundo tornar-se-ia, em breve, tão viciado que a vida seria de todo impossivel. Ellas completam o trabalho maior do corvo. Maior ? não, porque Linneu, que as estudou, escreveu, com o prestigio da sua autoridade incontestada, e incontestavel, « que algumas moscas consomem o cadaver de um cavallo tão depressa como faria o mais voraz dos leões. »

Multiplicando-se proliferamente — porque uma fema, como affirma James Browne, póde produ-

zir, ella só, vinte e cinco milhões de descendentes — formam verdadeiros exercitos de protecção, exercitos como o das walkirias, aereos e intrepidados, que baixam sobre as podridões, onde quer que as descubram e devoram-nas como as guerreiras, filhos de Wodan, desciam aos campos de batalha e arrebatavam, levando-os á garupa dos aligeros corceis, os corpos dos guerreiros mortos.

Cita o meu amigo a «*lucilia macellaria*», que nós outros, ignorantes, cá no vulgar, chamamos varejeira e a tsetsé («*glossina morsitans*») a grande, a implacavel perseguidora dos mamiferos africanos, das quaes uma só basta para dar cabo de um elephante, tanto que Darwin assevera que é devido, principalmente, a essa encarniçada muscidia que os uteis e intelligentes pachydermes estão desapparecendo. E, antes de Darwin, já Esopo havia descripto, em uma das suas fabulas, o desespero do leão perseguido por um mosquito, que devia ser, com certeza, a tal «*glossina*».

Não discuto as outras moscas, defendo apenas a domestica á qual, se fôssemos mais gratos, em vez de ser perseguida, deviamos erigir templos e altares nos quaes fosse adorada como das maiores protectoras da Humanidade.

Estou a vê-lo daqui no seu gabinete de estudo a bradar enfurecido enxotando as moscas que enxameam o jardim e, fugindo ao sol escaldante, inva-

dem esse retiro de arte de onde têm sahido tantas maravilhas.

¶ Invoque Belzebuth e tenha paciencia. Peior que a mosca é o homem quando se lembra de importunar. A mosca zumbe esvoaçando, suga, mas não consta que leia versos nem que declame prosa, como certos cavalheiros que o procuram com obras primas destinadas ao sacco dos trapeiros.

Antes as moscas, meu amigo, para essas, se o demonio não fôr bastante, ha o recurso de certo papel que as attrahe e dizima: contra os taes cavalheiros é que ainda não se descobriu remedio.

.....

LOUCO

— Conheceste o Linhares ?

— Um que acabou louco ? Não, não conheci. Quando me matriculei já elle construia a sua famosa torre de crystal no Hospicio. Achei ainda na Escola o luminoso rastro da sua passagem.

— Era um genio, meu amigo. Foi victima da propria imaginação. Aquelle espirito privilegiado jámais conheceu o repouso. Quando o viamos quieto, encolhido a um canto, era justamente quando mais trabalhava, como as polias, quando giram vertiginosamente nos dão a impressão de estarem paradas. Se vivesse no espaço não seria mais indifferente ás coisas deste baixo mundo reles. Pairava no sonho.

Na « pensão » em que moravamos, no Cattete, os nossos quartos eram contiguos. Á noite, no silencio da casa adormecida, eu ouvia-lhe os passos

sonoros e a voz, ora plangente, em queixa, ora irritada, frenética. Julguei, a principio, que houvesse naquillo amores, tão frequentes, porém, tornaram-se taes scenas, mais ou menos agitadas, que resolvi espreitar e verifiquei que não havia no quarto outra pessôa mais do que o ascetico morador. Era elle só que se agitava no estreito commodo caminhando como as feras nas jaulas, lamentando-se ou vociferando. Tanto se me accendeu a curiosidade que, uma noite, resolvi interrogá-lo. Plantei-me de sentinella á porta do meu quarto, e já passava da meia noite e eu começava a sentir somno, quando ouvi ranger a chave na porta vizinha e Linhares appareceu encolhido, abotoado em grosso capote, com um largo chapéu de feltro de abas largas enterrado na cabeça. Chamei-o. Voltou-se vivamente.

— Onde vais ?

Encarou-me um momento e disse, por fim :

— Onde vou ? Por ahi, sentir as almas.

— Que almas, homem ?

Adiantou-se vagarosamente e, pallido, fitando em mim os olhos tristes, parou em meio da claridade que, do meu quarto, sahia para o corredor sombrio.

— Vou caminhar. Não imaginas como é bom caminhar á noite atravez do somno da cidade, no silencio. Todo o ar está impregnado d'almas. Ellas

rolam, esvoaçam na treva como os atomos fluctuam nos raios do sol. Emquanto dormimos, meu amigo, o nosso espirito desprende-se, liberta-se da materia e erra no espaço. Eu sinto as almas, sinto-as em enxames, ouço-as. Se alguma roça por mim de leve logo me transmite os seus pezares ou as suas alegrias e eu torno á casa com a colheita, que reduz a versos. São as cotovias que alimentam a minha musa, são o manná do meu estro.

Quando é a alma innocente de uma criança que deixa cahir em meu espirito, á maneira de pollen, um pouco do seu devaneio, sinto-me feliz. É como um orvalho do céu.

Queres vir commigo ? Conheço os lugares preferidos dos espiritos felizes. Eu t'os farei sentir. É preciso longa pratica para apprehendê-los : são ariscos. Quantas vezes terás tu soffrido do contacto de um espirito dolente ! Vais teu caminho descuidado, subito perturbas-te, agitas-te commovido — é o phenomeno a que o vulgo dá o nome vago de presentimento. Apressas-te, corres, entras em casa sobresaltado e logo se te depara o desastre que te foi communicado em choque mysterioso. Adivinhas-te-o, dizes. Não ! Foste prevenido por uma alma errante. Ellas dizem-me tudo. Eu sei, por exemplo, que hei de acabar em trevas. O meu fim vai ser tragico. Espero-o tranquillamente como quem espera a noite.

— És espirita ?

— Não sei que sou. Creio nas almas. Digo-te mais : sou um aviario de almas. Ha occasiões em que sinto no cerebro verdadeiras legiões de espiritos que discutem, cada qual querendo impor a sua doutrina, as suas idéas e a minha pobre alma calada limita-se a ouvir e a registrar o que ouve. Ás vezes é vencida pelas adventicias e o meu procedimento differe, as minhas opiniões modificam-se. As taes exquisitices de genio, que todos vocês notam em mim, as minhas incoherencias, os meus disparates resultam dessas controversias que se travam no meu intimo. Não tenho energia bastante para reagir contra as larvas, deixo-me dominar e succumbo. Sorris . . . Outro seria o teu procedimento se conhecesses os mysterios da vida.

— Porque não dormes, Linhares ?

— Não posso. Mal apago a lampada o meu quarto enche-se de aparições. Cercam-me, sentam-se no meu leito, falam-me cochichadamente convidando-me a acompanhá-las. Só consigo repousar um pouco durante o dia porque, então, as almas estão presas, cada qual recolhida ao seu respectivo corpo. Á noite, porém, mal o somno as liberta, sahem e procuram os seus eleitos, como as aves procuram certos ramos na floresta. Lá fóra, ao menos, caminhando, distraio-me. Um homem isola-se na multidão e um só companheiro per-

turba-lhe a serenidade. Tenho horror ao meu quarto.

— Acho que deves ir a um medico.

— Ahi vens com o medico. Sou um doente, é o que dizem todos. Pois sim.

Deixou-me. A noite era fria, ennevoada e o desgraçado foi-se. Regressou de madrugada, agitado. Durante o dia, mettido no quarto, estudava ou escrevia versos. Os seus versos! Creio que só eu, eu só os conheci porque, depois de m'os ler, queimava-os.

Era uma victima do « miasma mórbido », de que fala Baudelaire. Lembras-te daquelle desventurado Imbert Galloix, de Genebra, que se correspondia com Victor Hugo? Em carta escripta ao poeta das *Contemplações* disse elle :

« Fiz uma descoberta em mim e estou hoje convencido de que não sou realmente um desgraçado por isto ou por aquillo, senão porque trago em mim uma dôr permanente que toma differentes fórmãs ».

Esse pobre Linhares equilibrou-se, durante algum tempo, sobre o abysmo da loucura graças á poesia. Quando deixou de escrever precipitou-se. As forças criadoras não tinham nelle a compensação do raciocinio — a sua musa era como uma erynia. A floresta da imaginação, cheia de ficções e assombramentos, alastrou, avassalando tudo, sem deixar a menor aberta por onde penetrasse um raio

de sol. Foi victima da exuberancia — a chamma fez-se nelle incendio. Se produzisse proporcionalmente, se conseguisse dar expansão a tudo que lhe rebentava no cerebro fecundo talvez se tornasse o nosso maior poeta. Accumulava apenas e succumbiu ao peso formidavel das idéas. Morte de Atlante. Lembras-te das borboletas azues do desventurado Maupassant? As borboletas do Linhares eram os espiritos. E lá está elle no Hospicio cercado de almas, longe da vida... feliz, talvez... Quem sabe lá!

O MILAGRE

Na extrema do pomar que, excluída a intenção maliciosa, bem merece o nome de Paraiso, com que o appellidou o Prates, corre a suave ribeira, toda em meandros graciosos e sempre limpida apesar do açucenal que a debrua e que, de instante a instante, nella despede um dos seus lirios, iamos os dois, costumeiramente, á tarde, saborear o nosso café. Ali ficavamos até a noitinha, ao som d'agua, ouvindo as cigarras, as juritys melancolicas e certo sabiá enamorado que é, a bem dizer, o nune silvestre daquela paragem.

Ali conversavamos, discutiamos todos os actos da nossa vida, cada vez mais feliz, louvado seja o Senhor.

Foi justamente nesse sitio privilegiado, á margem dessa suave ribeira, que o acaso me facilitou

assistir a uma scena das mais curiosas, verdadeiro poema realiado, de belleza simples, ingenua como os cantos lyricos das primeiras eras.

Tinhamos em casa uma cabrocha, que fôra mimosamente criada por minha mãe. Quem a visse, sempre timida, de olhos baixos, refugindo a todos, com vexame, tomá-la-ia pela propria Modestia. Se alguém lhe dirigia a palavra perturbava-se, córando até a raiz dos cabellos e encolhia-se, a torcer as mãos, resmungando respostas titubeadas.

Não era mais candida a Sacuntala de Vyasa.

O rapazio, entretanto, andava-lhe no rastro e todos os poetas das cercanias faziam-lhe versos — uns, á sua côr de azeitona, que devia ser a da sunamita ; outros ao brilho dos olhos, que eram duas jaboticabas ; este, ao sorriso ; aquelle ao andar, a tudo, meu amigo. A rapariga dava inspiração á farta. Ponto era vê-la um trovador e logo a viola gemia e as quadras pullulavam soando rimas e, ás vezes, com imagens, que fariam inveja a muito laureado da Academia.

A cabrocha mostrava-se indifferente e não havia, entre os numerosos admiradores da sua graça turturina, esse que affirmasse haver provocado um sorriso da boca que era, como dizia o Luiz carreiro : « uma pitanga madura ».

Pois meu amigo, com todo esse ar de innocencia arisca, a sonsa rapariga conseguiu illudir a vigilan-

cia dos que a guardavam fechada a sete chaves e, justamente numa vespera de Natal, enquanto ranchos de pastores cantavam lóas, volteando em danças diante de um presepe de muita folhagem e bastos anachronismos, a pudibunda cabrocha entrou pelo mysterio da noite santa com um escandalo que nos estarreceu a todos porque, convencidos, como estavamos, de que aquillo não era obra do Espirito Santo, logo suspeitamos de um tal Feliciano, typo de D. João roceiro, turuna á viola e na faca, com muita fama em desafios e alguns processos por farronadas em feiras e circos de cavallinhos.

Minha mãe, apesar de todo o seu virtuoso melindre, em vez de expulsar a rapariga, deu-lhe um quarto melhor e apegou-se logo ao pequenito que era, em verdade, um lindo exemplar de mestiço. Tres dias depois do parto, Alcina — este era o nome da cabrocha — victima da « comadre », velha negra, que encarnava, em corpo hediondo de bruxa, todas as superstições, teve uma febre altissima que nos alarmou a todos e só não se resolveu com a morte porque o Dr. Lucindo foi de solicitude evangelica.

Combatida a infecção, observadas estritamente todas as imposições do clinico, ao fim de uma semana já a puérpera sorria feliz ao seu pequenito, mas o leite estancara-se-lhe de todo : nem uma gota sahia daquelles peitos turgidos, apoiados, que

transbordavam em tal abundancia que, volta e meia, era necessario que minha mãe acudisse para que o infante não perecesse afogado em fatura.

Quando, depois de varias tentativas baldadas, Alcina convenceu-se de que não podia criar o filho, ah ! meu amigo ! pouco faltou para que se matasse. Fazia pena ouvi-la chorar, pedir a Deus que lhe reabrisse as duas fontes de vida, que o calor da febre seccara.

Apezar do medico haver prohibido a entrada da tal « comadre » no quarto da parturiente, foi necessario chamá-la, porque Alcina reclamava-a aos gritos desesperados, debatendo-se, a martyrisar os peitos murchos, fazendo as mais disparatadas promessas a não sei quantos santos.

Logo que a negra appareceu Alcina soergueuse desvairada e, de mãos postas, com as lagrimas em fios pela face, pediu-lhe que a salvasse, que lhe fizesse voltar o leite aos peitos esterilizados.

A negra acalmou-a, affirmando-lhe, com segurança, tranquillá, « que o leite havia de voltar. » E, na sua lingua barbara, poz-se a araviar uma geringonça, impondo, por fim, á pobre mãe afflicta « que, durante tres dias, de manhan, cedo, antes do sol nascer, ao meio dia e á tarde, quando o sino soasse Ave Maria, fosse, descalça, á margem da ribeira e espremesse na correnteza d'agua os peitos

estancados. Ao cabo do terceiro dia o leite seria tanto que o pequenito não daria vasão ».

Impressionado com o que ouvira resolvi, de mim commigo, assistir áquella scena estranha e, na manhã seguinte, ainda de madrugada, com o escuro, já estava escondido no matto, á espera de Alcina.

Vi-a chegar descalça e tremula de medo. As saracuras cantavam alegremente.

Parando á margem da ribeira a cabrocha olhou attentamente em volta, certificando-se de que estava só. Então, commovida, ajoelhou-se na herva humida, desabotoou o corpinho e os dois peitos saltaram. Poz-se a espremê-los . . . Espremia-os e chorava desanimada, lastimando a sua desventura.

Falhou a primeira experiencia e Alcina regressou á casa triste, como se voltasse de enterrar o filho. Felizmente, porém, havia outras negras amamentando e o mestiço impanzinava-se regaladamente com as sobras que ficavam em peitos de outras mãis. Alcina, porém, em vez de mostrar-se agradecida ao que lhe faziam ao filho, parecia revoltar-se contra as que lh'o roubavam.

Ao meio dia e á tarde não faltamos ao ponto : ella e eu. E assim no dia seguinte.

Na tarde do terceiro dia, que era o ultimo — acredita-me se quizeres — logo que Alcina começou a espremer um dos peitos, a agua da ribeira

manchou-se como se nella houvessem derramado essencia — era o leite que esguichava.

A rapariga ficou em verdadeiro deslumbramento : balbuciava, a tremer, risonha e com lagrimas, a quatro e quatro, descendo-lhe pelo sorriso e, sem comprehender que esvasiava os peitos, espremia-os nervosamente e a agua reticulava-se de fios lacteos, que esmaeciam, ficando, algum tempo, como fina espuma.

Correndo, então, á casa, tomou o filho nos braços, chegou-o ao collo e o pequeno adormeceu enfiado, com a boquinha côm de rosa debruada a leite, tão branco e azulado que era como uma solução de perolas e opalas.

A que attribues o milagre, porque foi um verdadeiro, authentico milagre ? As negras lançam-no á conta da mãe d'agua ; eu, já se vê, não as acompanho na credence, mas, francamente, não acho explicação que me satisfaça. Que dizes ?

— Sem a intervenção maravilhosa da « mãe d'agua », passando e repassando um pente sobre o peito, que seccara, vi eu tornar o leite a jactos. Quando eu digo que a maçagem é um dos meios mais energicos de que póde dispor o medico para vitalisar o organismo . . . Na ansia de vêr sahir o leite desejado a rapariga espremia o peito provocando a secrecção e o orgão, excitado, despertou da inercia, restabelecendo-se nelle a funcção pro-

pria. Não conheces o caso da donzella que alimentou com leite dos peitos virgens o pai encarcerado? Houve intervenção da mãe d'agua? Não. Houve apenas o exercicio. Deu-se o mesmo com a tal cabrocha. Todos as superstições, meu amigo, fundam-se em experiencias. A sciencia descobre sempre a razão de ser de todo o sortilegio, e substitue os abraçalans cabalisticos por formulas positivas.

— Queres, talvez, dizer que a bruxaria . . . ?

— Foi a precursora da medicina, como a alchimia foi a precursora da chimica. As origens são sempre mysteriosas.

VOZES DO SONHO

— Acusma, dizes tu. Não sei que é. O que te posso affirmar é que nos momentos em que tal allucinação me desvaira, não em perturbações agitadas de delirio, mas em mansuetude de arroubo, alieno-me completamente da realidade, o mundo visível deixa de existir para mim, tão enlevado fico nas melodias suaves ou nas palavras de formosa eloquencia que sôam dentro em mim. Umas vezes são controversias interessantes, de alto raciocinio, travadas renhidamente entre a « allucinação » e a razão. Outras vezes são dialogos burlescos, cheios de disparates ou torpes como os de fescenninas obscenas.

A razão contraria, combate o interlocutor mysterioso, repelle-o indignado, procurando confundi-lo com todo o poder da logica. Tudo é inutil. A

voz persiste, brada, deblatéra irritada e não ha fazê-la calar-se. Se eu te disser, por exemplo, que já ouvi todo o *Crepusculo dos deuses* de Wagner.

— Como ?

— Pela magia do sonho. Foi em uma linda noite de luar. Debruçado á janella do meu gabinete, que, como sabes, abre para a montanha, toda d'alvo, eu sentia que a alma me abandonava indo de mim, em vôo, para aquelles sitios de encanto e inerte, no extase da contemplação, sentia-me tão vazio como aquellas figuras de marmore que se destacavam alvamente entre as arvores e as moutas do jardim adormecido.

Pouco a pouco, a surdina da noite foi-se harmonisando e o thema do extraordinario drama lyrico, que conheço de leitura, surgiu no immenso scenario natural, que o luar tranquillo illuminava. Concentrei-me religiosamente e fiquei na solidão como ficava no fundo do seu camarote o grande rei bávaro, que foi o Mecenas poetico de Wagner, ouvindo, elle só, as primicias do genio que transformou completamente a opera.

E eu, não só ouvia como via todas as scenas jogadas entre personagens agigantadas que se moviam, gesticulavam, cantavam acompanhadas por uma orchestra numerosa e perfeita, um conjunto de mestres como jámais se haja reunido sob o prestigio da batuta de um regente divino.

Durante duas horas deliciosas gosei o meu sonho. Teria ficado ali annos e annos, como ficou na cerca do mosteiro o monje lendario todo um seculo absorvido no gorgueio de um passarinho, que lhe parecera não haver cantado mais do que costumam cantar as aves na breve demora do repouso em um ramo.

Quando me vieram chamar — por ser tarde e a noite ir fria — revoltei-me. Ainda tentei tornar ao sonho reconcentrando-me. Quebrara-se o encanto, todos os « entes » mysteriosos haviam desaparecido, deixando nos recantos mais sombrios uns vagos rumores, echos, fragmentos do que fôra um divino arroubo.

Um medico, a quem referi o caso, attribuiu-o a « reminiscencias », surtos da memoria.

A reminiscencia é a reproducção, o reflexo de alguma coisa que nos passou pelos sentidos e eu nunca vira o drama, nem jámais ouvira a partitura, nem sequer ao piano. Assim, tudo aquillo sahira de mim — eu enchera a noite de visões e de harmonias, compuzera um poema musical de rara belleza.

Outras vezes são simples « romances », valsas, tangos brejeiros. Sou uma vocação sacrificada, dirás. Não ! Em calma sou incapaz de harmonisar dois accordes.

Dessa vida interior o que mais fortemente me

impressiona é a tal voz, a voz do meu « demonio », uma outra personalidade, que é como o avesso do meu « eu ». Está sempre em opposição ás minhas idéas proprias, discute-as, refuta-as, combate-as com ironia e sempre em linguagem que me repugna. Reajo, procuro dominá-la, mas quanto mais me exalto, mais a voz se acanalha, empregando as mais vis palavras, fazendo as mais torpes propostas, suggerindo as mais infames idéas.

Chego a acreditar na possessão. Essas deviam ser as vozes que tentavam os penitentes no deserto, vozes que elles attribuiam a demonios succubos, contra os quaes arremettiam na treva, de cruz alçada, bradando o nome de Deus.

Que ha, dentro de mim, um espirito adverso, uma superfectação demoniaca apposta á minh'alma . . . sobre isto não tenho duvidas. Sinto-o. E, porque não dizê-lo ? já, algumas vezes, o tenho ouvido em conselhos . . . devo-lhe até algumas victorias bem encaminhadas.

Taes favores são raros porque o seu instincto é de destruição, de maldade, perverso.

Não sei quem disse que o ser humano é androgyno. Se durante a gestação o elemento masculino nelle se accentúa, gera-se o homem ; se predomina o elemento feminino, forma-se a mulher. O certo, porém, é que tanto em um como em outro sexo, ha sempre principios antagonicos : um pouco de fe-

minino no homem, um pouco de masculino na mulher. As duas forças, porém, nunca se conciliam, não se fundem jámais e hostilizam-se até a morte e, muitas vezes, o elemento preterido impõe-se dando origem a esses typos monstruosos, cujos actos são a negação absoluta da natureza que apparentam.

Em mim . . . não sei se é o germem feminino dos androgynistas que combate a alma victoriosa, senhora do meu corpo, conductora da minha vontade, illuminadora da minha intelligencia : sei que vivo em dois mundos : um, o exterior e outro, maior, em mim mesmo.

Tenho um outro « eu » suffocado, aprisionado ao meu intimo e constantemente rebellado, como o Espirito do Mal. É o meu « demonio ».

Não se exteriorisa, como o de Luthero : suggere apenas, tenta, inspira, induz. É a perversão que compelle ao absurdo. É o demonio da premeditação, o genio das idéas sinistras, o torpe conselheiro do peccado, o alcoveto lascivo. Para resistir-lhe é preciso ter energia de heroe ou piedade de santo. Tu nunca o sentiste ?

— Eu ? Para ser franco devo logo dizer-te : não sou dotado de imaginação. Sou tudo que ha de mais positivo, mais terra a terra.

— Queres dizer que eu . . . ?

— Estás a dizer mal do que tens de melhor.

— O meu demonio ?

— Vá lá : o teu demonio, com que Deus não te falte. Que te diz elle agora ?

— Nada.

— E a razão do seu silencio é simples. É que estás distrahido com esta agua que canta. Estende as tiras na mesa, accende o cigarro, toma a penna e senti-lo-ás immediatamente. Ah ! meu amigo . . . a imaginação . . . a imaginação será demonio, será, mas dos que cahiram do céu.

PELA VIDA!

— Queixa-se V. Ex.^a da medicina e dos medicos — o que não a impede de consultar-me, diariamente, a mim e a outros collegas e de comprar todas as drogas e panacéas preconisadas em annuncios e cartazes — porque o Fernando está cada vez mais pallido e combalido, passando horas e horas a dormir no fundo de uma poltrona. « Nem brinca », disse-me, ha dias, a ama com os olhos rasos d'agua.

Os brinquedos andam por ahi esquecidos. Já os tenho apanhado no jardim e, ha pouco, estive quasi a esmagar um torpedeiro que jazia adernado em um dos pellegos do vestibulo.

O pequeno, tão esperto outr'ora, é agora um macambusio, sempre encorujado, choramigando, á toa.

Acha V. Ex.^a que elle tem presentimentos, que

está a adivinhar a morte. Não, minha senhora : o que elle tem é ansia de ar, de sol, de largueza e o que presente é a vida, que lhe negam.

V. Ex.^a entende mal os conselhos de hygiene ou melhor : as regras da eugenia. O proprio banho em que é lavado o Fernandinho, sobrecarregado de perfumes e tão quente que nem sei como o pequeno o supporta, em vez de o estimular, enerva-o, deprime-o, debilita-o. O homem é, naturalmente, voluptuoso e o menino . . . é um homem pequeno.

Sentindo-se bem na banheira, a rebolcar na agua cheirosa, deixa-se ficar o mais que pôde, e, em tal delicia, os nervos amollentam-se, relaxam-se e lá se lhe vai a energia. Quando a criada o retira d'agua, languido, já elle vem d'olhos fechados e dorme até tarde. Acorda lerdo, aborrecido, enfezado. Vestem-no, fazem-no bonito e, para que o papá o encontre limpo, não consentem que elle desça ao jardim, nem lhe permitem que saia á varanda para que se não suje.

E ahi fica o pobrezinho bocejando, a arrastar-se de uma para outra sala, á espera do papá para mostrar-se-lhe, não como um ser, mas como objecto de arte, muito ornamentado e catita.

O seu quarto é uma capella, um «sancta sanctorum» onde elle dorme em clausura, atabafado e, de manhan, antes que abra os olhos, os criados, pé ante pé, passam e repassam fechando cautelosa-

mente todas as portas e janellas para que o ar não lhe chegue ao leito.

Por que despediu V. Ex.^a a Ignez ? Simplesmente porque a desastrada rapariga deixou uma porta entreaberta. Ah ! minha senhora, não é assim que se prepara um homem para a vida.

Quer V. Ex.^a que voltem ao Fernandinho as lindas côres de outr'ora, a alegria e a robustez com que elle nasceu, annunciando-nos um hercules ? Deixe-o livre, solte-o de manhan no parque. Que vá, a correr, para aquellas arvores que cheiram a resina ; que role naquelles taboleiros verdes ; que respire o ar puro temperado de aroma ; que se infiltre de oxygenio e luz. V. Ex.^a faz justamente o contrario. Se uma ligeira nuvem tolda o disco do sol, ainda que o dia seja de calor escaldante, logo correm as criadas com as flannels e baetas e o pequenito entufa-se de agasalhos ficando como um pequeno esquimó.

— O doutor exaggera . . .

— Ah ! exaggero . . . ? ! E agora diga-me : de que servem tantos abafos, todos esses cuidados de roupas e portas fechadas se V. Ex.^a os inutilisa com tantas concessões prejudiciaes ? Nega-lhe o de que elle carece : a liberdade, o ar e a luz e consente que se empanturre de guloseimas que o enfartam e lhe arrasam o estomago e os intestinos. Olhe, lá está elle á mesa.

— É a hora da merenda.

— Ah ! é a hora da merenda . . . Não seria melhor que elle a fosse saborear lá fóra, com um dia augusto, como o de hoje, principalmente agora que as arvores do pomar estão a vergar os ramos ao peso das frutas ?

Não é só o espirito que aspira á liberdade, minha senhora, o corpo tambem a reclama. É lá no arvoredos, ao ar livre, que a saúde circula ; a saúde que os gregos divinisaram dando-lhe o lindo nome de Hygia e apresentando-a no altar do templo de Asclépios na figura de formosa virgem « risonha e d'olhos luminosos » no dizer gracioso de Atheneu.

Os gregos, que deixaram leis sobre tudo, não esqueceram a Hygiene, sciencia premunitoria que exorcisa prestigiosamente todas as enfermidades, oppondo invisivel escudo aos assaltos insidiosos das infecções.

O sancturio de Asclépios, em Tricca, o mais antigo, e os de Epidaura, Pergamo e Cós eram construidos longe das cidades, em altitudes salubres, dentro de bosques verdejantes, á beira de fontes puras para que os enfermos, que os procuravam, ficassem em ambiente favoravel á cura e era á sombra de arvores frondosas, ouvindo o murmurio perenne e fresco dos ribeiros, que elles sentiam chegar a convalescença, tão bem symbolisada no jovem Telesphoro.



Ainda mais : Em volta de taes sanctuarios — porque as distrações concorrem efficientemente para a cura — havia estádios para jogos, theatros para representações e as festas em honra do deus therapeuta eram frequentes e nellas tomavam parte os que se sentiam melhorados, divertindo-se e reforçando-se, e, ao mesmo tempo, animando os mais abatidos com o espectaculo jocundo das danças e os energicos exercicios athleticos. Assim procediam os gregos.

— E é assim que o doutor quer que eu proceda ?

— Naturalmente.

— Os gregos eram robustos.

— Justamente porque não viviam emparedados e exercitavam-se. Quer V. Ex.^a vêr o Fernandinho forte como um espartano ? deixe-o sahir, não lhe tolha os movimentos, não o atabafe com tantas baetilhas e verá como, em pouco, essas côres pallidas desaparecem e a alegria volta ao coração do pobrezinho.

— O doutor insiste . . . Não quero que me tenha em conta de teimosa. Ó Ida ! Traze o capóte do Fernando.

— O capóte ! Para que o capóte ?

— Para . . . para levarmos o menino ao parque . . .

— Com este sol ! O capóte . . . Ora pelo amor de Deus !

— Mas doutor . . . isso é uma temeridade.

— Não, minha senhora : é a salvação. Com licença : O' rapariga, em vez do capóte, traze o arco e a péla á alameda dos bambús. O mais correrá por conta da natureza e deste seu criado, minha senhora. Disso é que precisa o Fernando -- vida, entende ? Vida !

ALMA

— A vida de hoje não é só mais intensa e mais frenética do que a das eras primevas, é também mais vasta porque os séculos accumulados tornam á flôr da Chronologia e estendem-se por ella renascidos. Dá-se com o tempo o que se dá com as florestas primordiales que, exhumadas, em carvão, das profundezas da terra, dão lume e força, abrindo-se em claridade e gerando calor. Assim os velhos séculos, restituídos á vida pela sciencia, dilatando a Historia da Humanidade, explicam-lhe a evolução.

No principio o homem tinha apenas o presente : para traz ficava um fundo tenebroso de barba-rie. As tradições, conservadas na memoria obscura das tribus, reduziam-se a lembranças de combates entre hordas e lutas com ánimaes ferozes ; cataclysmos assoladores, travessias de florestas e de

savanas, reminiscencias de sitios acceitosos, verdes e regadios, exodos tumultuarios e espavoridos.

Entre a caverna e a tenda quantos millenios ! Da vida nomade de pastoreio á primeira granja palhiça do sementeiro de lavouras . . . quantos seculos ! Das granjas protegidas por estacas em caixas ás cidades bem muradas, com torres de vigia e almenaras ardendo á noite, quanto tempo !

E os homens proseguiam sem se preocupar com os caminhos percorridos, sempre avante, explorando, desbravando, lutando por um campo, por uma aguada.

O homem não se preocupava com o que lhe ficava atraz, estirões onde branqueavam as ossadas dos animaes tombados durante a marcha e entumesciam-se os tumulos dos que pereciam feridos em combates ou atacados pelos males que se levantavam pestifero do fundo das aguas podres ou dos penetraes das selvas.

Nós, não ! Refizemos todo o velho tempo e, alumados pela Sciencia, visitamos todos os lares da vida, desde a caverna do speleo, assoalhada de ossos, até a mais opulenta das cidades da Asia, com os seus templos, os seus palacios, a riqueza ostentosa dos seus sátrapas.

Nós temos para percorrer todo esse immenso passado que os outros não conheceram. Vivemos no tempo que nos apraz e para a viagem, ainda ao

paiz mais longinquo ou á era mais remota, bastanos um livro — historiá ou poema.

Podemos viver na Thracia na era orphica; em Athenas nos dias de Pericles; em Roma, nas Gallias . . . Tudo se nos facilita.

Eis-nos aqui em uma pagina cheia de vida heroica. Uma multidão avança cantando, precede-a um côro de mancebos entre os quaes um, mais bello e airoso que todos, agita uma palma. É Sophocles. São os vencedores de Salamina que sobem para Athenas celebrando a victoria sobre a frota dos persas arrogantes. Outra pagina e achamo-nos em Roma gosando a vida patricia como no-la descreve Terencio ou confundindo-nos com a plebe cynica e arruaceira de Suburra — a soldadesca victoriosa, os escravos humildes, as ambubaias devassas.

Entramos no Capitolio, tomamos lugar no Colyseu; acompanhamos as legiões aos paizes barbaros e, sem risco, como se olhassemos do convés de um navio, sob o tendal de um velario, vemos, do mar africano, obrumbrar-se o horizonte na caligem de fumo do incendio que devora Carthago.

Para tanto basta que tenhamos á mão um bom autor. Lendo, vivemos, gosamos, soffremos se a nossa sympathia pende para o vencido.

Se queremos vêr o mar mysterioso, com todas as lendas sinistras que o guardavam, não nos faltam referencias em livros e sahimos com os barcos

phenicios levantando, com a maruja, a saudação a Melkart. E eis-nos em pleno oceano, affrontando o vento e a vaga, com uma carga preciosa destinada aos mercados gregos ou egypcios, visitando terras agrestes de povos sanguinarios que sacrificavam victimas humanas a idolos florestaes.

Não nos agrada o passeio, logo saltamos para a Idade Media e, emquanto assistimos ao brioso pelear dos cavalleiros ou espiamos as vigalias estudiosas dos monges e dos alchimicos, sentimos, em torno de nós, rumorejante e forte, a vida do seculo, com todos os confortos, beneficios e encantos accumulados pela Sciencia e pela Arte.

Dispomos de todo o passado, que é como immenso e variegado parque onde, ao primeiro reclamo da nossa vontade, instantaneamente, apparece, resurgida, uma epocha da Humanidade, jocunda ou dolorosa, de tranquillidade ou de luta.

Nós somos a dynamisação do homem primitivo.

Felizmente as qualidades de Adão vão, pouco a pouco, desaparecendo no homem actual. A Força oppõe-se ainda ao Direito, mas a Razão já se não deixa subjugar facilmente e mais de uma victoria pacifica tem ella celebrado nos ultimos tempos. Os atomos rudimentares estão sendo eliminados e no dia em que, do grande avito das cavernas, nada mais restar no Homem, a vida será toda um sorriso e as lagrimas estancarão nos olhos.

Dirás que sou um sonhador. Sou, confesso : mas fundo-me em verdades, firmo-me em factos incontestaveis. Que subsiste em nós do typo primitivo ? Quasi nada. O sentimento, ou, digamos melhor : a consciencia é inteiramente outra. O aperfeiçoamento tem custado, mas não ha negar que se vai fazendo sentir em todos os actos da vida. Eliminemos a alma barbara substituindo-a por um espirito novo, que já não será o sopro de Deus, mas o proprio halito da Humanidade.

O Homem actual é puro produto humano — tudo que nelle havia de divino perdeu-se, diluiu-se em poesia. O que permanece é a consciencia pura.

— A tua theoria é bella, mas contraria as suas proprias expressões. Achas, em these, que somos os accumuladores do passado, que respondemos por todos os seculos da vida organizada ; que somos a sobrevivencia do que se desfez no cadinho da Morte e dizes que os atomos primordiaes vão sendo eliminados. Não, meu amigo, o fundo mantem-se immutavel, o que se aperfeiçoa é a Lei da vida. O homem de hoje é o mesmo « instinctivo » das eras remotas, conservando n'alma toda a Poesia e todo assombramento que acompanhavam o nosso primeiro Pai no Paraiso. O que se vai dando é a adaptação ao meio. Corrigem-se os desejos, contêm-se os impulsos, abrandam-se as violencias, espiritua-lizam-se as sensações, se assim me permittes dizer,

O que era puro instinto brutal, material, como o amor, é hoje um sentimento delicado que se não manifesta pelo ululo lascivo, mas pelo beijo ou pela estrophe. Em essencia, porém, é a mesma attracção viva, o mesmo desejo, o mesmo arrebatamento. Somos millenares e a nossa velhice manifesta-se pelo tedio, por esse fastio de viver, por esse aborrecimento tão commum nas grandes sociedades.

Os hyperesthesicos são os infelizes e ainda hoje só podemos encontrar a verdadeira felicidade nos simples, nos que não apuram os sentidos, nos que não exercitam fortemente a intelligencia que accende os desejos novos e cria os novos soffrimentos. Falas do passado, achas que a Historia e os poemas são os jardins onde a Humanidade se recreia e esquece as amarguras dos dias vigentes. E a ambição que a leva para o Futuro? E esse tenebroso Futuro, que ella vive a explorar como se fôra uma mina do Tempo?

Nós continuamos a vida antiga, meu amigo. O aryano levantava a tenda e seguia, em bandos, ao longo da terra virgem. Nós cavamos a terra, perfuramos o fundo dos mares, brocamos os altos montes e já pairamos entre o céu e a terra. O «ser» vive e cada vez mais activo, o «ser» que é a semente da vida humana, a eterna e, por isto mesmo, invariavel semente. Porque não lhe havemos de dar o nome consagrado?

— Alma . . . ?

— Sim, alma . . . a eterna fleuma, que se decanta no Tempo e no espaço através de existências, que são graus de purificação.

— Reduzes tudo a uma operação . . . química . . .

— Química espiritual, se quizeres . . . mas química.

O APERTO DE MÃO

— Que é isso, homem? Onde vais com toda essa pressa?

— Onde vou? Lavar as mãos.

— Condemnaste algum justo?

— Coisa peor, muito peor! Imagina que não ha ainda meia hora que sahi de casa e estou com as mãos neste estado. E o meu amigo abriu espaladamente as mãos ficando na attitude em que a iconographia figura S. Francisco de Assis recebendo os estygmás. Vendo-lh'as claras, finas e limpas, como sempre, e bem tratadas, porque, duas vezes por semana, tem elle hora na manicura, encarei-o sem disfarçar o espanto:

— Mas que têm as tuas mãos, Americo?

— Que têm? Têm o suor de trinta e tantas mãos que tenho apertado até agora. Trinta e tan-

tas mãos suadas, peganhentas, algumas escorrendo em ephidrose, todas impregadas de immundicies que os olhos não vêem, mas que nos penetram como aquelles venenos subtis que os chimicos medievaes dissimulavam em anneis.

Ha mãos que causam asco : molles, viscosas, frias, tentaculares, mãos que me dão a impressão de pequenos polvos. E hei de tomá-las nas minhas, apertá-las, porque a convenção impõe tal sacrificio horrendo.

Um homem, para ser delicado, cortez, não deve recusar a mão que se lhe estende. Se o fizer, ai ! delle . . . será apontado como grosseiro, orgulhoso . . . que sei ! E nós, com toda a vaidade ridicula da nossa archi-civilisação e hyper cultura, rimos de certos selvagens, do Amazonas, creio, que, para darem ao estrangeiro, que recebem na taba, uma prova de amizade, reúnem-se em volta de uma cuba de barro, onde vão babando o sumo de certas hervas, que mascam, offerecendo depois, ao desgraçado hospede, a immunda libação. Se o infeliz tem estomago que suporte a beberagem, festejam-no como amigo ; se a recusa, nauseado, é ali mesmo feito em postas. É, pouco mais ou menos, o que se dá comnosco com o aperto de mão.

— Não deixas de ter razão, mas que se ha de fazer ? as leis da sociedade são inappellaveis.

— Sim, mas é preciso reagir contra taes leis.

Se os bacteriologistas insurgem-se contra o beijo, porque não havemos de protestar contra esse costume incommodo e salaz do aperto de mão? A boca tem os encantos que lhe são próprios, o beijo é uma attracção. O delirio amoroso desculpa-o e até o justifica.

Mas que ha no aperto de mão? No beijo a morte é propinada pela voluptia, o veneno vem na taça do goso como um philtro; é Venus quem nos offerece o elixir lethal. E nas mãos?

A mão é exploradora, coscovilheira: vai a tudo, em tudo toca, como as moscas, e, se não tem males próprios, adquire-os onde pousa. Examina ao microscopio alguns atomos colhidos na palma da mão mais delicada depois de algumas horas de passeio e acharás germens de todas as enfermidade conhecidas e até de algumas ainda não mencionadas nas pathologias.

A religião instituiu as abluções e eu acho que todo o homem devia trazer comsigo um pequeno gomil para purificar-se depois de certos encontros. E ha ainda cavalheiros que, requintando em amabilidade, não se contentam com o aperto da pragmatica, guardam-nos a mão nas suas, esfregam-na, alisam-na, transmittem-lhe, assim, com o pretexto de affago, todo o virus que trazem. Borgias, meu amigo.

É preciso que alguém se rebelle tendo a cora-

gem atrevida de bradar contra esse uso incommo-
do, pouco aceiado e nocivo.

Evita-se o escarro do tuberculoso, mas aperta-se-lhe a mão e, se a negamos, lá vem a lamuria dos humanitarios : que não tens coração, que és cruel porque dás a entender ao enfermo que elle é um caso perdido e que o seu mal é contagioso.

Se um homem do povo estende-te a mão humida do « suor honrado » e ainda empastada de outras coisas que fazem massa com o dito suor e tu retrahes prudentemente a tua, dizem logo que és orgulhoso, pedante e por ahi além. Pois eu, meu caro, affirmo-te que não tenho geito nem disposição para piedade e recusaria entrar no « Flos sanctorum » se, para tamanha gloria, fosse necessario praticar taes actos generosos. Lembro-me do caso de um Santo — creio que o li em Bernardes — que agasalhou um leproso no seu estreme e lá por horas velhas da noite, sentindo o hospede, que era friorento, ajoujar-se-lhe ás costas, deu graças a Deus por ter ainda calor para aquecer o infeliz. Ganhou o céu, diz o hagiographo. Fosse commigo e teria ido parar no inferno.

Se todos pensassem como eu, o mundo seria uma coisa possivel. Mas não : é habito, é costume, é tradição, é vezo, é, emfim, herança dos nossos maiores, e não ha remedio. Os avós . . .

A linda Isolda tinha uma só camisa e a mulher

mais pobre do nosso tempo tem duas, pelo menos : uma no corpo e outra na lavagem. Afinal não vale a pena um homem gastar tempo e dinheiro a ensaboar-se e a ouvir o galreio da manicura, que o esfola, porque, logo ao sahir á rua, encontra alguém que, com um affectuoso aperto de mão, inutilisa tudo. És homem de imprensa, dispões de um jornal. Porque não inicias a campanha contra o aperto de mão ?

— Eu ! ? Queres que desabe sobre mim a colera das gentes ?

— Antes a colera do que a immundicie. A colera não mata.

— Não conheces o povo, Americo.

— Conheço-o de sobra e justamente porque o conheço é que o evito. Digo-te mais : ha certos sujeitos que têm prazer em esfregar as mãos nas do proximo como se as limpassem a um trapo. E, quanto mais frescas e mais limpas as sentem, mais esfregam. Ainda se tal fizessem com a intenção louvavel de limpar-se teriam, não o perdão, porque deviam preferir um lavatorio, mas uma attenuante. Mas elles procuram as mãos alheias como as borboletas procuram as plantas : para a desóva, releva-me a expressão. Vão contaminar, passar adiante a sujeira e os vibriões nella contidos. E, como eu sou nervoso, sempre que um de taes typos me aperta a mão, sinto immediatamente pruir-

me o nariz. Comprehendes que não sou tão tolo que o coce, mas fico a supportar um incommodo, ás vezes, horas . . . por convencionalismo social.

Sou egoista, como tu e como todo o homem que se préza, não desse egoismo apegado aos bens, que é avareza, mas egoismo de saude, que é a melhor fortuna. E vê lá : se eu consigo deitar a mão a um gatuno no momento em que o patife procura surripiar-me a carteira, posso entregá-lo á policia, mettê-lo no xadrez, arranjar que o mandem para uma colonia correccional. Entretanto um desconhecido qualquer vem a mim, estende-me a mão, transmite-me uma doença dolorosa ou hedionda e eu, para ser cavalheiro, ainda me hei de mostrar desvanecido, sorrindo ao envenenador. Não me consta que homem algum houvesse jámais agradecido ao assassino o golpe com que o prostrou.

Pois essas mãos que por ahi andam, se não estão manchadas de sangue, como as de Lady Macbeth, vêm pullulantes de germens, peiores que o punhal e a bala, porque matam lentamente : consumindo, estiolando, torturando.

Acho que os homens deviam conversar afastados, tanto que não sentissem reciprocamente o halito. Seria a perfeição. Mas não : vivem abordando-se : nas ruas, nas salas, nos jardins publicos, nos theatros, em toda a parte. É o instincto da perversidade que assim os torna, como por ahi dizem :

sociaveis. Nem todos pensam como o leproso de Aosta.

Paramos á porta de um barbeiro, e Americo insistiu :

— Escreve alguma coisa no teu jornal. Faze essa obra de saneamento. É uma medida hygienica de grande alcance.

— Pois sim.

— Promettes ?

— Prometto.

— Ainda bem ! És um bravo ! E, tomando-me ambas as mãos, sacudiu-as num « shake-hands » bem inglês.

VÆ SOLI!

— Dir-se-á que conviveste com o sombrio Dr. Stockmann, de Ibsen, o tal que descobriu no fundo da misanthropia o aphorismo lugubre — « que o homem mais forte do mundo é aquelle que vive mais só. » Eu prefiro pensar com Wotan, o Jupiter scandinavio, que, no Canto do Havamal, deixou traçado, em breves, mas eloquentes palavras, o elogio do amigo. « Væ soli ! » geme o principe philosopho e tu amas e buscas a solidão. Andas mal. Foge de ti mesmo, não ha peor companhia para o homem do que a sua sombra. A solidão é um carcere onde não penetra a luz nem circula o ar puro, o ar sociavel que vem do convivio sadio das mat-tas ou da vastidão salitrada do oceano ; carcere que tresanda a mofo e á humidade que lhe tresua do solo e que porejam os seus muros lobregos e frios.

As casas deshabitadas arruinam-se depressa, apodrecendo como os cadaveres ; o mesmo acontece ao homem que se confina. Toma um amigo e passeia tua alma taciturna pelo seu coração respirando a alegria da amizade. A solidão é um carcere, repito ; e por que has de viver preso voluntariamente, arrincoado no silencio, olhando de longe a vida ?

Na solidão escutas apenas os teus pensamentos, devoras-te a ti mesmo emquanto que, tendo um amigo fiel, com o qual te correspondas, trocas com elle idéas, passas-lhe os teus desgostos, as tuas apprehensões, o teu tedio e elle responde-te com o encorajamento, trazendo o teu espirito para a discussão, infiltrando-lhe enthusiasmo, que é como calor de sol. Como se adquirem febres lethaes dos paues, que exhalam miasmas deleterios, tambem a alma solitaria, vivendo sempre no silencio que é um estagno, só comparavel aos tremedaes adormidos, contrahe a melancolia.

A alma, de natureza puramente espiritual e eterna, é expansiva. A prisão é, para ella, um sacrificio. O homem que vive unicamente com a sua sombra é um egoista, o peor dos avarentos e, francamente, não merece o halito que respira. Os hygienistas aconselham os passeios, as viagens. É caminhando que o corpo se refaz. É ao pleno ar, na alegria vívida do sol que os pulmões se tonificam.

Todo o organismo lucra com o contacto da luz, na companhia das arvores, na companhia da natureza, emfim. Cerca-te de vida e viverás.

O homem triste é, quasi sempre, esteril como os sitios muito ensombrados. O teu mundo é o teu cerebro, o rumor que ouves é o do teu coração a bater. És um melancolico e, refugiado dos homens, acabarás por aborrecer-te a ti mesmo e, quando tal succeder, que será de ti? Tens um vampiro latente que te destróe a alma.

Livros . . . É bom lê-los, não ha duvida ; mas não bastam. Livros são janellas abertas sobre a vida. Não é só ficar á janella, é preciso sahir, caminhar, vêr, sentir, gosar e soffrer. Os sentidos exigem trato e alimento, exercicio, direi até esforço para que se não annullem. Um homem, se resistisse a longo encarceramento em ergastulo profundo, onde jamais chegassem a luz, os rumores e os aromas que andam esparsos no ar, no dia em que fosse restituído á liberdade nada veria, nada ouviria, não distinguiria os perfumes nem, talvez, se pudesse guiar pelo tacto.

O homem precisa de agitação e de repouso ; os olhos precisam da luz e da sombra ; os ouvidos descançam do rumor no silencio ; o olfacto aspira o aroma e o ar puro ; o tacto vai do objecto ao vacuo que estabelece intervallos, como os dos passos na marcha. Rythmo, meu amigo. A vida que levas é

uma verdadeira hybernação. E queres ter alegria ? A alegria — já alguém disse — é a flôr da saude e não póde apparecer em alma enferma, como a tua. A tua vida é uma autophagia : vives á custa de ti mesmo : devorando-te.

Os ursos polares, nas épocas dos grandes frios, alapardam-se e, inertes, transidos, ficam como mortos nutrindo-se da propria gordura adquirida durante a curta primavera, se tal nome suave merece o ligeiro tempo em que as phocas trebelham e aqui, ali num pouco de terra perdida, rebenta uma tige verde, abre-se uma folha rachitica ou, num comoro de gelo, desabrocha a avelludada e candida edelweiss.

Assim tu. Vives de recordações, sustentas-te do passado : a tua nutrição é feita exclusivamente com reminiscencias e saudades. De quando em quando soltas a imaginação, como um pombo explorador que vôa, revôa e torna . . . nem sempre trazendo o desejado ramo de oliveira. E lamentas a tua sorte, o teu destino triste ; e queixas-te de enfermidades, e achas o mundo detestavel. Não tens razão . . . És injusto com a vida.

Á aragem mais branda todo te arripias como a rajadas ásperas do mais gélido inverno ; á menor excitação tremes e buscas, impressionado, o thermometer no temor de febre. Illusões, espectros da solidão. Na quietude da noite alta, para o espi-

rito timorato e supersticioso, o mais leve rumor estronda pavorosamente, o rapido rastejar de um insecto, o lufar da uma cortina, o ranger de uma porta, qualquer estalido, tudo atrôa em fragor e assusta. Os teus nervos tensos vibram á mais leve impressão como, ao contacto mais subtil, resôam as cordas esticadas de uma harpa. Deixa-te de melancolia.

A Thebaida, meu amigo, é hoje atravessada por estradas de ferro. Muitos dos eremiterios, que foram seminarios de ascetas, são agora cidades de grande vida, com hoteis e casinos, luz electrica e até politica. Deixa-te de cenobismo. Deixa-te de recolhimento. Não tens alma para monachismo nem o seculo comporta abdições como as de antanho. Reage contra ti mesmo : a tua vida é um refluxo perenne.

Onde te queres metter ? Pretendes regressar á caverna do troglodyta ou á cova do incluso ? Se tal fizesses a Policia iria buscar-te com um carro gradeado e uma camisola de força. Deixa lá o Dr. Stockmann com a sua descoberta. Queres a opinião de outro medico ?

Vamos a um que conheço amigo da vida como Mecenas, e optimista como Pangloss. Estamos na sua hora de consultorio. Vamos ! Deixa o presidio e vem sentir o dia adoravel que aqui nos chega coado pelos vidros das janellas. Vem !

O sol lá está, lá estão as flores e as crianças, lá estão as mulheres. Vamos! Nada de philosophias ácidas.

Que importa que o homem que te acotovella seja um bandido? não lhe vais pedir lição de moral, vais apenas senti-lo, aproveitar o que d'elle se desprende, que é a essencia mesma da vida: a sua alegria, o rumor dos seus passos que vão para diante, o mover irrequieto dos seus olhos, o espectáculo admiravel e suggestivo de um ser em acção. A roseira está crivada de espinhos e tu, nem por isso, deixas de colher a rosa. O animal que se chega á arvore para aproveitar-lhe a sombra não a ronda em farisco examinando-a desconfiadamente a vêr se é venenosa ou san: deita-se e adormece. Precisas da Natureza e da Humanidade, de exercicios e de emoções. Emoções, eis a therapeutica que te convem.

A emoção é, para o espirito, o que é a gymnastica para o corpo. Ris? Ainda bem. Começa a operar-se a cura. Isso é signal de convalescença. Daqui para a alegria de viver é um passo. Tenta-o, o dia convida. Vamos!

CONSULTA . . .

— Não minha senhora. O medico, como o artista, torna-se impassivel. O esculptor, por exemplo, que desnuda uma mulher, jovem e formosa, para modelá-la, vê apenas no corpo as linhas, o contorno, as curvas e ondulações graciosas e, quanto mais perfeita é a plastica tanto mais nella se absorve o espirito sem cogitar, um momento, da materia. Os sentidos adormecem sob o prestigio da Belleza como, segundo a lenda, tombavam, rendidos ao aceno dos magicos e feiticeiros, não só dragões como as proprias forças elementares da natureza.

O verdadeiro artista, aquelle que sente e vive pela « idéa », chega ao excesso de ter ciume do seu modelo, porque sabe que o amor é destructivo.

Conheci na Italia um estatuario que esfaqueou

uma rapariga por a haver surpreendido em colloquio com um militar. Levado ao Tribunal confessou serenamente o crime, dizendo que o commettera, não por ciúme da mulher, com a qual não tivera, jámais, outras relações senão as de espirito, mas por ciúme da obra em que trabalhava, copia do corpo no qual descobrira, com odio, os primeiros indícios da maternidade.

Revoltara-se contra a profanação e, não encontrando o miseravel que a praticara, ferira-a a ella, vingando-se do que considerava um ultraje á Belleza e um furto á sua gloria de artista.

E, para provar aos juizes que dizia a verdade, exhibiu perante o Tribunal uma figura admiravel — a « Primavera », copia do corpo divino da traidora, cuja execução elle fôra forçado a interromper.

— E os juizes ?

— Ah ! os juizes procederam como os heliastas quando Hyperides, sentindo a fraqueza da sua eloquencia e empenhado amorosamente na defesa de Phrynéa, fez a hétere adiantar-se até o centro da assembléa e, rasgando-lhe a tunica, expoz aos olhos pasmados dos que se acirravam contra ella aquelle corpo, que, ao sahir das aguas do mar, dourado pelos cabellos, arrebatou o povo que se ajuntara na praia fazendo-o clamar maravilhado : « É Aphrodite que emerge das ondas ! »

— O doutor é poeta . . .

— Nas horas vagas, minha senhora. Mas continuando : O verdadeiro homem de sciencia é tambem artista. Sei em que se funda V. Ex.^a para interrogar-me sobre tal assumpto. É no meu casamento. Effectivamente foi como medico que vi, pela primeira vez, Georgina. Nunca nos haviamos encontrado. Eu chegara da Europa, ella achava-se a passeio no Rio.

Chamado á noite — porque o meu hotel ficava a dois passos do palacete do conselheiro — fui vê-la. V. Ex.^a, que lá se achava, sabe em que estado a encontrei : algida, inerte, a extinguir-se. Se eu me houvesse demorado uma hora, a minha presença teria sido inutil.

Ao abeirar-me do leito, onde ella jazia, não vi mais do que um caso clinico, uma enferma em estado grave e a minha preocupação de medico dominou-me completamente. Imagine V. Ex.^a um general que, com o seu exercito formado e sentindo o inimigo, em vez de cuidar da batalha, de dispor as tropas, de estudar o terreno, se puzesse a admirar a paisagem enlevado na belleza do sitio . . . Postei-me dedicadamente á cabeceira da enferma e, durante quinze dias atormentados, de esperanças e de desesperos, sentindo a vida fugir-me de baixo da mão, dois sentimentos lutaram em mim : um meigo, de piedade, por vêr uma criança presa da

morte, a rolar para o tumulo ; outro, o do amor proprio, do orgulho, que mais se accentuou quando o conselheiro me veiu propor a tal conferencia que eu, animosamente, recusei assumindo a responsabilidade tremenda de salvar a vida que desfallecia. Venci.

Na convalescença Georgina conservava os vestigios da impressionadora belleza que lhe valeu um premio em Nice, mas vestigios apenas, e bem apagados, valha a verdade. Magra, livida, com os lindos olhos languidos em debruns de olheiras denegridas . . . fazia pena, isso fazia . . . só isso. Á medida, porem, que se foi refazendo em saude, comecei a notar-lhe os traços delicados, a meiguice dos grandes olhos luminosos, o recorte gracioso da boca, a alvura dos dentes, a graça leve dos movimentos . . . e ouvi-lhe a voz, e adorei-lhe o sorriso. Já então não era o medico, era o amigo que ia em visita carinhosa á casa em que fora recebido.

— Não seria já o amor ?

— Não, não era. O que me levava era ainda o sentimento da minha responsabilidade, era o receio de que sobreviesse alguma complicação. O artista dava os ultimos toques á sua obra.

Foi só quando a vi salva, sorrindo alegre, conversando com vivacidade no jardim, onde, uma tarde, nos achavamos, que senti o seu prestigio no coração. Duvidei a principio, attribui o « meu in-

teresse» por ella ao desejo que tinha de a vêr restituída á saude, reintegrada na vida, tomei a coisa como « vaidade », vaidade de medico, aliás justa, porque a campanha fôra difficilima, mas não, minha senhora : o meu diagnostico estava errado. O que me prendia á cliente não era mais o dever clinico, mas verdadeiramente o amor. Ella estava salva, quem estava perdido era eu.

E perdôe-me dizer-lhe com um pouco de poesia : concorreu muito para esse encantamento a convalescença, a primavera da saude, a volta das côres, do sorriso, da alegria, da vivacidade. A verdade, porém, é que, se eu não a tivesse visto antes, como a vi, teria acontecido o mesmo. O passado doloroso não concorreu, de modo algum, para a ventura que consegui.

— Fala sinceramente ?

— Sinceramente. E digo mais : O medico, á cabeceira de um enfermo, é como uma sentinella perdida na sombra, sempre em perigo de insidias : não póde distrahir a attenção. O seu olhar deve estar fito no doente, no « caso », digamos : as menores coisas exigem exame — um movimento, a temperatura, o pulso, o olhar . . . tudo. Ás vezes um rictus em relampago illumina toda uma perspectiva. Assim a sentinella, precisa aguçar o ouvido, reforçar a vista para distinguir no silencio abafado os mais leves ruidos, perceber na escuridão sombras

que rastejam para acudir a tempo com o alarma despertando o acampamento.

Demais, minha senhora, o espectáculo é tão triste, a dôr acabrunha tanto . . .

— E o doutor acha que todos os medicos sentem como o senhor ?

— Os verdadeiros medicos devem sentir. Ha artistas que esculpem e ha desbastadores que apenas dão fórma ao bloco — estes não sentem, fazem obra material.

— Todavia, ha casos . . .

— Sim, ha casos. Eu proprio poderia citar alguns a V. Ex.^a Nesses, porém, o medico exerce sempre papel secundario.

— Como secundario . . . ?

— Os medicos moços, quando são bellos, elegantes . . .

— Como o senhor.

— Pelo amor de Deus ! Eu, elegante . . . Mas os moços são, muitas vezes, chamados para certas enfermas que os recebem . . . Emfim, são tambem doentes, coitadas !

— E o senhor já teve algum de taes chamados ?

— Minha senhora, na clinica apparece de tudo . . .

— E então ?

— Então . . . Costumo receitar calmantes.

— Ah ! se Georgina soubesse.

— Não tenho segredos para minha mulher.

— Nem os profissionaes ?

— Conforme . . . Olharam-se um momento e sorriram. Felizmente Georgina appareceu risonha com um grande ramo de chrysantemos amarellos.

NIHIL NOVUM

— Tudo velho, meu amigo. As florestas são as mesmas em que andaram errantes as hordas barbas, caçando e pelejando ; nós o que nellas fizemos foi desbravar caminhos e aproveitar, com mais engenho, as suas produções. As brenhas do periodo glacial resurgem dos seus tumulos, que são as minas e, em vez de darem lenha e fruto, estuam em força e abrem-se em claridade. A locomotiva que avança aos sertões ; o transatlantico que atravessa os mares ; o motor que propulsiona a officina queimam, em carvão, cadaveres de troncos e cada chamma de gaz é a transformação de uma folha d'arvore millenar em luz.

As superstições, florestas nas quaes se transviava a alma do primitivo, são, igualmente, as mesmas, apenas o homem, á medida que se familia-

risava, por observação mais calma e intelligente, com os phenomenos da vida e da natureza, foi transformando as credices rudes em religiões, os sortilegios e encantamentos em medicina, a feitiçaria em therapeutica. Tudo velho, velhissimo.

Analysa a sciencia medica e acharás a sua origem em cultos e cerimonias, formulas e ritos do passado — o que hoje é « luz » de progresso não passa de exumação de « florestas » de superstições, como a hulha é o residuo das mattas originaes.

Eu, que tenho percorrido grande parte dos nossos sertões, já tive idéa de colleccionar sobrevivencias matutas que apparecem no alto mundo scientifico, depois de apuradas e experimentadas em laboratorios, com rotulos em grego e em latim. O esconjuro da Peste, por exemplo, ou prophylaxia, como lhe chamam os nossos hygienistas, vi-o eu praticado, pela primeira vez, em certa povoação de um dos nossos Estados do Norte, onde grassava a variola.

A pobre gente, assediada pelo mal terrivel, andava espavorida. Eram familias inteiras que pereciam abostelladas, sem soccorro, porque ninguem se atrevia a visitá-las; gente a agonisar nas roças cahida pelos caminhos. Á tarde, no adro de ermida, ajuntavam-se todos em preces e as penitencias que, então, vi commoveram-me até as lagrimas. Á noite a escuridão avermelhava-se com os fogareus

e os dias, abrumados de fumaça, lembravam os de Agosto durante as queimadas: — eram os grabatos, os giraus, os estrames e até choupanas onde haviam morrido variolosos, que ardiam em expurgo; o que prova que, antes da invenção das estufas, já o povo conhecia o poder do fogo como desinfec-tante.

A casa em que me hospedei assentava no lançante de risonha collina. Era moradia de uma senhora viuva, ainda minha parenta, antiga fazendeira que a politicagem, em que se envolvera o marido, deixara quasi em miseria, reduzindo-lhe as posses a um sitio de terra arenosa e pedrenta, algumas rezes e um velho engenho.

Agasalhado magnificamente por ella, passei ali todo um inverno, que teria sido delicioso se a peste me não houvesse obrigado a andar dia e noite pelos campos, pelos carcavões da serra, de rancho em rancho, acudindo piedosamente aos flagellados.

Não te descreverei o que vi nessa dolorosa peregrinação.

Como a vida é ardua e triste para essa pobre gente sertaneja, que só vale pelas contribuições com que, humildemente, concorre para a Patria — imposto, voto e sangue.

Deixemos, porém, taes commentarios para os philanthropos e para os opposicionistas — vamos ao que interessa ao caso, que é a originalissima

desinfecção a que me submettia a minha cautelosa hospede, sempre que eu tornava de visitas aos empesteados.

Não dispondo de aparelhos complicados como estufas, autoclaves e etc., servia-se de um simples fogareiro de barro e comervas, raizes e resinas aromaticas, purificava-me.

Eu entrava para um quarto e ahi esperava a velha negra, que punha em funcção o fogareiro lustral. A cerimonia tinha algo de religiosa, cercava-se de mysterio, como um rito. A negra ia lançando ás brasas punhadinhos de arómatas eervas mi-gadas e, quando o fumo se desenrolava, á medida que fazia passes com o fogareiro, cantarolava, em tom monotono e soturno, palavras de exorcismo. O fumo abrumava o recinto, suffocava-me, fazia-me tossir. Eu reclamava, protestava. A negra, porém, sem se dar por achada, continuava na pratica sortilega, como uma bruxa em encantamento.

Ás vezes, tão espesso se tornava o fumo no ambiente, que eu não a via sahir. Tornava a mim com a claridade que entrava pelas janellas, subitamente escancaradas a um empurrão de fóra. E era com indizivel alegria que meus olhos, empannados e ardidos, se alongavam deliciadamente pela paisagem e os meus pulmões ansiosos sorviam, a haustos, o ar puro, desanuviado e fresco. Só depois de tal mundificação tinha eu livre transito na casa. E

a bôa senhora dizia, justificando o seu rigoroso escrupulo :

— Eu sei que é aborrecido, é ; mas tenha paciencia ; é para seu bem. A defumação leva todos os males, porque a fumaça é essencia daservas e das resinas santas apurada pelo fogo, que tudo limpa.

O caso é que me convenci da efficacia das taes fumaradas, puz nellas tanta confiança que nunca mais pensei em contrahir o mal terrivel e, no auge da calamidade, que esteve, por pouco, a transformar em cemiterio a alegre povoação, eu ia a toda a parte, visitando variolosos, andando no meio delles com a mesma certeza da invulnerabilidade com que Achilles mettia o peito ás lanças.

E a epidemia abrandou, passou sem que uma só das pessoas da casa fosse por ella attingida.

Como explicas essa immunisação ? pelos cuidados de aceio ou por prestigio da fumaça e das rezas ? Um pouco, talvez, pela fumaça, não é verdade ? muito mais agradavel com o seu aroma do que as fumigações feitas com as drogas empregadas pelos desinfectadores.

Mas o facto, para o qual chamo a tua attenção, é que os nossos expurgos não são novidade para o povo simples. Demais tem elle ainda as rezas, que são isoladores espirituaes, firmam a confiança, afugentam o medo por conta do qual, segundo affir-

ma o apologo indiano, correm dois terços da mortandade em tempo de peste.

— Póde-se, assim, dizer que a alfazema foi a precursora do formól ? . . .

— E porque não ? E que sabemos nós do passado ? Os egypcios queimavam essencias preciosas nos seus templos, o kiphy, por exemplo. Quem nos diz que os incensorios não tinham um fim mais pratico, além do que lhes attribuia a crença religiosa ? Moysés rubricou com o sello de Iahvé todos os preceitos de hygiene que impoz ao povo israelita. É assim, meu amigo. Tudo velho, velhissimo. Nós é que, com a nossa vaidade, andamos a apregoar descobertas que não são mais do que resurreições e aperfeiçoamentos de praticas antigas.

— Assim, o homem de hoje não faz mais do que aperfeiçoar idéas velhas ? . . .

-- É a minha opinião. Deu-nos o Senhor o mundo e um dote, não em dinheiro, mas em idéas. Esse dote é que nós vamos accrescentando no commercio intellectual e é hoje uma fortuna, o patrimonio da Humanidade. O máis, meu velho . . . vaidade. Quem tem razão é Cohelet.

— *Nihil sub sole novum.*

— Isso.

RESURREIÇÃO

— Digo-te apenas que é horrível, meu amigo. Horrível! Não ha termos que descrevam tal estado. Cancei-me de consultar psychologos e medicos, de compulsar tratados, de manusear monographias ; perdi um tempo precioso na Bibliotheca atafulhando-me no pandemonium da revista de Mr. Ribot, e nada. Foi peor. Sahi com o meu desespero mais aggravado, como quem, correndo, por agua, a palmares avistados, só encontra, reseccando-lhe ainda mais a sêde, rochas aridas e dunas tórridas.

O « surmenage » ou sobre posse, como querem os anti-gallicanos, ou sobrepeso, como eu lembraria, se tivesse autoridade para propôr vocabulos ao vernáculo, é uma parada por esgotamento. O « motu-continuo » é ainda um sonho, e sê-lo-á, talvez,

eternamente. Não ha motor que funcione sem força — seja ella agua de represa, vapor de caldeira, electricidade ou até o vento. É natural a immobibilidade da officina quando o motor, frio e inerte, dorme na sua pujança ; mas que o mecanismo esteja, que as polias remorem, que toda a engrenagem páre de golpe com o motor em movimento, eis o que se não comprehende.

No « surmenage » o cerebro torna-se como uma officina fechada, com os operarios em greve e todos os apparelhos paralyzados.

Succede, porém, ás vezes achar-se a officina em plena actividade, com toda a sua gente a postos e, subitamente, tudo parar ainda que o motor continue energico, cada vez mais impetuoso, atroando, suando como um cavallo árdego, preso á argola, que escarva o chão, relincha surdamente em ansia de partir a galope pela campina verde.

É o meu caso. Podes imaginar tortura maior ? Eu comparo-a á angustia que deve opprimir no fundo da terra o enterrado vivo. É horrivel !

Conheces a minha vida. Levanto-me cedo ; ás 5 1/2 no verão, ás 6 1/2 no inverno, barbeio-me, desço ao banho, alinho-me e, depois de sorver, com delicia, o meu café e de fumar o meu primeiro cigarro, dirijo-me para o gabinete, abro-lhe todas as janellas á luz e ao ar e faço a minha oração, como a fazia o arya no outeiro florido, diante de um altar

de pedras sobrepostas e como a declamava Juliano na velha torre de Macellum, no fundo da Cappadocia: [ao Sol. Se não lhe entôo um hymno, como o formoso cantico com que, tão devota e deslumbradamente, o celebrou o pobrezinho de Assis, mando-lhe os meus olhares cheios de enlevo e mais eloquentes, na sua contemplação maravilhada, do que todas as emphases poeticas. Isto feito recolho-me, quasi sempre com uma graça do deus rutilo, que é uma idéa para a chronica ou uma centelha mais viva que illumina um conto ou que flammeja, com inspiração mais larga, em um romance.

Estou tão habituado a « accender » o espirito, como a vestal accendia o fogo sagrado, que não me preocupo com o assumpto, certo de que me virá do céu, num raio de sol, como o manná descia ao arraial dos hebreus.

Um dia, porém, — e que dia formoso, esse ! — fui, como de costume, para a janella, fiquei, um instante, a contemplar o meu jardim, á espera da idéa que me devia vir do sol. Recebi-a e, com ella, encaminhei-me á mesa de trabalho.

Sentei-me, dispuz as tiras, lancei o titulo e fiquei aguardando a palavra inicial, sempre difficil em romper. Estive ali mais de meia hora rabiscando, garatujando sem conseguir tirar da penna um substantivo, um verbo, um adjectivo. Não era a

idéa que me faltava, o que me não acudia era a expressão.

Levantei-me e puz-me a medir o gabinete a lentos e largos passos, fumando. Como começar o trabalho ? « Tentemos uma paisagem, descrevamos um sitio conhecido », disse eu commigo tornando á mesa. Tomei a penna. Nada ! Não me occorria uma palavra, uma só !

E eu « via » tudo, tudo, com os mais miudos pormenores, « respirava » o fresco arôma das hervas humidas, « ouvia » o murmurio das aguas, o sussurro das folhas, « seguia » o vôo voluvel das borboletas, mas sentia-me incapaz de traduzir, de exprimir, de gravar aquellas impressões.

Fiquei aterrado. Attribuindo, porém, o phenomeno a indisposição de espirito, lembrando-me de Musset e de Maupassant, que tinham crises de esterilidade, resolvi sahir, distrahir-me para que o cerebro, repousando, voltasse a funcionar com a regularidade habitual.

Sahi, passei o dia todo fóra, aqui, ali, divagando. É verdade que, apezar das distracções, não se me varria do pensamento aquella relutancia.

Volta e meia lá se me apresentava a paisagem como a desafiar-me a descrevê-la e eu, porque me achava longe da mesa de trabalho, sentia-me capaz de realizar a intimação do ideal que me seduzia

como a agua e os frutos provocavam a sêde e a fome do miseravel Tantaló.

Á noite, mais animado, tentei a primeira linha. A obscuridade tornou-se mais densa. No dia seguinte, nada. E assim toda uma longa e atormentada semana durante a qual, meu amigo, nem um ligeiro bilhete escrevi porque não tinha... palavras.

Julguei-me perdido e foi tal a excitação dos meus nervos que minha mulher resolveu chamar um medico. Interrogado por elle calei, com uma especie de pudor, a verdade do meu tormento. Nada lhe disse com relação ao facto, desviando-me para outros assumptos: falei-lhe da minha insomnia, da falta de appetite e elle receitou... não sei que. Rasguei a receita e deixei-me estar afundado na ottomana, passeiando os olhos pelos armarios da bibliotheca.

Parecia-me impossivel que eu houvesse perdido todos os meus vocabulos, o meu thesouro. Não! Não era possivel! Tentei ainda uma vez. Nada! Resolvi, então, fugir daquella casa maldita, abandonar, para sempre, aquellas paredes que me pareciam cúmplices da irreparavel desgraça.

Que havia de fazer? Não te posso descrever o meu desespero.

Um millionario que, ao entrar em casa, achasse o seu cofre arrombado e vazio não ficaria como eu fiquei.



Minha mulher, que não se apartava de mim, propoz passarmos alguns dias na fazenda, entre os parentes. Concordei e partimos.

O quarto que nos deram, o mais amplo e arejado de casa, olhava, por um dos lados, para a mata e o correjo passava tão perto que, á noite, no silencio, eu ouvia o escachôo d'agua no moinho.

Uma tarde — começavam a brilhar os vagalumes — tomou-me subita e violentamente o desejo de escrever. Metti-me no quarto, accendi a lampada e debrucei-me á mesa diante de uma larga folha de papel. Assentei a penna. O receio estarecia-me. Mas não ! A primeira palavra sahiu de prompto, veiu outra, outra em seguida e a phrase formou-se perfeita e sonóra, ainda que, por vezes, eu hesitasse como um convalescente na primeira sahida ao ar livre, quando ensaia os passos, escolhendo, a medo, o caminho. Por fim a penna poz-se a correr leve e facil e as palavras affluam-me como a agua represada quando se retira a comporta. Quando deixei a mesa a madrugada abria-se no céu e os passaros chilreavam em matinada na matta.

Comparo a minha alegria á que, naturalmente, sentiu Lazaro quando a voz de Jesus o evocou do tumulo e, levantando-se, amortalhado, reviu o céu e os loureiros de Bethania, porque eu tambem resuscitei, meu amigo. E, como quem torna á vida

tem ansia de rever tudo, ao mesmo tempo, pessoas e coisas, animaes e flores, os caminhos da terra, as nuvens e os astros do céu para convencer-se de que, realmente, vive, assim eu, durante uma semana, trabalhando incessantemente, em verdadeira febre, compuz materia que daria um volume. Comecei por uma novella á qual seguiram-se contos, chronicas e fantasias, puz em dia a minha correspondencia escrevendo a todos os amigos, como se elles houvessem tido noticia da minha «morte» e assim tivessem prova da minha resurreição. Um horror! meu amigo. Um horror!

— E isso repetiu-se?

— Não, felizmente. Foi essa vez apenas e Deus me livre de outra.

FORÇA DO INSTINCTO

— O homem é um animal sociavel. Os que negam o instincto da solidariedade humana negam a propria vida. Só quando a Parca o corta é que sentimos o vinculo mysterioso que nos liga a outro ser. Ficamos, um momento, desequilibrados como quem perde o ponto de apoio e, para não nos abysmarmos na tristeza, que é o vacuo, tratamos de ligar o fio solto, para o que procuramos uma sympathia, amizade ou amor. Alguns, como os poetas, prendem-se a ideaes, sonham, apegam-se a fantasias e distrahem-se cerebrinamente emquanto não lhes chega a desillusão para os despertar, como uma lufada desfaz a teia que a aranha suspende entre dois ramos.

E não nos ligamos sómente a seres : prendemo-nos a tudo que se nos depara, como o naufrago se agarra ao que vê fluctuando na onda.

Quantas vezes, regressando a um sitio onde vivemos na infancia ou que visitamos na mocidade, soffremos notando-lhe as mudanças, vendo-o de todo transformado e buscamos na memoria a lembrança de certa arvore que ali abria a ramagem, procurando o vestigio do corrego que por ali serpava, recompomos scenas rusticas que presenceamos quando, em vez de casas pretenciosas e jardins muito aparados, aquillo tudo era agreste, com arvores velhas enfeitadas de parasitas e carcavões sombrios accumulados de pedras limosas, por entre as quaes desferiam finas aguas ligeiras.

Prendemo-nos a tudo porque em tudo deixamos, de passagem, um pouco de nós mesmos.

O misanthropo é um egoista — encolhe-se no seu *eu*, não porque aborreça a sociedade, mas por só cuidar em si. É um coração opaco, sem irradiação. Todavia, no retrahimento em que vive, não se isola de todo, não se apaga completamente : não é o solitario que parece — tem uma mania qualquer. Este dedica-se aos animaes ; aquelle a plantas ; outro faz-se colleccionador de autographos, numismata, philatelistas, etc. Só, mettido em si é que ninguem vive. A solidão só é possivel no tumulo.

Certo homem, com quem privei no tempo da felicidade, — que foi aquelle em que viveu com a mais linda e virtuosa das mulheres que tenho conhecido — perdendo-a ficou como louco, refugindo a

todo o convívio, negando-se aos amigos que o procuravam e, por fim, pondo em leilão a casa, desapareceu. Correu a noticia de que se havia retirado para Minas, recolhendo-se a um mosteiro. Passaram-se dois annos.

Um dia, indo á Tijuca, encontrei o meu viuvo inconsolavel passeiando, de branco, com um cão e uma linda criatura loura. Quiz evitá-lo ; elle proprio, porém, vindo ao meu encontro, apresentou-me á «sua senhora», convidando-me para tomar um copo de cerveja em sua casa, a dois passos dali, no meio do bosque. Fui.

A residencia era um encanto. Installamo-nos em um palhiço, todo cercado de samambaias e avencas, franjado de filandras, junto do qual uma acacia parecia toda accesa em sol e, como a senhora tinha de dirigir a casa, ficamos os dois em colloquio e o homem, cujo nome occulto, como se sentisse necessidade de explicar o seu procedimento, abriu-se commigo :

— Aqui me tens casado em segundas nupcias, eu, que jurei, sobre o cadaver de Jessy, manter-me fiel á sua memoria. Sou um perjuro, dirão os que me não conhecem. Pouco me importa a opinião anonyma. Casei por necessidade de companhia. Estava jungido á morte : a minha existencia era um lento suicidio : todo o meu pensamento ia para o tumulo. Estava ficando maniaco.

Aconselhavam-me a volta á sociedade, mas a sociedade não é companhia : é distracção. Os parques são logradouros publicos. Para o verdadeiro goso vale mais o nosso pequeno jardim, onde podemos estar á vontade, no aroma das flores que plantamos.

Nos parques, quero dizer : nos salões, nos theatros, etc., eu sentia-me ainda mais isolado e a felicidade dos que me cercavam como que ainda mais aggravava a minha tristeza. Em casa tudo me falava da que se fôra. Eu sentia-a, via-a, ouvia-lhe a voz.

Não tendo companhia tirava-a de mim mesmo, da imaginação, em espectros. A' falta do ser adoptei a sombra e assim, meu amigo, começava a desviar, a perder-me em visões.

Compreendi o perigo de tal situação e resolvi divertir-me, ou melhor : atordoar-me e viajei. Foi peor.

A falta da companheira tornou-se ainda mais sensível. Tomei amantes, mas a amante é apenas a mulher material e eu precisava de alguém que sentisse commigo, que me cercasse de carinho, com amizade ou, ao menos, por gratidão ; alguém que me acompanhasse com o espirito, em cujo coração eu repousasse o meu. Lembrando-me, então, do que disse o philosopho que « só se destróe aquillo que se substitue » resolvi substituir a morta, não para

destrui-la, mas para tranquillisar-me, desassombrando a alma e decidi casar-me.

Não procurei mulher rica nem formosura celebrada. Não fui ás estufas, onde são cultivados os primores, contentei-me com uma flôr simples. A sorte favoreceu-me deparando-me uma menina pobre, pura como a Miranda do poeta, formosa, esmeradamente educada, não para salões, mas para o lar, que se desvela por mim, cercando-me de meiguice.

Não sei se me ama, faz-me companhia alumian-do-me com o seu olhar, distrahindo-me com a sua voz, e eu correspondo-lhe á ternura com um affecto calmo. Já não se accende em mim o enthusiasmo que flammeja em paixões ; os meus sentidos serão brasas de lareira, chammas é que não. Foi-se o bom tempo, meu amigo. Considero minha segunda mulher como um bem precioso sem, todavia, haver esquecido a outra ; mas já não sou o assombrado que era.

Ninguém póde viver só, principalmente se foi feliz com a primeira relação. Corpo e alma habitam-se e se, por melindre ou escrupulo de timidez, a gente insiste em negar-lhes o que reclamam com a exigencia imperativa do instincto, a vida torna-se insupportavel.

Sei de muitos commentarios que por ahi circulam a proposito do meu casamento. Os taes mora-

listas preferiam, sem duvida, que me lançasse em orgias, baralhando-me com o rapazio nos clubes e nas casas de tolerancia. Que falem ! Pouco se me dá. Vivo como entendo. Não esqueço Jessy, mas o instincto impoz-me a resolução que tomei. Se tal não houvesse feito seria para ahi um pobre diabo inutil ou já teria dado cabo da vida e eu entendo que o primeiro dever do homem é viver e a vida é um equilibrio de duas almas.

A linda criatura veio interromper a palestra apparecendo com a criada, que trazia o balde onde refrescavam duas garrafas de cerveja.

— A argumentação do teu amigo é, mais ou menos, a de todos os viuvos . . . dos dois sexos.

— Tu és viuvo.

— Sim, sou, mas . . . olha para mim. Bem vêes que ainda não tirei o luto.

— Mas psychologicamente . . .

— Qual psychologia ! Deixa-te disso ! O caso é todo de physiologia pura e, sob o ponto de vista physiologico, eu penso com o teu amigo . . . e toda a gente é da nossa opinião. Esta é a verdade, dura, mas verdadeira e unica.

APERFEIÇOAMENTO . . .

— Queres fazer uma aposta ?

— Não. Não aposto. Mas em que te baseias para afirmar assim com tanta convicção ? Não me consta que tenhas tirado diploma de gymnecologista . . . Salvo se praticas com espiritos, o que é hoje commum, com grave perigo para a paz domestica. Porque, meu amigo, se os espiritos começam a denunciar o que se passa entre paredes, então . . .

— Nem uma coisa nem outra. Affirmo porque acabo de receber a noticia pelo correio. Está ahi em cima da mesa. Vê.

— O que aqui está, e que eu já tive a curiosidade de examinar, é apenas um convite para as recepções das quintas-feiras.

— Pois é isso. Tu não conheces a baronesa : olhas a mulher e não te preoccupas com o que nella

ha de interessante, que é o espirito. É o ser mais original desta nossa sociedade amorpha e descolorida. É uma criatura verdadeiramente estranha, de intelligencia viva e brilhante e cultura pouco vulgar. Não me refiro á sua belleza porque o teu soneto, que por ahi anda transcripto em todos os jornaes e revistas, esgotou todos os louvores e não serei eu, pobre de mim ! quem descubra um adjectivo inédito para engastar naquella boca ou para reflectir o fulgor daquelles olhos mysteriosos. Fallo-te apenas do espirito ao qual, ao que parece, nunca prestaste attenção. A baronesa expende as mais bizarras theorias sobre a vida, tem uma psychologia propria e não sanciona as leis humanas sem emendas, e sempre originaes. Uma dellas, por exemplo : Affirma que a mulher no periodo da gestação, tornando-se intensamente impressionavel, póde, não só conformar, a seu grado, o filho, como ainda dotá-lo de um espirito á feição do seu gosto. O systema nervoso torna-se-lhe, em tal periodo, mais vibrátil e apprehensivo, de receptividade mais prompta, recolhendo todas as emoções e transmitindo-as ao feto que, com ellas, se vai formando, nascendo com disposição para a Arte, para a Sciencia, para a Politica, para o Commercio, de animo bellicoso ou mystico, conforme as impressões que nelle influiram no decurso da sua formação.

Foi durante a primeira gravidez que a baronesa me expoz a sua theoria. Queria que o seu primogenito — veiu a menina, e que linda! — nascesse com vocação para a musica. Lembras-te dos famosos concertos que ella realisou, reunindo no seu palacete de Botafogo todos os artistas que aqui se achavam em transitio e ainda os nossos principaes virtuosos? Ali ouvi eu, pela ultima vez, o grande Arthur Napoleão ao lado de Bauer e Caruso. Noites encantadoras!

Tu, com o teu delirio amoroso, sempre extasiado, só tinhas ouvidos para a doce voz da mulher; todas as outras melodias soavam-te importunamente. Eu, não. Ia apenas para gosar o que me offerecia a Arte e confesso-te que recebi com tristeza a noticia do nascimento da primogenita. A baronesa correu os reposteiros, fechou os salões e postou-se junto ao berço da filha'...

— Naturalmente cantando sonatas de Beethoven e scherzos de Chopin.

— Não sei.

— E a pequena?

— É ainda muito nova para revelações. A mãe affirma, entretanto, que é uma estupenda vocação musical, precoce como Mozart. Agora, ao que parece, inclina-se para a poesia. Vai inaugurar palestras, lutas poeticas.

— Será a nossa landgravina Sophia.

— Pediu-me, ha dias, o endereço de varios poetas.

— Á falta de fadas dirige-se aos genios.

— Parece. Em taes reuniões — porque, além de outras virtudes, sobra-lhe bom senso e não ha de querer passar por « preciosa » — ouvindo discutir escolas litterarias, estylos, processos, torneios de fórma e recitar, ella tratará apenas de impressionar-se. Impregnando-se do que ouvir receberá, para transmitti-lo ao cerebro do infante esse, como direi ? pollen espiritual. Será uma incubação esthetica.

« As mãis, disse-me ella, um dia, deviam ter um parque de suggestão onde fossem passar horas tranquillias durante o periodo da gestação, vendo em volta de si exemplares perfeitos de Arte, ouvindo musicas serenas, aspirando perfumes brandos, discreteando com homens superiores.

Tive ensejo de vêr, na Belgica, uma criança concebida nos dias terriveis da invasão. De nervosismo excessivo, sempre agitada, acordando aos gritos, cresceu com ar de assombrada, arisca ; ao mais leve ruido deitava a correr alarmando a casa espavoridamente. Morreu aos tres annos, de meningite. Outra, uma menina. A mãi encontrara, um dia, um aleijado, desses que por ahi exhibem as suas deformidades. Vivamente impressionada disse ao marido o desgosto que lhe causara tal

encontro. Correram mezes. Pois o filho que lhe nasceu era a exacta reproducção do monstro. E são tantos, tantos os factos ! Assim cheguei á convicção de que se póde, não só « modelar » o infante com a contemplação de fórmulas perfectas, como criar-lhe uma alma com impressões de belleza.

É uma extravagancia, dirás. Não sei.

— Chama-se a isso adulterio esthetico.

— Como adulterio ?

— Naturalmente. A baronesa não se contenta com o que lhe dá o barão ; não pensa em reproduzir o esposo, quer que os seus filhos sejam aperfeiçoados por este ou por aquelle artista, de quem se torna, a bem dizer, a amante ideal. Se isso não é adulterio, então . . .

— É o adulterio da terra sempre pura, meu amigo. A semente é o germen, quem a fecunda é o raio de sol. As arvores da sombra são sempre enfesadas, rachiticas, resentidas da tristeza do meio em que nascem. As flores nocturnas são pallidas. A baronesa chega-se á claridade, procura a irradiação, inclina-se para o sol, como o heliantho. Póde ser que a sua theoria não dê resultado pratico, não se dirá, porém . . .

— Que não proporciona excellentes reuniões. Vê se me arranjas um convite.

— Trata de publicar as « *Verbenas* ». Ainda és inédito e a baronesa, como a Academia, só admitte

na sua intimidade autores que tenham, pelo menos, um volume.

— Pois vou vêr se consigo editor. Ao menos poderei dizer que a possuí . . .

— Como Platão queria que fosse a posse no amor.

FADARIO

O genio é heroico. Não os ha timidos. Medem-se pelo mesmo estalão de audacia os guerreiros, os exploradores de mundos, os poetas, os homens de sciencia e de arte porque, affrontando-se atrevidamente com mysterios e perigos e ainda desprezando as surriadas da mediocridade impotente, d'olhos fitos no Ideal, levam por diante o que intentam, tornam em acção o que imaginam, dão fórmula real ao sonho, criam, emfim.

Taes predestinados valem muito pelo que concebem, não ha duvida, mas, a meu vêr, muito mais valem pela coragem com que realizam e impoem o que os imbelles appellidam de utopias. Assim, por exemplo, o plano da batalha de Austerlitz não constituiria uma das mais estupendas acções guerreiras de que ha memoria na Historia Militar, se Na-

poleão, que o gisou ao fundo da sua tenda, fosse um tímido. A Capella Sixtina e a parede de Santa Maria das Graças não possuiriam as obras primas de Miguel Angelo nem a Ceia do grande Leonardo se taes eleitos da Belleza não tivessem, além do poder criador e da technica grandiosa, aquillo que Emerson considerou, em um dos seus admiraveis ensaios, a força maior do homem, propulsora de todas as iniciativas, «self-reliance», a confiança em si.

Diz o philosopho, por outras palavras, o que vou procurar resumir :

«Frequentemente se nos deparam, em obras de genios, pensamentos, idéas, imagens que nos passaram pela mente e que, por timidez ou indiferença, não ousamos ou tentamos exteriorizar, Com surpresa, senão com arrependimento, quasi remorso, eis que os encontramos expostos e applaudidos, muito tempo depois de os havermos tido em nós, com o que ficamos na contingencia ridicula de admirar, como de outrem, o que nos pertencia de direito, por prioridade e que nos teria celebrisado se não nos houvessemos retrahido por medo ou negligencia ».

Eu, por exemplo. Se tivesse escripto e publicado em jornal ou livro um caso que ouvi contar, Ibsen não teria hoje a gloria de haver lançado a these da hereditariedade psychologica, que constitue o assumpto tragico dos seus *Espectros*.

Eis o caso.

Sahiramos á caça e já nos preparavamos para a batida quando desabou uma dessas chuvaradas sertanejas que, em minutos, incham correços e alagam, em torrentes, os caminhos. Refugiamo-nos, á, pressa, em um palhiço, antiga espera de pacas, e ali ficamos. Fizemos fogo e, sentando-nos em volta, para empregarmos o tempo, abrimos os farneis, desarrolhamos as garrafas e puzemo-nos a comer.

Não sei a que proposito um do grupo, o velho Amaro, atirador admiravel e psychologo amador, lembrou-se de falar no crime do « Matto Secco », historia do assassinio de um mascate syrio.

O assassino, um tal Fernando, rapaz de boa familia, famoso caçador de perdizes, logo depois do crime, desapareceu deixando, porém, no local a sua faca de matto pendurada a um ramo. Dias e dias andou-lhe a policia no rastro, embrenhando-se na matta, batendo as bibocas; varejando ranchos e do Fernando, nem signal.

Foi uma surpresa na villa quando, uma manhan, elle appareceu procurando Fulgencio Borba que era, então, por prestigio eleitoral, o sub-delegado.

Fulgencio estava na varanda, de cocaras, curando a bicheira de um dos seus cães, quando alguém o saudou :

— Bom dia, Fulgencio velho. Voltou-se e deu

de rosto com Fernando que sorria. « Como vai o povo ? » perguntou o assassino e, como era intimo na casa, sem mais aquella, foi entrando, falou á senhora, festejou os pequenos, encostou a espingarda a um canto e sentou-se na rede.

Fulgencio estava aturdido, e, como era amigo do rapaz e grande admirador da sua pontaria, ficou verdadeiramente consternado porque, emfim, como autoridade, que era, tinha de o deter, tran-cá-lo, com sentinella á vista, na cadeia, cujas paredes de taipa estavam a esboroar-se e uma criança, sem esforço, brincando as poria abaixo.

— Ora Fernando . . . pois você, criatura . . . exclamou o bom Fulgencio, cruzando os braços no peito largo e generoso. Eu, palavra de honra, já fazia você nos cafundós de Goyaz . . .

— Qual Goyaz ! Eu estava, mas era ali na boca da matta, numa espera de porcos.

Fulgencio mandou vir café e, como se combinassem uma caçada, puzeram-se os dois a conversar.

— Mas que foi isso, rapaz ? Alguma rusga ? . . . Vai vêr que isso foi coisa de mulher . . .

— Que mulher !

— Então que foi ?

— Nada. Á tóa.

— Como á tóa ?

— Á tóa, repetiu Fernando. Eu tinha sahido á

caça, com uma espingarda nova, essa — e mostrou a arma, de dois canos, que encostára a um canto, — e já estava aborrecido de andar sem vêr uma pomba rola, sequer, quando o syrio apontou no caminho com o burro das canastras. Senti não sei quê, uma coisa exquisita, a modo de uma voz que falasse dentro de mim. Entrei no matto, sentei-me num toco, enrolei um cigarro e fiquei banzando. O syrio vinha vindo, cantando, e o coração começou a me bater com força, um calor de fogueira subiu-me ao rosto. Sei lá! Dei de tremer, de tremer . . . nem que tivesse visto assombração. O syrio passou, foi seguindo atraz do burro e já ia desaparecendo para lá dos espinheiros quando, não sei porque, levei a arma á cara, puxei o gatilho . . . e foi aquella certeza.

O desgraçado ainda correu um pedaço e cahiu de bruços á beira do correço. Então, só então, assumptei no que fizera e foi tal o meu desespero que estive, vai não vai, a acabar ali mesmo com a miseria desta vida. Fiquei olhando o cadaver, olhando . . . toquei depois o burro p'ra dentro do matto e caminhei sem rumo. Quando dei por mim estava em casa. Enchi a cartucheira, arranjei uma matatagem, atulhei a bolsa de fumo e ganhei mundo. Arranchei na matta tres dias, distrahindo-me, ora com os porcos, ora com a gente que andava á minha procura. Estive mais d'uma vez para gritar por

pagode, mas não — o melhor mesmo era deixar aquelles « piabas » atarantados. E se eu não viesse por meu pé, vocês mesmos . . . Qual ! Deixa lá, Fulgencio velho, Deus é grande, mas o matto é maior e quando a gente o conhece então, isso . . . ! Pois é verdade. Aqui estou. E agora ? Que é que você vai fazer commigo ?

— Uai ! Vou fazer o que a lei manda, rapaz. Você vai para a cadeia e fica lá até o dia do jury.

— Pois sim ! concordou resignadamente o assassino.

— Mas que maluquice, Fernando ! Ainda se fosse por alguma questão . . . mas dar cabo dum pobre homem que não fazia mal a ninguem . . . á tôa, á tôa . . .

— Não sei que foi. Você acredita no diabo, Fulgencio ?

— Homem . . . sei lá !

— Pois eu acredito. E, para mim, foi elle que me tentou. Agora, emfim, está feito. Levantou-se, tomou a espingarda e disse tranquillamente :

— Então eu vou indo.

— P'ra onde ?

— Como para onde ? Para a cadeia, homem.

— Agora almoça primeiro. Tem cambuquira.

— Pois sim.

Á mesa a conversa foi só sobre caçadas e, ao café, Fernando pediu a Fulgencio que mandasse

prevenir a familia, que devia estar dessassocegada. E, assobiando, com a espingarda atravessada aos hombros, foi-se vagarosamente para a cadeia, como se fosse a uma espera de porcos, na matta. Amaro concluiu :

— E agora querem vocês saber a minha opinião ? Quem matou o mascate foi o velho Silvino.

— Que Silvino ?

— O avô do Fernando.

Estourou na roda estrondosa gargalhada,

— Não riam. Falo serio. Silvino era um homem mau, um impulsivo dos diabos. Foi meu companheiro de caçadas. Conheci-o bem. Era um barra ! Em certa occasião sahimos, com mais outros, no rastro de uma jaguatirica, que andava por aqui a limpar-nos os 'gallinheiros. Foi tempo perdido. Á volta, perto da porteira da fazenda, o velho Silvino bateu com o pé, duro, exclamando furioso :

— Pois eu hei de entrar em casa com esta arma carregada !

Olhou em volta e, avistando uma negra velha a lavar roupa no correjo, não esteve com uma nem com duas — levou a arma á cara e pum ! Foi Deus que salvou a coitada. Mas só vendo a furia do velho. Fez em pedaços a espingarda e mandou surrar a negra pelo desafôro de haver escapado ao tiro.

Vocês não conhecem aquillo de Cuvier, «todo o instinto natural ou moral, deriva de uma especie de somnambulismo, visto que nos impõe um acto sem justificar os motivos?» Não leram ainda essa obra preciosa de Guyau, «*Educação e hereditariedade*», na qual o jovem philosopho affirma que — «a nossa consciencia instinctiva é uma especie de suggestão hereditaria?» Pois meus amigos, eu estou convencido de que os mortos ficam influindo nos vivos pela suggestão. Isso a que chamam *ata- vismo* é a acção das consciencias remotas, uma especie de refluxo dos antepassados. A hereditari- edade é a immortalidade pela reproducção de sentimentos e volições.

O regresso ao primitivo estado manifesta-se em tudo que vive. Para mim foi a voz da consciencia hereditaria que impoz a Fernando aquelle crime.

— Acreditas em almas do outro mundo, Amaro?

— Acredito na perpetuidade da imperfeição hu- mana, como acredito que o instinto é reproducção da consciencia do primitivo. Nós aqui, á espera da estiada para proseguirmos na caçada, estamos re- produzindo a vida de combates dos nossos maio- res. A necessidade de satisfazer o instinto de guerra é que nos traz a campo. Parece que nos estamos divertindo quando, em verdade, estamos é cumprindo um fadario. E fala-se em livre arbi- trio... Nós representamos uma triste comedia

que nos é apontada pelos mortos do fundo dos tumulos.

Um raio de sol, brilhando nas folhas humidas, interrompeu o philosopho. Levantamo-nos, associamos aos cães e partimos. E agora digam vocês :

Se eu houvesse aproveitado, em artigo ou peça dramatica, a narração do Amaro a quem caberia hoje a gloria de haver criado *Os espectros?* a mim ou a Ibsen ? A mim, com certeza. Mas achei a idéa absurda, não tive coragem de a lançar e aqui vivo ignorado e Ibsen é . . . Ibsen. Tinha heroismo, atrevimento — affrontou-se com a Critica e eu . . . Deus me livre de tal monstro. Prefiro viver como vivo, ignorado, mas quieto, a ter de andar por ahi aos baldões na imprensa. Não nasci para grande homem. Falta-me o principal: audacia.

CRENDICÉS

— Eu podia repetir o «Credo quia absurdum» se me quizesse escudar com palavras alheias, ainda mesmo as de um santo.

— Ou attribuidas a um santo.

— Sim . . . mas não quero — falo por mim : Creio e affirmo, cada vez mais convencido da verdade, porque, como S. Thomé e como velho timbira, posso dizer : Eu vi ! E aqui entre nós : Negas a influencia do sobrenatural na therapeutica ?

— Se nego ! ? Nego a pés juntos, categoricamente e estranho que homem, como tu, que vive emparedado entre philosophos, ouse apregoar taes empirismos e, o que mais é : defendê-los.

— Meu amigo, sem renunciar as minhas theorias, não me opponho systematicamente, por sectarismo obstinado, a aceitar verdades flagrantes, factos

observados, para os quaes a Sciencia, apezar da sua numerosa bagagem, ainda não achou explicação satisfatoria. Não são sómente os philosophos contemporaneos, que já se julgam senhores da certeza e tudo reduzem a principios... que não têm fim, que enchem as minhas estantes. Tenho nellas de tudo um pouco, como em bazar: kabbalistas, alchimicos, hermetas, velhos magos de Assur e de Heliopolis, o thaumaturgo de Thyana; tratados abstrusos de demonologia, commentarios sobre Hermes Trismegista, o qual, segundo Lactancio, «descobrirá toda a verdade» e, neste momento, leio e annoto Salvetti e tenho á mão o volume de Alfred Maury sobre «Magia e Astrologia». Não sei porque havemos de aceitar, de espirito aberto, a theoria atomica que, bem analysada, é tão absurda como a theoria astral

— Que estás para ahi a dizer, homem de Deus!

— Digo a verdade. Quer queiram vocês, quer não, nós somos ainda, como os padres chaldeus, um pouco astrologos. A crença no sobrenatural, meu amigo, é a nossa nudez d'alma. No sileneio da casa, longe de vistas indiscretas, todo homem é fetichista, consequentemente supersticioso. Em publico, por pudor, serve-se das chamadas «doutrinas fortes», que são a vestimenta, pesada ou elegante, com que apparece no convivio social. Só os simples andam esfarrapados, mostrando a alma

pelos rasgões sinceros : as nominas, os breves oracionaes, as figas e outros amuletos. Não me apan-dilho em farandulas de bruxos, não frequento can-domblés, mas negar por pirronice, não. Observo e registro.

— E tens alguma prova da tal influencia do sobrenatural ?

— Se tenho provas ? .mais, com certeza, do que possues da existencia dos varios «coccus» que nos arrasam.

— Dá-me uma só.

— Promettes ouvir-me em silencio e sem sorrisos escarninhos ?

— Prometto.

— Pois bem. Lá vai uma ao acaso. É a primeira que me occorre, por ser a mais recente. Conheces Luiz Tavora ?

— Um gordo, que esteve quasi a ser padre, como Renan, e que sahiu do seminario mais atheu do que toda a escola materialista ?

— Esse mesmo. Luiz Tavora, que é mais «philosopho» do que eu, e que só admitte as forças da natureza, desposou uma linda moça, de alma pura, onde não cahiram ainda as folhas seccas do scepticismo nem se formou a vasa espessa da descrença. É a propria simplicidade e equilibra o «excesso» de razão do marido com a grande fé que a sustenta em todos os transes. Em principios de junho nas-

ceu o primogenito do casal — um robusto menino, gordo e manso como um cordeirinho.

Tavora deixou o gabinete ás moscas, esqueceu os philosophos e plantou-se em adoração junto ao berço do filho. Os livros foram-se cobrindo de espessa camada de pó e o papel amarellecia sobre a mesa, onde as pennas criavam ferrugem e a tinta encorpava-se, pastosa, seccando em bitume no fundo do tinteiro.

Viviam os dois para o pequenito, que se desenvolvia em belleza e graça, já estendendo os braci-nhos gordos, já começando a tartarear os primeiros balbucios. Um encanto !

Eu mesmo, que sou, como vocês dizem, um «urso», mais duma vez fiz, a cavallo, a legua aspera que separa as nossas terras, para ir brincar com o pequerrucho, que deve ser levado á pia por mim.

Pelo Natal lembrou-se a senhora de armar um presepe, pretexto para reunir parentes e amigos e brincar um pouco. Lá fui.

Logo ao chegar á porteira, pelo alvorôço que ia na varanda, comprehendí que a festa ia ser d'arromba e alegre. Grupos de moças andavam pelo pomar em assalto ás arvores ; outras corriam a cavallo, aos gritinhos alegres ou remavam a canôa no riacho, por entre os camalotes floridos. Os velhos passeiavam vagarosamente pelos caminhos e

no jardim, todo em rosas, eram enxames de crianças de todos os tamanhos, em grazinada de fazer ciúme aos passaros.

Recebeu-me na varanda o sogro do meu amigo e futuro compadre Tavora, o anafado coronel Pamplona.

Pedi noticias do genro, da filha :

«Estavam lá para dentro, com o pequeno. Aquillo era uma adoração como a dos Reis Magos. Nem deixavam a criança dormir.» E offerecendo-me assento, poz-se logo a contar-me graças do «maroto», confessando, com ar de tristeza, que «aquillo até lhe dava cuidado porque nunca vira intelligencia tão aguda em criança daquella idade.»

E ia o velho relatando os progressos do neto quando a filha nos appareceu, de mãos á cabeça, chorando a jorros.

«Que o pequeno estava muito cahidinho, d'olhos fechados, frio ; que não attendia a ninguem.» E, soluçando, agarrou-se ao velho Pamplona, cujos olhos logo se encheram d'agua.

Tentei animar a pobre senhora, mas a coitada, sem attender-me, tornou a correr para junto do filho.

Escusado é dizer que a alegria foi-se de todo. As moças, avisadas, recolheram em silencio ; as amas levaram para longe as crianças e os velhos,

cochichando na varanda, lamentavam o incidente, augurando presagios tristes.

Todos os medicos da vizinhança encontraram-se junto do berço, onde o pequenito, inerte, d'olhos fechados, os bracinhos estendidos ao longo do corpo, arfava angustiosamente.

Confesso-te que desanimei. Receitas sobre receitas, poções, revulsivos, tudo foi em vão e já se falava em vela benta, quando uma velha entrou no quarto, uma tal Feliciano, não sei se conheces? deve ter mais de setenta annos.

Encaminhou-se, ou melhor, arrastou-se até o doentinho e, mal lhe poz os olhos em cima, disse com sorriso sereno :

— Menina, não chore. Seu filho não morre. O que elle tem é quebranto e do « brabo ».

A pobre senhora lançou-se para a velha bruxa — (emprego a palavra bruxa para nomear essa providencia que os da idade media chamavam : belladona) e pediu, a rogos, que lhe salvasse o filho.

A velha reclamou um galho de alecrim e um pouco d'agua sobre a qual traçara uma cruz e, embebendo nella a herva, chegou-se ao berço e, borrhando a criança, poz-se a pronunciar palavras mysteriosas.

Tavora, atirado num divan, acompanhava o esconjuro com ar de incredulidade e de nojo, con-

tendo, a custo, a revolta que lhe fazia ferver o sangue.

De repente, a velha escancarou a boca desdentada e todos os que ali assistiam, bocejaram lacrimando.

Ao bater do meio dia repetiu a velha o exorcismo e estavam, o coronel Pamplona e eu, na varanda, quando Tavora nos appareceu radiante.

— Homem, querem saber ? é singular . . . O pirralho está mamando.

Às Ave Marias nova benzedura, defumação de alfazema e não sei que mais e um pagem, com um embrulho da roupa que o petiz vestia, lá foi, em animal ligeiro, para as bandas do mar.

No dia seguinte, quando os medicos chegaram á fazenda, pasmaram de vêr o pequeno aferrado gulosamente ao peito da ama . . . Á noite, meu amigo, accendeu-se o presepe, entraram as pastorelinhas, dançou-se e comeu-se a valer. O maleficio fôra esconjurado de todo e, volta e meia, lá ia o velho Pamplona ao quarto espiar o netinho e voltava contente, esfregando as mãos :

— Pois sim, senhores . . . Lá está dormindo que nem um abbade.

E Tavora, vencido, encolhendo os hombros, confessava : « Que não percebia aquillo. » E então ?

— Ora . . . então ! Magnetismo puro.

— Como magnetismo ?

— Que é o quebranto ? é a transmissão de um fluido forte a um organismo delicado, sem energia bastante para reagir. Não é ? Fabio encolheu os hombros. Eu comparo o quebranto á insolação.

— Que idéa !

— Achas extravagante ?

— Absurda.

— É um choque da electricidade humana. Porque, meu velho, cá para mim, nós somos verdadeiros accumuladores. O primeiro choque prostra, o segundo desperta. O veneno que mata será medicina se fôr applicado em dose justa. A serpe domina o passaro, paralyza-o, trá-lo á boca attra-hindo-o com o olhar e tal prestigio não é privilegio exclusivo do reptil. Tu mesmo, sem o galho de ale-crim, a agua e os responsos, farias tanto ou mais do que fez a velha.

Fabio poz-se a enrolar um cigarro meneando incredulamente com a cabeça.

— Não ?

— Não.

— Então acreditas na thaumaturgia, na feitiçaria, nos amavios e despachos, em todas essas trapalhadas dos chamados pais de quimbande ?

— Eu . . . sei lá !

— Sabes que quer dizer essa duvida ? É symptoma de mau estomago. Um mau estomago trans-torna-nos . . . dos pés á cabeça. Não te aconselho

um convento, porque não és Ophelia, acho, porém, que deves ir ao consultorio do Victor, que é especialista nas doenças dessa viscera que já até forneceu substancia a um apologo famoso. Tu estás manifestando phenomenos cerebrinos de dyspepsia grave. Vês mysterio no que ha de mais simples. Outros têm enxaquecas e são os que menos soffrem. Não te receito philosophos : compra um copo de quassia ou outro amargo qualquer e cura-te. Isso é doença.

VELHICE

— Em todas as ruínas, quaesquer que ellas sejam, ha sempre um pouco de poesia : tradição ou lenda, flores do tempo cultivadas pela imaginação do povo. Na ruína humana tudo é esterilidade e tristeza. Eis-nos diante da tarde que morre. Pouco a pouco vai-se tudo abrumando, entristecendo. Calam-se as vozes dos passaros, todos os ruidos abrandam-se : ha como uma paralytia de silencio no qual apenas vibra a voz do sino, languida como um gemido.

A natureza, porém, insenescente, eterna, conta com a resurreição do sol. A noite é, para ella, um como philtro de rejuvenescimento. Mergulha na treva, mas as gotas que sobem á superficie do abysmo, annunciam a vida que lhè jaz no fundo, porque são luzes : astros.

O nosso crepúsculo . . ! Esse, sim, meu amigo, esse é lugubre ! Se caminhassemos como o sol, que vai sempre em rumo fido ao occidente, sem jámais voltar-se para traz, é possível que não soffressemos tanto como soffremos. O sol não se prende á terra : illumina-a, aquece-a, fecunda-a e passa. Quando tramonta leva consigo todos os seus raios. Nós, não : prendemo-nos aos caminhos que trilhamos, enraizamo-nos profundamente ás vezes e, proseguindo, deixamos a alma espalhada em saudades. Volta e meia paramos attrahidos por forças mysteriosas : lembranças, recordações e só não tornamos aos sitios percorridos — e tornaríamos ainda que os caminhos se ericassem de agudos espinhaes — porque o nosso destino impelle-nos para diante.

— Falas como poeta e poeta eivado de pessimismo. Queres crepúsculo mais radioso e alegre do que o do Simas ? Há por ahí muito rapaz de vinte annos que não vale aquelle ancião. Eu invejo-o, palavra de honra.

— Entra-lhe no intimo e verás. O Simas é, todo elle, um complicado artificio. Quem o conhece, como eu, sabe que o coitado apruma-se como uma velha casa que se mantem de pé á força de escoras. Para que queres tu a vida, senão para gosá-la ? Não basta dizer : vivo ! como o avarento diz : Tenho milhões ! É preciso viver verdadeiramente e gosar.

E os homens, como o Simas, são como feretros — tudo nelles é morte.

Meu avô, que morreu aos setenta e seis annos, ainda forte, dizia-me sempre : que não se conformava com a velhice. Vivia acabrunhado em tédio, rabugento e não eram os cabellos brancos e as rugas que o punham em irritação permanente, mas a certeza da sua inutilidade.

— De que me serve a vida se soffro de um mal sem cura, que se aggrava a mais e mais, principalmente nos dias de sol e em presença da alegria dos moços, que são os felizes ? Sou uma fragilidade susceptivel que se mantem á custa de cuidados. Todas as manhans, ao acordar, dou falta de alguma coisa em mim. Ás vezes é um simples nome que se me esvai da memoria. Procuro-o, rebusco-o ; nada : morreu.

No dia em que descobri o meu primeiro cabello branco sorri, tive até certo orgulho, mostrei-o a todos e foi, em casa, um alarido de festa. Era o crepusculo. Todos cercaram-me brincando : velho para cá, velho para lá ! Vieram outros fios depois, encaneci de todo, posto que me sentisse o mesmo de outr'ora : forte e alegre.

Que importava a neve no telhado se no interior ardia um lume vivo ? Certo dia, porém, senti molleza de corpo, um alquebramento lerdo. Atribuí á indisposição passageira, mas na manhan seguinte

a mesma coisa e á hora do almoço, ao trincar o pão, senti que um dente balançava.

Não era illusão, infelizmente. Fiz tudo quanto me ensinaram para reter na gengiva o incisivo, fui a um dentista habil e carissimo. Tudo em vão : o dente cahiu como fruto podre. E os outros, por solidariedade, acompanharam-no. Tomei colonos de porcellana. Mas, que diabo ! sempre eram estrangeiros.

A pelle entrou a enrugar-se-me exsicada e a amarellecer, como folhas no outono. Fui perdendo a alegria, o enthusiasmo, o interesse pelas coisas da vida e apoderou-se de mim um medo ridiculo, medo da morte . . . e da vida.

Então, como um homem que rolasse por um despenhadeiro, tudo passava vertiginosamente ante meus olhos. Comecei a notar a celeridade dos annos. Meu Deus ! Já Dezembro ! Os pequenos sorriam do meu espanto.

« Pois então ? Dezembro sim. E como custou a chegar, com as ferias. Vovô achou o anno breve porque não teve estudos a fazer, passou-o tranquilamente sentado na sua cadeira a ouvir os canarios e os gaturamos. Mas para nós que tivemos aulas, exames, até parecia que o anno não acabava mais.»

Era então só para mim, o inutil, que o tempo ajustava azas ligeiras, continuando para as crianças no mesmo andar vagaroso ? Que miseria ! Muitas

vezes fugi da sala revoltado com a alegria juvenil.

Hoje, aos setenta annos, com a vida quasi apagada, que sou eu ? uma ruina cheia de frinchas por onde entram, frios e silvando, os ventos da noite triste que me cerca. O meu desejo é acabar.

O tronco que ainda tem seiva espera ansiosamente a primavera para reverdecer e florir, mas que posso eu esperar nesta escuridão ?

Os proprios passarinhos fogem das arvores mortas; só as corujas pousam nos tocos desfolhados. Antes a morte !

Os que me offerecem livros ignoram, sem duvida, que a leitura que agrada é a que sugere, a que faz sonhar e o velho não se póde librar na fantasia : é um corpo pesado que tende para o tumulo. A vida começa verdadeiramente aos quinze annos e termina aos cincoenta : do berço á puberdade, da virilidade á velhice são tempos intermedios — crepusculos : a fulguração que começa, o esplendor que se extingue.

Um homem, aos setenta annos, vive dentro da noite, a tiritar de frio, tacteando, cercado de espectros. O passado resurge ante seus olhos em reminiscencias tristes. Tudo traz o cunho melancolico da morte.

Alguem disse que o organismo humano renova-se de sete em sete annos. É possivel. Tal renova-

mento, porém, deixa de dar-se no fim da virilidade e, desde logo, começa o aniquilamento.

E meu avô concluía amargamente :

— Eu não dou cabo deste resto de vida miseravel porque o cadaver do suicida fica sempre na familia como uma carniça exposta aos corvos da maledicencia. Não tresanda, faz mais : avilta, Fosse eu só e já teria acabado com isto.

Penso como esse grande velho que conservou perfeitas as suas faculdades até a ultima hora. Espirito extraordinario !

— Espirito extraordinario, dizes, e, com tão poucas palavras justificas o soffrimento moral desse que não soube envelhecer. Os intellectuaes são impacientes e insubmissos : não se resignam a viver como os demais seres : querem impor o seu dominio á vida, insurgem-se contra as leis naturaes e, como sempre vivem pelo pensamento, fóra do mundo real, só se apercebem da velhice na hora do alquebramento, da quéda, ou, como disseste, da noite. Com os simples não se dá o mesmo : afazem-se docemente á velhice porque nella penetram devagar. Desde o primeiro cabello branco entram a dizer : « Estou velho . . . » e vão murchando, a sorrir, como as flores que seccam, sempre perfumadas.

Sentam-se á beira da vida, entre os seus, e gosam o cahir da tarde apontando, uma a uma, as estrellas que apparecem no céu, a lúa que surge e

enlevam-se na doçura da claridade meiga enquanto os filhos pequeninos se lhes vão chegando perto, pendendo-lhes no collo, fechando os olhos, com somno, como as sensitivas quando se lhes toca.

É preciso saber entrar na velhice, com resignação e amor, entendes ?

Se nos lançássemos repentinamente á neve de rigoroso inverno não o supportariamos, mas se, desde o outono, nos fossemos preparando com agasalhos não o soffreríamos tanto quando elle nos atacasse com as suas tempestades gélidas. Para tudo é necessario preparo. A surpresa sobressalta sempre. Aqui onde me vês, com trinta annos, em pleno dia, ando já a pensar na queda da temperatura, e trato dos agasalhos.

— Que agasalhos ?

— O casamento.

— Tu ? !

— Sim. Caso-me no proximo mez. Não digas, com a tua eterna malicia, que vou buscar lan. Pedi a mão de tua prima.

— Dulce . . . ?

— Sim. Com ella, acho eu, poderei esperar sem receio, não a fresca da tarde, mas os proprios frios de Junho . . . e neves se por cá apparecerem como, pela desordem que reina lá em cima, não será de estranhar que nos appareçam.

A ILLUSÃO

— Mais uma santa, meu amigo, com o seu cortejo de crentes e o prestigio de milagres.

— Onde ?

— Em uma villóta sertaneja. Descobriu-a uma criança, alma mystica como Bernardette, quando ia á fonte com a bilha. Sentara-se em uma pedra, á beira d'agua e, olhando enlevadamente, viu formar-se na bruma um halo luminoso, irradiante como uma teia de aranha enorme dentro da qual surgiu a apparição beata, linda e meiga, toda de branco, com os pés nus sobre uma alcatifa de rosas. Sorriu-lhe, falou-lhe em voz harmoniosa, toda de promessas beneficiadoras.

Deslumbrada, a pequenita cahiu de joelhos contemplando a imagem que rebrilhava e só se moveu, sahindo do extase, quando de todo se desvaneceu

a visão. Deitou, então, a correr e, em casa, onde chegou tremula, transfigurada, narrou o que vira e logo numerosa turba, suggestionada pela descrição, dirigiu-se, guiada por ella, ao sitio do milagre. E um homem, um pobre carvoeiro, viu tambem e, bradando em arroubo aos que o cercavam, a mostrar o arvoredos luminoso, onde dizia achar-se a santa num circulo de luz, todos viram e devotamente, em pleno bosque, acompanhados pelos passarinhos, entoaram o *Magnificat*.
Illusão . . .

— A abençoada illusão !

— Dizes bem : abençoada illusão. Todo o bem da vida vem dessa força que não existe. Para neutralisar os funestos effeitos da inevitavel realidade criou Deus para as almas essa suave miragem. É o espectro da ventura paradisiaca ; é o que nos resta da felicidade que nos foi roubada pela serpente. É, talvez, a flôr da Arvore que deu o fruto de maldição.

Os que estudam a psychologia das multidões são unanimes em affirmar que o equilibrio da vida é mantido pelos allucinados. O vidente é um compensador — elle é que cultiva a esperanza, planta sempre verde em que abrólha a flôr mystica da fé. De quando em quando, providencialmente, surge um desses grandes exaltados, rebentos do sonho, vates que prophetisam ou cantam, alumando com

vaticínios ou celebrando em estrophes oraculares os dias do Futuro.

São os precursores, almas de auroras : fundam religiões e espalham poesia.

Isso que tomamos por desvarios são verdadeiras inspirações que se impoem ás turbas, irradiando de um espirito de eleito. Ai ! de nós se não existissem taes loucos !

O medo é tão communicativo que um só covarde póde fazer debandar um exercito de valentes. A suggestão é uma dynamica formidavel e opera como o fogo elyseo — fulminantemente. Assim, para criar uma lenda, basta o sonho, o devaneio ou o medo de uma criança. E nota que, em quasi todas as religiões, o mysterio é suggerido ou annunciado pela mulher, que tem a alma tão impressionavel e timida como a criança.

Sem sahirnos da nossa formosa religião : não foi a Magdalena que espalhou nas ruas de Jerusalem a noticia da resurreição de Christo ?

Eu mesmo, apesar de toda a minha espessa incredulidade ; eu que ando sempre a forrar-me de philosophias, acobertado em armadura de materialismo, no qual se abolam todas as crendices e superstições, eu mesmo já soffri a influencia de uma illusão e, durante muito tempo, prolonguei, por tri-lhas invias e escabrosas, a viagem que, de quando em quando, fazia a certa fazenda para evitar um

açude de onde, segundo diziam, a horas velhas da noite, partiam guaiados lamentosos.

Referindo a um amigo o meu receio fui interrompido por estrondosa gargalhada e tal foi a corrimaça com que me troçaram que resolvi, de mim commigo, affrontar o assombramento.

Chamado, certa noite, á fazenda metti afoitamente o cavallo, que era árdego, ao caminho que peão algum ou cavalleiro ousava trilhar depois de Ave Marias.

A noite era de lua, lua triste e avara, que tornava a escuridão mais pávida enchendo-a de visualidades. O vento agitava de leve os ramos e sombras bizarras moviam-se no caminho e, dum lado e doutro, dentre as arvores, sahiam em surdina vozes cochichadas.

O animal era seguro e de bôa marcha : o esquipador de mais fama nas vinte leguas da redondeza. Passando a estiva o açude enorme lampejou no meio do hervaçal, liso, quieto, em parte coberto de lirios que exhalavam estonteadoramente. Eu seguia. Subito o coração estremeceu-me no peito, batetu em esbarro, precipitou as pancadas. Arripiaram-se-me as carnes, os cabellos cresceram-me na cabeça, hirtos.

Abri muito os olhos e vi, vi ! ao longe um vulto branco, como de albornoz, que ia beirando vagarosamente o açude. Um cavalleiro . . . Seria ?

Piquei de esporas o cavallo que arrifou e, a galopē, alcancei o ponto mal assombrado e ouvi, meu amigo, ouvi distinctamente gemidos angustiados, imprecações e cantos, gritos de agonia immensa que pareciam subir do fundo daquellas aguas quietas. O animal estremeceu, fitou as orelhas e, virando rapido nas patas, arrancou em desabrida carreira desatinadamente e eu, arripiado, excitava-o, alanhava-lhe o ventre, sentindo-me perseguido, ouvindo tumultuosa estropeada como se innumeros cavalleiros viessem sobre mim á redea solta.

Desorientado e sem forças deixei-me levar pelo cavallo e ora por mattos, com risco de ir d'encontro ás arvores, arranhando-me em espinhos, ora por pedregaes de corregos ou areaes balofos, alcancei de repente a estrada costumeira e, meia hora depois, ouvi ladrar os cães da fazenda, passei a porteira e apeei-me no terreiro dando graças a Deus !

O cavallo estava alagado como se tivesse atravessado o proprio açude a nado e eu . . . sei lá ! Depois do banho, quando entrei na sala, onde se achava certo viajante de uma casa do Rio, alguém notou o meu ar fatigado e a minha pallidez. Escusado é dizer que não disse palavra sobre a minha aventura.

Á mesa da ceia, em conversa, o «viajante» dirigiu-se a mim :

— Se o Dr. tivesse sahido meia hora antes te-

riamos feito a viagem juntos. Linda noite ! não é verdade ? Vim por ahi a passo e estive parado á beira do açude um tempo enorme. Que bom cheiro !

— Á beira do açude ! O senhor ? ! exclamou a esposa do meu amigo.

O homem confirmou o que dissera com espanto de toda a gente. Alguns sorriam incredulos : outros persignavam-se.

Diante de tamanho assombro o corajoso «viajante» quiz saber o que havia. Contaram-lhe, então, a lenda tragica do açude. Elle ouviu sem uma palavra, attento. No fim murmurou apenas :

— Eu não sabia. Passei e, para falar verdade, só ouvi os sapos, algumas corujas e pios de passaros.

Voltando-se, então, para mim, perguntou — e a voz tremia-lhe :

— O Dr. não veiu por lá ?

— Não senhor. Sou da terra, conheço-lhe as lendas e as tradições e respeito-as. Pois meu amigo — agora o caso : o mesmo homem que estivera parado um tempo enorme á beira do açude, a gosar o perfume dos lirios, porque ignorava a lenda, depois que a soube, nunca mais procurou o encanto das flores d'agua. Deixou-se de voluptuosidades preferindo a estrada longa ao atalho pittoresco e aromal que abreviava tanto o caminho . . . mas pela margem das aguas assombradas.

A suggestão tem ainda mais prestigio sobre o espirito. Tu mesmo, se vivesses nessa villóta sertaneja, serias capaz de vêr a santa como o mais humilde dos que a veneram e lhe fazem promessas.

— Eu ?

— Tu, sim . . . Não andas agora todo entregue ao anarchismo . . . ?

— Perdão : o anarchismo é sciencia politica.

— Illusão como tudo mais. Na vida, meu amigo, a energia propulsora é produzida pela multidão ; a força que tudo move e agita vem da collectividade — o individuo é apenas um apparelho que recebe a energia do meio e transforma-a em . . . religião, em poesia ou em sciencia. Nós somos impellidos pela grande força anonyma, somos governados pela turba que nos inspira como as prophetisas vaticinavam : em estado de inconsciencia.

— Que diabo ! Com tal doutrina reduces a personalidade . . .

— Ao que ella verdadeiramente é : um reflector, meu amigo, e nada mais.



RUINAS

-- Este lugar será excellenté para conciliabulo politico ou para encontro de amor. Admitto que alguem se afoite em tal montoeira de calça e ripas para conjurar-se em conspiração ou para fim mais agradavel com a mulher que ame. Mas nós, que não trazemos senha revolucionaria nem promessa amatoria, só porque ha aqui um póste de parada, não . . . Vamos sahir daqui. Este aspecto de arrasamento, este abandono, estes muros esboroados . . . Não ! Ha outro póste adiante, em plena luz. Vamos sahir daqui.

— Receias alguma coisa ?

— Sim, receio. Isto é um cemiterio e eu evito, quanto posso, os sitios funebres. Vivo, quero sentir a vida em volta de mim. Vamos fazer ponto adiante.

E o meu amigo que, nos felizes tempos da Academia, publicára um volume de versos lyricos que o celebrisaram, poz-se a falar e, ouvindo-o, eu lembrava-me, com saudade, das fantasias que architectavamos na sala lugubre do Corvo, entre toneis de cerveja, ou na Ponte Grande, á margem do Tieté, sob a garôa fria que ennuhlava o luar.

Bom tempo ! Que saudades dos nossos despreocupados vinte annos quando tinhamos estomago para ceiatas as mais indigestas e rimavamos quadras celebrando as graças de muita lavadeira do Tamanduatehy que, á noite, com fitas no cabello e recendendo a Agua Flórida, fazia de Mimi em nossas estroinices.

Os bondes passavam cheios e, distrahidos, gosando a temperatura suave da noite estrellada, fomos caminhando passo a passo ao longo dos velhos predios fendidos, olhando o muradal immenso amortalhado na luz do luar.

— Essas ruinas, disse o meu amigo, estão impregnadas de germens perniciosos. São como podridões de cadaveres. Muitos desses predios, que ahi vêes em destroços, são mais velhos do que o seculo, datam dos tempos coloniaes. Quantas gerações de homens terão habitado á sombra dos seus muros solidos, de pedra, ou das rijas paredes de taipa ! Quantas vezes terá a Morte atravessado esses limiares gastos e ennegrecidos ! Quantas doen-

ças horriveis, das que abrasam, das que torturam, das que deformam terão destruido ou inutilisado vidas entre as mudas paredes que a picareta vai derrubando !

O respiro dos moribundos é uma exalação lethal como o effluvio da mancenilheira. Cada epoca tem a sua enfermidade. O Tempo traz venturas e desgraças e, revolvendo em massa essas construcções do Passado, não estaremos nós despertando males que jazem em lethargia, como os residuos dos pantanos sobem inficionadoramente á tona quando se lhes revolve o fundo lamacento ?

Não se exhuma o cadaver sem provocar o fétido da putrefacção e esse cheiro acre, de velho barro, de madeira poída, de môfo vem da podridão das casas — é o miasma das ruinas.

Dirás que sou um cerebrino, homem de imaginações, um supersticioso. Não. Parto de um principio scientifico que hoje todos os hygienistas apregoam : o da infecção.

Se o escarro do tuberculoso, seccando ao sol e espalhando-se na poeira, póde contaminar uma multidão, todas essas molestias do passado, que nessas casas fizeram verdadeiras devastações : endemias teimosas, proprias da terra, do ar, da agua ; epidemias transitorias que passavam em rajadas assoladoras, todas deixaram a sementeira horrenda que, como esse grão de trigo que, depois de mil an-

nos de prisão no sarcophago da mumia, trazido ao sol, lançado á terra, rebentou e deu pão, talvez se reproduza em calamidade.

A Morte quer o socego e defende-se com o que exhala. Para não ser profanado o cadaver tresanda como certos animaes fracos defendem-se com o almiscar que secretam.

Confesso que não é sem certo terror que passo nas vizinhanças dessas demolições. Sempre que avisto um ralo, uma boca de lobo, uma sargeta humida evito-os. Assim tambem com as ruinas.

Essa poeira que se levanta toldando os ares, agarrando-se-nos á roupa, invadindo-nos o peito no halito que inspiramos, poeira que está para as ruinas como a fumaça para as fogueiras, aterra-me ; é como uma nuvem sinistra de espiritos perversos. A cidade está invadida. Ella vai a toda a parte : pousa-nos na roupa, vóa com os ventos, apéga-se-nos aos pés, insinúa-se em toda a parte, como a luz, infiltra-se como a agua, é a Morte, é o pó do Evangelho, « pulvis », é o Passado subtil que reaparece, que reassume o seu lugar na Vida, com todo o odio do captivo que consegue evadir-se e logo medita e resolve vingar-se do seu oppressor.

Os hygienistas mantém-se calados. Nenhum ousou ainda levantar a voz para prevenir o povo contra esse inimigo insidioso, atomos que por ahi andam em enxames ou que se empastam em lama

pelas ruas. E as doenças multiplicam-se, o obituario augmenta. Uns attribuem a isto, outros áquillo, e ninguem se lembra de citar o verdadeiro germen, o demonio assassino que por ahi voeja — o pó.

E porque não dizem a verdade ? por ignorancia ? não ; porque receiam provocar o panico. Fazem bem ? Não sei. Eu é que me não deixo ficar em taes sitios : evito-os como evito os pantanaes.

Se pudesse sahiria daqui para muito longe, para o campo ou para a Europa e só regressaria quando a cidade estivesse reconstruida, renovada e os ares de todo limpos.

Sou medroso, confesso, principalmente dessas coisas mysteriosas. Sou homem para lutar peito a peito com qualquer adversario ; teria seguido a carreira militar se minha mãe não se houvesse opposto a essa vocação do meu espirito aventureiro. Satisfi-lo alistando-me em um batalhão patriotico durante a revolta e fui elogiado por actos de bravura porque no combate da Armação . . . Emfim. Entretanto, no meu gabinete de trabalho, quando entro pela noite, quanta vez tenho eu abandonado a mesa ás pressas e arripiado de pavor ao estalido de um movel ou ao ruido subtil da correria dos ratos. Não . . . Ruinas são viveiros de peste.

— Ora qual ! Dizia-se tambem que a cidade estava abarrotada de ouro, que havia por ahi paredes que eram verdadeiras minas, subterraneos

mais ricos do que os dos templos aztecas, montanhas pejudas de thesouros e, até hoje, não appareceu ainda uma reles moeda.

— Sim, effectivamente não appareceram moedas. Mas, dize cá: Quem nos fala de taes riquezas? a lenda, não é verdade? só ella. Da Morte, porém, tudo nos fala. Ella passou, como sempre passa, e o que me apavora é a idéa possível de eu, um dia, entrar no seu rastro, absorver a poeira do seu calcaneo tabido. Não crês?

— Não.

— Pois sim. Fica-te com a tua indifferença e deixa-me com os meus receios. Mas vamos, vamos sahir daqui. Temos ali perto um jardim. Vamos para junto das arvores vivas, deixemos a solidão e a morte.

— És o mesmo poeta de outrora.

— Talvez.

— Pregavas o scepticismo com Schoppenhauer e, como elle, quando appareceu um caso de variola em S. Paulo, fugiste para Santos a unhas de cavallo.

— Sim, fugi. Fugi da variola como fujo das ruinas. Talvez tenhas razão. A vida é realmente detestavel, é uma espiga chôcha e amarga... Mas vamos sahir d'aqui.

AO DESAMPARO

— São tantas as conjecturas, tantas e tão diversas as opiniões que eu não acho base em que firme juizo sobre o estranho suicidio da baronesa. A que o attribues? Como o explicas?

— A baronesa matou-se por não poder supportar a saudade. Foi isto, pelo menos, o que me disse pessoa de sua familia. Rica, aparentemente feliz, amada dos filhos, que se desvelavam em tornar-lhe a existencia facil e agradavel, a fidalga vivia, entretanto, como uma alma penada, a errar automaticamente pelos vastos salões do palacio ou pelas alamedas do parque, rebuscando lembranças do finado.

Deparavam-se-lhe recordações em tudo — em sitios e em objectos, em rumores e cambiantes de luz : era uma arvore que elle plantara, a sombra

da sua preferencia, certa cantilena do jardineiro que o fazia sorrir ou o simples chiar de uma cigarra, á tarde. E ficava horas e horas revivendo, á custa de suggestões, os dias felizes do passado. Foi uma victima de intoxicação moral. Não te espantes ; ouve-me.

Como ha os infinitamente pequenos no mundo physico, os invisiveis do microcosmo, ha minimos no mundo moral : agentes da tristeza, da saudade, da melancolia que nos penetram a alma e nella procedem devastadoramente como os bacillos e as bacterias no sangue em que se infiltram.

Como ha sitios deleterios e temperaturas em que se desenvolvem, mais activos, certos « morbus », ha lugares e momentos propicios aos germens das doenças d'alma. O crepusculo da tarde, por exemplo, é um « meio » favoravel á cultura da melancolia. E quantas vezes, ao seguires um caminho desconhecido, só com o aspecto de uma arvore, com o remanso de uma lagôa não terás sentido apertar-se-te o coração ao subito explodir de saudosa lembrança ?

Os sabios preocupam-se demasiadamente com a materia esquecendo o espirito que é, a meu vêr, o nucleo da energia vital. Um bom espirito é o melhor reagente, a mais segura defesa contra assaltos traiçoeiros, quer venham do meio physico, quer irrompam do mundo mysterioso da imaginação.

Ha innumerous exemplos de pessoas que, na agonia, conseguiram deter a vida até um dado momento para communicar uma disposição, receber os sacramentos ou despedir-se de um parente amado. Taes factos, geralmente attribuidos á Providencia ou á Fé, são demonstraões da acção dynamica da vontade omnipotente.

Perdida a vontade, que é a essencia da personalidade, o ser fica como um barco desarvorado, jogando a mercê das vagas, desfazendo-se nas rochas, que são as difficuldades de vida ou até na inercia, que é a calmaria morta.

A baronesa alheia-se, fugia ao mundo, mantendo nelle apenas o corpo, como alguém que tivesse casa montada e vivesse, por gosto, á intemperie, recolhendo-se apenas ás horas das refeições e do somno.

Attrahia-a o pensamento sinistro da morte. E porque ? Porque, durante a vida do esposo, ella fôra sempre um ser passivo, uma sombra que o acompanhava, sem iniciativa, agarrada parasitariamente á personalidade alheia. Enviuvando perdeu o amparo, o equilibrio, ficando em verdadeiro abandono moral, sem apoio e vazia.

Têm razão os poetas em dizer que os namorados trocam os corações. Essa permuta é um pacto fatal. O que chamamos saudade é um phenomeno de attracção moral. Essa senhora, que nunca ti-

vera autonomia, sentindo-se só, abandonada, não sabia como dirigir-se na vida e procurava, ás tontas, um rumo. Em todos os caminhos apparecia-lhe o assombramento ; onde quer que entrasse a saudade sahia-lhe ao encontro. Seguiu-a allucinadamente, desesperadamente e foi-se com ella para a morte.

Voltaire formulou uma receita para taes enfermidades d'alma :

« Um meio quasi seguro de não ceder ao desejo de matar-se é ter sempre alguma coisa que fazer. Porque razão é menor o numero dos suicidios no campo do que nas cidades ? É porque no campo é o corpo que soffre e nas cidades é o espirito. Não sobra tempo ao lavrador para ser melancolico. Os que se matam são os que nada fazem, esses, justamente que, aos olhos do povo, passam por ser os mimosos da fortuna. »

Na luta o bravo tem mais probabilidades de salvar-se do que o covarde, não só pelos golpes que vibra, a pulso firme e com animo atrevido, como, principalmente, porque, com o terror que inspira, abre caminho afugentando, só com a presença, o inimigo que nelle vê um como predestinado. Assim os espiritos superiores vencem na vida e forram-se de uma armadura de prestigio que os immunisa de todos os males.

Durante a epidemia que assolou a formosa ci-

dade de V., destacou-se, pela excentricidade de que deu prova, certo suíço, verdadeiro typo de sabio, que vivia entre folhas e insectos, classificando raridades botánicas e entomológicas.

O povo, espavorido, desertava a cidade, abrumada em fumo acre que subia das cubas de alcatrão.

Dia e noite pelas ruas, pelas estradas, pelos caminhos era um pávido refluir de gente e de carros atupidos de bagagens, como á ameaça de invasão inimiga. E o solitario, alheio a tudo, lá vivia na sua casinhola verde, toda envolta em folhagem, cercada de cortiços e de pombaes, sem interromper o seu trabalho até que, um dia, faltando-lhe alfinetes, atrellou o burrico ao trolly e desceu á cidade.

Atravessando as ruas silenciosas, tapeçadas de herva, com todo o casario fechado, parou á porta da botica para informar-se do motivo daquelle abandono triste e só, então, soube que a peste reinava enchendo o cemiterio e que elle era um dos poucos que ainda viviam em tão lugubre estancia.

— E d'aqui não saio ! declarou superiormente, accendendo o cachimbo de louça. D'aqui não saio e se me quizerem para enfermeiro lá estou ás ordens.

E ficou e foi dos melhores auxiliares que teve

a commissão medica que o governo enviou á localidade infestada.

A alguém, que lhe perguntou se não temia a peste, respondeu sorrindo :

— Não : tenho excellente defesa em mim mesmo : a indiferença. Quem se preocupa facilita a entrada aos males. O medo é uma fraqueza. Com a porta bem trancada durmo tranquillamente. Não quero ser attingido e garanto que não o serei.

E não foi. Isto demonstra, até certo ponto, que o espirito é o fio por onde descem muitas doenças ao corpo. Havendo um isolador de indiferença, não digo que o homem se immortalise, mas fica a salvo de muitos e perigosos assaltos. A melhor prophylaxia é, pois, a vontade.

Os fracos succumbem sempre ; a lei de selecção governa em tudo. Só os fortes reagem e vencem.

A baronesa era uma vencida ; faltava-lhe a condição essencial á vida : querer. Era uma abulica, caminhava somnambulicamente d'olhos num tumulto, attrahida por um morto. Foi a attracção da morte que a precipitou no suicidio. Tanto se debruçou sobre o abysmo que perdeu o equilibrio e . . . lá foi.

— Eis uma singular doutrina que está a pedir um philosopho para desenvolvê-la.

— Desenvolve-a tu. Se nella não achares a

verdade ao menos não dirás que lhe falta o merito . . .

— Da belleza ?

— Não : da originalidade.

— Originalidade ? ! E haverá ainda disso no mundo ? Tudo é tão velho . . . tão velho !!

O PERDÃO

O velho medico, que a ouvira de cabeça baixa, em silencio, conservou-se, ainda algum tempo, na mesma attitude, como se meditasse.

Por fim ergueu-se e, severo, relanceando o olhar em volta, murmurou preocupadamente :

— O meu chapéu . . .

Ella empallideceu e, pondo-se de pé, num movimento rapido, como de defesa, tomou-lhe ambas as mãos e, encarada nelle, percebendo-lhe o desgosto, perguntou em voz surda e tremula :

— Zangou-se commigo ?

— Zangar-me ? Eu ? Não.

— Então porque se retira ?

— Quem lhe disse que me vou retirar ?

— Procura o chapéu . . .

— Ah ! sim . . . Tomou uma pequena estatue-

ta de marfim de cima da mesa, poz-se a mirá-la distrahidamente e disse : Estou a pensar no calmante que lhe convem. No seu estado toda a cautela é pouca.

— Calmante . . . Para mim ? Porque ?

— Ora, porque ? Porque está nervosa, excessivamente nervosa.

— Eu ? !

— Sim. E estou certo de que, aquietando-lhe os nervos, deixando-a algumas horas em repouso, a minha boa amiga me mandará chamar para pedir-me perdão. O sacerdote, quando ouve, em confissão, uma peccadora afflicta, procura tranquillisá-la confortando-a com a Fé ; o medico lança mão dos calmantes. É com elles que serena e repõe em equilibrio os nervos das suas clientes, quando os encontra superexcitados, como estão os seus.

Não ha peccado, por mais hediondo que seja, ao qual o confessor não valha com a palavra de misericordia ; como tambem não ha aberração moral que não encontre no espirito do medico uma causa morbida que a explique, attenuando-lhe a apparencia repugnante.

Agora, por exemplo : Outro medico que a não conhecesse, como eu, que a vi menina, teria respondido com violencia á injuria. Eu, não. Vou fazer o que devo — receitar.

— Injuria ! Que injuria, doutor ?

— Que injuria ? Ainda pergunta ? Pois então manda-se chamar um medico para uma consulta e propõe-se-lhe um crime ? Que juizo ficaria a minha amiguinha a fazer de mim, um homem velho, que se comprometteu, por juramento, a tudo fazer pela vida do seu semelhante, com sacrificio, se tanto fôr necessario, da sua propria, se soubesse que, por uma bolsa de moedas, como qualquer capanga, eu ficára emboscado á espera de um homem fraco e desarmado e, covardemente, o assaltara e matara ? Diria — e com verdade justa, e ainda seria magnanima se me não denunciasse á justiça — que eu não passava de um miseravel, indigno de viver entre os homens. Medite na proposta que me fez, pese as suas palavras e diga-me, com sinceridade, se não ha nellas o intuito de tornar-me um assassino infame ?

Que me pediu ? que a alliviasse de soffrimento ? Não. Pediu-me um remedio — foi a expressão de que se serviu — para livrar-se, pela morte, de um pequenino ente que já faz parte da Humanidade.

Interromper a vida que se desenvolve é tanto como matar. E foi isto que a minha amiga me propoz. Porque ? Com que fim ? Trata-se de um inimigo que a ameaça ? Não.

O fim . . . não o quero dizer, não o direi. Em tal conspiração, estou certo, não entrou a sua al-

ma, que eu bem conheço. Tudo isso é, como direi, uma traição do seu systema nervoso, que está agitado. Eis porque aconselho um calmante, que a minha amiguinha vai tomar sem repugnancia, porque eu tenho o segredo das formulas suaves para senhoras.

Sente-se e conversemos com calma.

Disse-me que o momento é opportuno porque começou a sentir os primeiros movimentos. Sabe que significam esses movimentos morosos? significam a vida : são os primeiros ensaios da existencia. E que promettem elles a quem os quer paralyzar para o sempre? promettem o carinho e promettem o amparo. São as flexões de dois bracinhos tenros que se estão formando e que, em breve, hão de estender-se á minha bôa amiga dentre as rendas e as cambraias do berço, depois lhe cingirão o pescoço como um collar de meiguice e, mais tarde, esses mesmos braços, já robustecidos, hão de prestar arrimo ao seu corpo alquebrado, e a sua velhice abençoada não sentirá a fraqueza, porque terá nelles amparo para sustentá-la.

Veja como a vaidade — quero dizer : a loucura, está isolada. Emquanto os seus nervos vibram com tamanho absurdo, todo o seu corpo prepara-se contente para a festa que a natureza lhe reserva, porque ha de ser uma festa, para a qual — e sublinhou com um sorriso, — serei, naturalmente, o

primeiro convidado. Já o seu collo cresce como frutos que sazonam ; os olhos ameigam-se ainda mais e a sua belleza — é porque ainda não se observou ao espelho — adquire um esplendor que a torna, a bem dizer, divina. É a Mãe que se annuncia na mulher ; é a sublime maternidade que desabrocha na esposa.

E, quando todos nos acharmos aqui reunidos «vendo-o» brincar lá fóra, ao ar, a rir, alegrando toda a casa com a sua alegria, expansiva como esse doce perfume de magnolias que nos chega na aragem, eu lembrarei á minha amiga o pensamento cruel que, um dia, manifestou em palavras desvaizadas.

Mas é singular o coração feminino. Recordo-me de uma tarde em que a encontrei com os olhos rasos d'agua e perguntando-lhe «porque chorava ?» disse-me enternecida : « Porque lera num conto a historia de uma pobre mãe, mulher de um operario que, por miseria, abandonara o filho no portal de uma igreja, fugindo, a chorar, atravez da noite agreste ».

Assim um escriptor, imaginando um episodio, commovera até as lagrimas aquella mesma que, mais tarde, friamente, havia de pedir a um medico que se prestasse a ser o carrasco do filho que se lhe movia no seio.

Realmente a operaria, sendo uma mulher rude,

e ainda que acossada pela miseria, não pensara em matar o filho — confiara-o á misericórdia de Deus no limiar da sua casa santa, e a minha amiguinha . . .

Que ? Chora ? Está, com certeza, a lembrar-se do conto ? Não ? . . . Então é arrependimento do que pensou e disse ? Ora louvado seja o Senhor que não desampara aos que o amam !

Muito bem ! Antes assim. Eu contava com isto. E não falemos mais em tal. Aqui fica a receita, para o caso de lhe voltarem ao espirito os pensamentos que o marearam. Mas descance : não voltarão. E vamos tratar, desde já, do pequenito que ahi vem. E como, para que a flôr desabroche linda, é necessario pensar a planta, vou eu encarregar-me do seu tratamento pondo-a ahi forte e sadia para que nos dê um rapagão que a orgulhe ou uma linda rapariga que seja como o espelho da beleza da sua mamãe.

— E o doutor perdôa-me ? Promette guardar segredo ? Foi mesmo uma loucura, tem razão . . . foi.

— Se prometto guardar segredo ? Naturalmente. É meu dever. O medico é sacerdote. Ouvi a confissão de um peccado — porque ha pensamentos tão negros que devem ser tidos como peccados mortaes — e consegui o arrependimento. Que mais posso eu querer depois de tão linda victoria ?

Para lavar a culpa, ahí estão as suas lagrimas. E lembre-se do que lhe disse : Quero vê-la forte e alegre, viçosa como uma planta de bôa seiva, para que tenhamos a flôr que se deve esperár de tão formoso e robusto casal. Só assim esquecerei que fui, um dia, chamado para . . . Mas onde deixei eu o meu chapéu ? Ah ! sim . . . Ali . . . E qualquer coisa que sinta, telephone-me. Estamos entendidos.

E sempre seu amigo . . . Muito seu amigo.
Adeus !

DUVIDA

— O caso é, realmente, interessante e seria precioso thema para novella se não fosse, como é, tortura atroz para o meu pobre espirito, tão experimentado nos ultimos tempos.

Conversava-se, ha dias, a proposito da aventura desse tal Ramon que, roubado á familia aos cinco annos, e trazido para o Brasil, depois de haver corrido Ceca e Méca aqui soffreu horrores, como Gwinplaine na horda dos «compra-chicos». Tendo tido uma infancia de tormentos e trabalhosa mocidade, vinte e cinco annos depois a fortuna o foi descobrir na plataforma de um electrico e, tomando-o com os cuidados devidos ao herdeiro de alguns milhões de «duros», restituiu-o aos carinhos da velha mãe, estancieira no Estado Oriental, em cujo coração o tempo não conseguira desvanecer o

amor nem matar a esperança que tão maravilhosamente se cumpriu.

Commentava-se o «romance» quando minha mulher, voltando-se para mim e encarando-me a fito, exclamou :

—É exactamente o caso que me contaste do menino roubado pelos ciganos.

Todos os olhares cravaram-se em mim, curiosos, e eu, perplexo, aturdido, sem lembrar-me daquella evocação que me era improvisadamente feita, fiquei como criminoso surpreendido em flagrante.

Felizmente minha mulher conhece-me, sabe que, muitas vezes, levado pela fantasia, conto convencido, eu proprio, da verdade, as fabulas que a imaginação me suggere.

Quando me ouve em taes arrebatamentos desvairados, o Raphael costuma dizer : « Montou o Pegaso. Vai longe ! » E vou, meu amigo, vou. São as minhas corridas no sonho, das quaes regresso sem consciencia do que vi na disparada fantastica do alerion.

Foi o que me aconteceu em tal momento. Minha mulher, porém, mais serena, salvou-me da situação difficil em que me deixara tomando a palavra para narrar o caso a que alludira.

« Um casal de lavradores do Norte, em cujas terras acampára um dos numerosos bandos de ciganos que, de tempos em tempos, apparecem, como

praga, no interior do Brasil, á retirada de taes hospedes, deu pela ausencia do filho, lindo e robusto menino de cinco annos.

Ás vozes de alarma poz-se toda a gente da fazenda em campo, na pista dos roubadores, conseguindo ainda encontrá-los a pouca distancia da fazenda, mas sem o menino que, certamente, um da farandula, destacado para tal serviço, adiantando-se ao bando, puzera a salvo dos perseguidores.

Os fazendeiros choraram longamente o filho, o tempo, porém, enxugou as lagrimas e cicatrisou as feridas dos corações, concorrendo para a cura o nascimento de duas formosas meninas, que foram acauteladas por vigilancia constante como as princesas das historias, que vivem encerradas em torres, com guardas em volta rondando dia e noite.

Enviuvando, dedicou-se exclusivamente a fazendeira á educação das filhas e eram ellas duas lindas e graciosas moças, uma de quinze, outra de dezeseite annos quando, uma tarde, um cavalleiro, de rosto lindo e corpo airoso, esbarrou o cavallo diante da varanda e, saltando, ágil, com maneiras gentis, pediu para falar á senhora, não ali, mas em particular, porque o que tinha a dizer requeria segredo.

A senhora, que era intrepida, dispoz-se a ouvi-lo e, durante duas horas, que pareceram ás moças infindaveis, estiveram os dois fechados no salão.

Quando sahiram o moço trazia os olhos vermelhos, como duas póstas de sangue, e a senhora, impassivel, de serenidade marmorea, reconduziu-o á varanda, despedindo-o.

Quem era ? O filho, não outro senão o menino que, dezoito annos antes, fôra raptado pelos ciganos. Apesar dos signaes, que déra, e pelos quaes demonstrara a sua identidade a mãe, que o reconhecera com a alma, não o aceitou com a razão. Era um mancebo que vinha de fóra, de um tempo não vivido em casa, de costumes differentes, que ali entraria como estranho para viver na intimidade de duas donzellas.

Teria elle, pelas mesmas, o respeitoso sentimento de fraternidade que justifica e purifica a intimidade ? Não, não poderia ter. Assim pois, em defesa das filhas a mãe, reagindo corajosamente contra o coração, commovido, mais do que pelo amor — pela piedade, repelliu de si e dellas o intruso, mantendo-o á distancia, como hospede que se agasalha, mas a quem se não consente privança nos aposentos intimos da familia. »

Eis o caso. Como vês, é lindo. Depois de minha mulher o haver narrado, com outros muitos pormenores que me não occorrem, lembrei-me que, effectivamente, eu tivera aquella idéa e que a contara em palestra. Começou, então, o meu supplicio.

Interessando-me o caso quiz gravá-lo em uma

novella, mas levantou-se em meu espirito uma duvida incoercivel: Não teria eu lido em algum livro ou ouvido de alguém tal episodio? Seria fantasia do meu espirito ou reminiscencia?

Rebusquei pacientemente no mais profundo da memoria e tornei sem certeza, com a mesma duvida e aqui me tens hesitante, como um homem que houvesse achado um bloco de ouro e não se atrevesse a lançar mão d'elle, receioso de que, mais tarde, o verdadeiro dono o reclamasse.

O assumpto seduz-me . . . mas . . . será meu? A memoria obtusa não responde á minha interrogação ansiosa e soffro horrivelmente porque, agora, é a obsessão — só esse assumpto me domina, enche-me o espirito sem consentir que nelle entre outra idéa. Tenho pena de o desprezar, porque é bello, mas tremo só com lembrar-me de que, trazendo-o a publico com o meu nome, possa o seu verdadeiro dono perseguir-me provando que lh'o furtei. Que me aconselhas?

— Acho que deves insistir. Continúa a pensar no caso e estou certo de que, á medida que o fores desenvolvendo, a memoria se te irá aclarando e chegarás á verdade.

Só ha plagio quando ha copia servil. Ainda que exista alguma coisa escripta sobre esse thema não será, de modo algum, a mesma que farás porque, para differenciar os trabalhos, basta a personali-

dade. Não penses que crio um criterio especial para o teu caso, não : penso assim. O que digo é que as almas serão outras, outro será o sentimento, outra a visão. Os proprios aspectos da natureza variam de homem para homem. O mar tem sido cantado por milhares de poetas, desde Homero. E o amor, o eterno thema ? Só ha plagio quando as idéas são copiadas e não sentidas.

— Achas, então, que devo aproveitar o assumpto ?

— Naturalmente. E, quem sabe ? É até possível que seja original.

— Sim, tens razão. Quem sabe !

PATRIOTISMO

— Que temos nós de original? Nada, absolutamente nada. Vivemos ás sopas do velho mundo, verdade triste e humilhante contra a qual protestam, em altas vozes, uns tantos jacobinos vermelhos. Somos um povo incharacteristico, sem iniciativa, inerte e lérdo. As nossas idéas chegam-nos pelo correio e, muitas vezes, postas em circulação sem o necessario exame, dão os mais ridiculos resultados. Em politica, em arte como em tudo mais, vivemos a imitar servilmente os velhos povos.

É possivel que o typo brasileiro exista nos sertões, semi-barbaro ou ainda selvagem, de arco e frecha, no fundo das mattas. As cidades desnacionalisam-se cada vez mais com a infiltração estrangeira. Tudo nos vem de fóra, desde o pão com que nos alimentamos, a lan com que nos vestimos, at'

a arma com que nos defendemos. O proprio vicio, esse mesmo, importamo-lo.

Não temos, sequer, a Venus indigena. Nem isso ! Olha para esse formoso tumulto de mulheres, que dão tanto encanto á Avenida. Procura entre ellas uma brasileira, duvido que a encontres. São todas de além mar. Os transatlanticos trazem-nas para os nossos gyneceus, como os barcos de piratas, que praticavam o rauso ao longo dos littoraes asiaticos, levavam-nas ás cidades voluptuosas do mundo antigo.

As nossas revoluções são imitadas. O povo não se agita por sentimento civico — insurge-se porque a França insurgiu-se.

No dia 13 de Maio, lembro-me ainda, o hymno que se cantava nas ruas era a *Marselhesa*. Houve até um homenzinho que, ao sahir da Camara, com ar de energúmeno, agitando furiosamente o chapéu, atroou os ares com este grito da Historia :
Á Bastilha !

O povo, ouvindo a conclamação, repetiu-a e a mó formidavel abalou da rua da Misericordia, seguindo o patriota francelho que, á falta de edificio que se prestasse a ser destruido, perecendo como a famosa torre medieval, encafuou-se em uma confeitaria, emborcando, com furor patriotico, varios chopps. A 15 de Novembro, quando o exercito, com Deodoro á frente, desfilava pela rua de Ouvi-

dor em direcção ao Arsenal de Marinha, o povo não pensava em outra coisa se não na revolução francesa. E dizia-se com enthusiasmo : « Hein ? ! Isto é que é ! Justamente um seculo depois. A França e nós ! Isto é que é ! »

Às duas da madrugada de 16 de Novembro encontrei o Peregrino combalido de tristeza, diante de uma canja chilra e de meia garrafa de cerveja, a olhar para o prato com a funebre melancolia com que o corvo marinho passa horas, fincado sobre uma pata, contemplando a agua. Interroguei-o e elle disse-me com voz tremula de emoção, balançando sentidamente a cabeça :

— Não está completo, meu amigo. Não está completo . . .

— O que, homem ? Que é que não está completo ?

— O movimento. E, levantando a cabeça, com os olhos coruscando ascuas, rugiu agarrando-se a mim : Imagina tu uma guilhotina armada ali no Rocio, diante do monumento de Pedro I.

— Uma guilhotina, Peregrino ? !

— Sim ! Porque não ? Uma guilhotina. Queres negar a verdade historica ? Então a França revolucionaria não levantou a guilhotina ? Como queres tu que sejamos fieis ao exemplo historico se o despojamos de um dos seus mais interessantes elementos ?

— Mas tu tinhas coragem de assistir a uma execução ?

— Execução ? Quem te falou em execução ? Eu queria a guilhotina para o effeito decorativo, para os discursos, para symbolisar a represalia dos patriotas contra os oppressores ; a vindicta do Povo contra a tyrannia. Nada de sangue ! Tambem a nossa revolução foi incruenta, como o sacrificio da missa, que, rememorando o martyrio do Cordeiro, não se macúla de sangue. Não sabemos fazer as coisas. E Peregrino, curvando a cabeça, poz-se a mexer a canja desconsoladamente. É assim, meu amigo. Somos um povo incaracteristico. Só temos natureza, nada mais :

— Nem isso.

— Homem, tens razão ; nem isso ! A opulencia frondosa das nossas florestas está hoje reduzida a capoeiras reles. As nossas praças eram, antigamente, logradouros francos que, ao menos, revelavam a feracidade do solo e serviam de pasto aos animaes. Hoje são grammados defesos onde nem a criança tem o direito de brincar e os olhos gosam de longe, como em contemplação de telas celebres. As estatuas que por ahi alvejam que dizem ao estrangeiro que nos visita ? falam-lhes da nossa vida ? alludem a episodios ou figuras da lenda ou da historia patria ? Não ! são animaes que devoram ou indios dos chacos em luta com feras. Tinhamos

um desses grupos heroicos no Parque da Acclamação ; temos agora outro na Avenida Beira Mar. O pau Brasil da Avenida, lenho genuinamente nacional, que é feito delle ? foi desterrado e, naturalmente, na cova em que jazeram as suas raizes, vão dilatar-se as das olaias e dos carvalhos. O pardal expulsou o tico-tico e amanha, talvez, nos venha por ahi o rouxinol banir o gaturamo. Triste paiz ! Nós, por exemplo, que fazemos aqui ? Bebemos vinho de França.

— Querias que bebessemos, como appetitivo, laranjada ou cajuada ?

— Não. Mas o nosso agricultor já devia ter pensado em dar-nos um vinho da terra. Uvas não nos faltam.

— De bacellos da Europa ou americanos.

— Pois sim, mas acclimados, abeberados no humus do terreno, com o nosso sol a revigorá-los.

— Homem, isso seria um perigo.

— Estás enganado. Seria patriotico. Um povo só é independente quando conta com os proprios recursos. E se nos bloqueiam ! ? Pensa na possibilidade de um bloqueio.

— Com a nossa esquadra e os nossos fortes ? Estás sonhando . . .

— Estou sonhando ? Pois sim ! Os nossos navios foram todos construidos pelo inglês que, na-

turalmente, tomou as suas precauções para a eventualidade de um encontro no Atlantico.

— No Atlantico ?

— Ou em outro mar qualquer . . .

— Historia ! O brasileiro só quer a paz.

— Por causa da conferencia de Haya. Lembre-se, porém, a França de falar em guerra e has de vê-lo agitar-se querendo tambem armar-se e sahir por terra e mar á caça de inimigos imaginarios.

Mas, dizia eu, os ingleses, que construíram os nossos navios, hão de ter tomado as suas precauções deixando em todos elles um calcanhar de Achilles.

Não nos illudamos. A nossa patria não tem vida propria. Isso, por exemplo . . . Essas senhoras de pellicas, afogadas em gollas felpudas, que seriam agasalho para esquimós, suando por todos os póros, simplesmente porque se vestem pelos figurinos de inverno, que fazem a moda em Paris, chega a ser ridiculo. Nunca seremos um povo independente. Nunca !

— Pois sim. Mas vamos tratar de comer. Temos aqui no «menú», ou cardapio, varios peixes. Naturalmente optarás pela pescada á brasileira.

— Pescada á brasileira ? Estás doido ! Pescada com pirão ? Nunca ! A farinha de pau é uma ignominia. Um povo vale pelo que come. Pescada

á brasileira . . . Vamos experimentar este salmão fresco. E um Sauterne. Que dizes ?

— Seja . . . O diabo é o patriotismo.

— Patriotismo á mesa, não. Á mesa, meu amigo, a França, a saborosa França de Savarin.

— E de Monsellet.

— Isso . . . e de Monsellet.

E encommendaram : Salmão e Sauterne.

A PEVIDE

-
- Viva a gallinha com a sua pevide!
 - Pensas com Mecenas.
 - E com fundamento.
 - Algum caso como o que acabei de narrar?
 - Sim, com uma differença apenas: em vez de darthro era uma ulcera. Meu tio, que conheces-te, era homem que vendia e esbanjava saúde. Não me lembro de o ter, jámais, visto doente: sempre rijo e alegre. Bom talhér á mesa, capaz de beber pelo cantaro de Baccho, bôa figura em noitadas e somno de justo quando se deitava. Durante o calor, porém, queixava-se de uma perna: era a sua úlcera, os «seus humores» como dizia.

Nos mezes mais quentes, de Dezembro a Março,

quando se lhe abria a tal válvula de escapamento, moderava-se á mesa, recusando os pratos muito adubados e substituindo o vinho e o café por aguas mineraes e matte. Encurtava os passeios a pé, limitando-os a uma volta nos jardins do Clube, com meia hora de distracção no «bar», onde tomava o seu guaraná. Ninguém o via em gabinetes particulares e raramente apparecia nos theatros.

Nos primeiros dias de Abril, a ulcera começava a fechar-se e em Maio o homemzinho resurgia lépido, desafiando-nos para excursões ousadas á Tijuca, ao Corcovado, sempre com iguarias, vinhaça e mulherio. Eram as chamadas provas de resistencia.

Nos mezes de soffrimento e expurgo, se alguem o aconselhava a procurar medicos ou lhe receitava drogas, sorria, dizendo com o seu eterno bom humor :

— Nada ! Vivo muito bem com a minha chaga. É o « ladrão » por onde transbordam as demasias que tenho no corpo. Meu pai chegou aos oitenta e seis annos com a delle, e morreu d'uma quéda de cavallo, quando voltava de uma ceia com certa inglesinha, que foi a sua Abisag. Não fosse a mania da equitação, a vaidade de ser o melhor cavalleiro do seu tempo e ainda o teriamos por cá, contando-nos episodios da Cisplatina.

Demais, já me habituei e estou convencido de

que se um verão me encontrar sem o escoadouro, por onde os humores extravasam, não ouvirei as cigarras nem respirarei o aroma das violetas de Maio. Nada ! Deixem-me com ella. É o meu seguro de vida.

E viveu sempre são e alegre até que a Jeannette o convenceu a levá-la a Europa.

Seis mezes depois de lá estar escreveu-me uma carta presaga na qual se referia ao intenso calor de Paris « muito peor que o nosso » ajuntando : que estava deveras preocupado com a demora do apparecimento da ulcera. E pilheriando : « Será ella tão jacobina que não se queira exhibir em França ? »

Andara pelos Altos Pyreneus, fôra a Barèges e attribuia ás aguas sulphurosas o facto de verão tão forte não despertar o seu abutre.

Regressou quando Paris tiritava reentrando, em pleno calor de Janeiro, na sua casa de Bota-fogo.

A sua primeira pergunta, ao abraçar-me, foi : « Se o não achava muito abatido ? » Menti gabando-lhe as côres, a bôa apparencia. A verdade, porém, é que o achei magro, vincado de rugas, triste. E elle disse-me desanimado :

« Se ella não apparecer até principios de Fevereiro, meu filho, não chego ás fogueiras de S. João. Foram aquellas malditas aguas dos Pyreneus que me ficaram com ella. »

Correram os mezes do verão e, em meados de Abril, o bom homem, que nunca se deixara abater, tornou-se melancolico. Volta e meia mettia-se no quarto, arregaçava as ceroulas e punha-se a examinar a perna. Abanando com a cabeça desconsoladamente esticava o beço, e dizia: « Qual! Estou perdido. Foram aquellas malditas aguas. Fartei-me de dizer a Jeannette: Eu não devo tomar esses banhos . . . não devo . . . Qual! Teimava . . . E tanto teimou, tanto teimou que o resultado aqui está. »

Para provocar a explosão entregou-se a todos os excessos de boca, tornou-se gastronomo, abusando de especiarias, preferindo os vinhos mais fortes, as frutas mais carregadas. Depois de uma série de extravagancias, algumas até compromettedoras, chegou a animar-se convencido de que a « bicha » reapareceria. Nada. E definhava a olhos vistos.

Maio já o encontrou sorumbatico, livido, de faces cavadas e olhos fundos. Passava as noites em claro, sempre a resmungar contra os Pyreneus, amaldiçoando Barèges e as suas fontes infernaes.

« Rolando foi ali trahido por Ganelon; eu, pelas aguas. A tal senhora Jeannette . . . A tal senhora Jeannette! Bem que eu lhe dizia . . . Teimou. Agora chama-me, escreve-me cartas. Pois sim! »

Uma manhã não se levantou. Tomou dissaboridamente o café, fumou um cigarro, pediu os jornaes e passou o dia todo na cama, calado, com os braços por baixo da cabeça. Volta e meia descobria a perna, para examinar a cicatriz lustrosa da ulcera: «cratéra de um vulcão extincto» e amuava, sombrio.

Á tarde mandou chamar um medico, encharcou-se de drogas, enrolou a perna em cataplasmas. Nada. A ulcera estava morta, bem morta!

E elle seguiu-a. Foi-se em uma tarde brumosa de Junho e, emquanto poudé falar, accusou as aguas dos Pyreneus, que lhe haviam levado a vida.

«Eu sabia, meu filho, disse-me poucas horas antes de expirar. Quando, em Paris, naquelles dias de tremendo calor, não a senti, disse a Jeannette que os meus dias estavam contados. Ella, sempre airada, troçava-me os presagios arrastando-me para Armenonville, para o Pré Catelan, para o Prunier onde nos fartavamos de ostras e de lagostas. Quando comprehendí que a minha «valvula de segurança» estava de todo inutilizada, tratei da viagem para não morrer no estrangeiro, longe dos meus, porque sou patriota, sou, e quero-vos a todos. Ella insistiu em ficar. Queria conhecer a Suissa, a Allemanha, a Hollanda, a Noruega, a Russia, todas essas terras geladas, só para vestir-se de pelles. Tu sabes: Jeannette é

uma excellente rapariga, não ha duvida, mas quando teima nem Santo Antonio a convence a mudar de idéa. Que fazer? Fui. Se, em vez de seguir para aquellas terras frias, eu tivesse tomado passagem para a Africa, por exemplo, mettendo-me em uma caravana, e estendesse a perna no areal do Sahara, ao sol, não estaria aqui a fazer biscoitos. Cedí á mulher . . . Acompanhei-a aos Pyreneus e depois a essas catimploras do Norte, nas quaes o thermometro está sempre como o cambio entre nós. O resultado aqui tens. Estou frito.

— Ás cinco da tarde cumpriram-se as suas palavras.

— E achas que foi a ulcera recolhida que o matou?

— Certamente. Como o darthro do teu amigo.

— Perdão, o que matou o meu amigo foi o fígado e o que levou teu tio não foi a ulcera, que pereceu afogada nas aguas dos Pyreneus, mas a vidinha estroina e solta de Paris, os almoços na rua Duphot, as ceias no Bois e em Montmartre, o sangue ardente de Jeannette e de outras, e os philtros com que elle, ultimamente, pretendia reanimar . . . um cadaver.

— A ulcera?

— Se lhe queres dar esse nome, vá lá. A ulcera . . . e sorria.

— Tu não crês?

— Não, meu amigo. Conheço esses velhotes e conheço-lhes as mazellas. Olha, se não me engano ali vem a ulcera do teu tio. Está agora com aquelle commendador . . . e sempre linda !

Era Jeannette.



ABUSÕES

— Sim, de accordo. Ha credices, abusões ridiculas, superstições que revelam mesquinhez de espirito . . . Mas tambem é certo que existem algumas que se impõem, que merecem a analyse do sabio e a meditação do philosopho. Aqui estou eu que posso falar com desassombro porque sempre combati puerilidades, e a minha campanha aos charlatães tem sido encarniçada e sem treguas.

Vou referir-te um caso para que sobre elle te manifestes dizendo se tenho ou não razão para afirmar que nesse «lôdo» das superstições populares ha sempre alguma coisa de verdade.

Sabes que, logo depois de formado, parti para o Paraná, estabelecendo-me na antiga e pequenina cidade de C., sitio delicioso, encostado á montanha, toda ella coberta de pinheiral frondoso. Respira-

se seiva. Um sanatorio como Epidaura onde nem faltam as serpentes.

Emquanto ali estive, louvado seja o Senhor! nunca me faltou occasião de exercer a caridade: tudo quanto tinha emprestei a Deus, quero dizer: dei aos pobres.

As minhas caminhadas longas pelas ruas da cidade ou nos seus arredores, ao sol e á chuva e, ás vezes, á neve, porque o inverno por lá não é civilisado como o nosso, mas aspero, geoso e com um vento que parece trazer navalhas, eram pagas em presentes de toda a especie: desde os legumes até o porco.

A carteira andava murcha, em compensação a minha despensa era uma verdadeira ucharia, o meu poleiro e a possilga podiam sortir de aves e leitões e uma barraca de feira.

Não falo das frutas, dos bolos e frascos de compêtas, dos gorros bordados a ouro e a matiz, das flores de escamas e de pennas, eu tinha tudo, tudo... menos dinheiro.

Uma manhan vieram chamar-me para vêr um petiz que me nascera nas mãos e que estava a morrer. Era num sitio, a meia legua da cidade, por dentro do pinheiral. Fui. A bôa gente recebeu-me em grantina ou em chanto, como diria um contemporaneo de Fernão Lopes ou Zurara (fartei-me de taes patriarchas, emquanto lá estive). Choravam

os pais e a avó, uma velhita encarquilhada, figura de lenda, soluçava a um canto com o netinho ao collo.

Pasmei ao examinar a criança, que nascera robusta e linda e, então, parecia uma caricatura da velha avó — pellancuda, engelhada, sumida nas lans que a envolviam e chorando, ou melhor: gemendo flebilmente como um passarinho... se os passarinhos gemem, não sei.

Era um caso de athrepsia, consequencia, sem duvida, de má alimentação.

Interroguei os pais. « Não, disseram: só mama. Não se lhe deu jámais outra coisa. » E a avó ainda accrescentou:

— Mesmo a maminha é sempre a horas certas, como o senhor mandou.

Receitei, recommendando os necessarios cuidados hygienicos e sahi para a varanda, onde foi ter commigo o pai, convidando-me a vêr o seu pequeno jardim, todo em flôr.

Iamos por entre os canteiros quando, de novo, estranhei aquella decadencia da criança, insistindo na minha suspeita:

— Olhe, meu amigo, essas coisas começam, quasi sempre, pela boca: as taes papas, o caldo de feijão...

— Não, doutor, a doença do pequeno tem outra causa...

— Outra causa ? E qual é ella ?

— É minha mãe. Não pude conter um movimento de espanto ; e o homem repetiu, convicto : É minha mãe, doutor. O pequeno passava admiravelmente, engordando a olhos vistos e lindo que fazia gosto ! Uma noite, porém, sobreveiu-lhe uma colica, poz-se a chorar e mamãe tirou-o do berço, levou-o comsigo para a sua cama para o ter sob a sua vista e bem agasalhado. Na noite seguinte, ao primeiro resmungo do pequeno, lá foi ella buscá-lo e assim durante toda a semana.

Por fim tornou-se-lhe habito. Falei, quiz oppor-me porque, como o doutor sabe, quando os velhos dormem com crianças tiram-lhes toda a « sustancia » . . . Mas . . . tratava-se de minha mãe. Demais, eu não tinha certeza, nunca tivera prova : eram coisas do povo, abusões da roça e a velha é tão carinhosa, quer tanto ao pequeno . . . A criança dormia agarrada com ella e, pensando fazer-lhe bem, ia-lhe a bôa velha, coitada ! roubando o calor, a força, a vida . . .

O pequeno começou a emmagrecer, a definhar, ficando assim como o doutor vê : pelle e osso.

Nasci e criei-me na roça e sei que as velhas arvores sugam o melhor da terra e á sua sombra não ha planta que vingue. Dizem que no mar ha um peixe que, durante as tempestades, acompanha os navios e, se se dá o sossobro, immediatamente em-

polga o primeiro naufrago que vê, não para o devorar, para aquecer-se nelle.

Junge-se-lhe ao corpo apertadamente, só o abandonando quando o sente frio. Não sei se isto é verdade, os livros mentem tanto . . . ! Mas o que lhe posso garantir -- oh ! quanto a isto não tenho duvidas ! -- é que é minha mãe que está consumindo a vida de meu filho.

— Pois se assim é . . . porque os não separa ?

— Agora ? ! habituada como ella está . . . ? Agora ha de ser difficil. E, com franqueza, doutor, não tenho coragem. A pobre começa a chorar . . . Sei lá !

— Pois falo eu.

— Mas, pelo amor de Deus, não diga que ouviu de mim . . .

— Descance.

Tornando á sala guiei a conversa no curso que me convinha fazendo com que a propria velha dissesse que o pequeno dormia com ella, « apertadinho ao collo ».

Falei, então, como medico, explicando « que as crianças devem dormir sós, e em quarto amplo, bem arejado, para que respirem bem. E prohibi formalmente que ella retirasse o pequeno do berço para a sua cama. Prometteu-me obedecer e cumpriu.

Passaram-se mezes. Uma noite, tarde, bateram-me á porta violentamente. Era um camarada do sitio que me vinha chamar para vêr a velha que «já estava de vela na mão». Parti immediatamente. A Morte, porém, andou mais ligeira do que eu.

Diante do cadaver mirrado da velhinha lembrei-me do pequeno e perguntei por elle.

— Está lindo, doutor! disse-me o pai. E baixinho, como se a morta pudesse ouvi-lo, recordou-me: Então? tinha ou não tinha razão? Logo que os separamos mamã, coitada! começou a enfraquecer e a criança a tomar pé, engordando, e viva que era um encanto. Voltaram-lhe as côres e lá está dormindo, com os primeiros dentinhos que lhe nasceram sem incommodo algum. E a velha, na sua cama, sòzinha, foi acabando, acabando... e está ahí. Que dizes a isto, meu sceptico?

— Acreditas em vampiros?

— Conforme. Se alludes aos mortos que, segundo Calmer e as tradições nigromanticas da Hungria, surgem á noite dos tumulos para sugar os que dormem, digo-te — que não. Mas se te referes a certas criaturas que absorvem d'outras a vitalidade, respondo: Talvez.

— Essa razão poderá servir de attenuante para alguns casamentos que por ali se fazem.

— Meu amigo, a sabedoria do povo é mais velha do que a sciencia das Academias e funda-se, não em compendios, mas na experiencia. Não riamos do que, á primeira vista, nos parece absurdo. Lembra-te de Santo Agostinho.

A LUA

— Linda noite ! Bemdita seja a morte que assim a faz formosa.

E esse singularissimo Romualdo, chegado, ha pouco, de Paris, onde dissipou a segunda herança (a primeira espalhou-a elle á rebatinha em Vienna) e que é actualmente o heróe da Chronica mundana, caminhava vagarosamente d'olhos no céu, extasiado no luar.

Desciamos a Avenida Atlantica, quasi deserta, ao som do marulho das ondas que se espreguiçavam languidas na areia. De quando em quando um automóvel passava por nós em deslize surdo, ou surgia além sondando, tacteando o caminho com a fulguração tentacular dos reflectores.

Iamos a passo, fumando, na delicia da digestão de um jantar alegre.

Romualdo, encantado com a belleza da praia debruada a luzes e com a doçura do ar salitrado, não tirava os olhos da lua, enorme e pallida, cuja claridade esteirava tremulamente o mar. Ao longe o pharol piscava.

— Linda noite! E dizer-se que a lua é um cadaver! Quando os arianos desceram do Pamir, cantando hymnos, com os seus gados, as suas sementes e armas afiadas para combater as hordas que se lhes oppunham ou, segundo outros, quando emigraram, em bandos, desse valle amavel e bem regado do Balkach, berço das raças generosas, demandando as campinas ferteis e os montes abundantes em aguas e arvoredos, já o astro feminino era defunto, boiando no céu como o corpo de um naufrago no oceano. Pobre cadaver!

— Repentinamente, estacando, travou-me do braço e disse-me em tom prophético :

— Eis a causa do mal, meu amigo, a causa unica. O mundo está sendo inficionado por essa « charogne ». Quem nos livrasse da lua faria obra de redempção. A Humanidade vive assombrada por esse fantasma. É a « hantise », como dizem os franceses. A lua desfaz-se, diminue, reduz-se a esqueleto e, de novo, pouco a pouco, se lhe vão apegando á carcassa lividas podridões e ei-la refeita, reen-carnada, alumando tristemente a terra como o

fogo fátuo alumia o pantano. É linda, mas funerea. Sente-se-lhe bem a morte.

Quantos cirios na capella ardente! Debalde as nuvens procuram cobri-la, enterrá-la, a morta, porém, tanto que mergulha, resurge á maneira da semente que irrompe viva da cova. Desappareceu.

Effectivamente uma nuvem negra oppuzera-se ao astro. Romualdo murmurou umas palavras inintelligiveis d'olhos fitos no céu. De repente empolgou-me o braço e eu senti-lhe as unhas. A voz tremia-lhe commovida :

— Vai resurgir. Olha! Começam a apparecer os rebentos, os novedios de luz. Ei-la!

A nuvem passou e a lua reapareceu mais bella, mais limpida como se sahisse de um banho.

— Ahi a tens, a eternidade da morte, o espectro do Nada. Ah! meu amigo, como nos illudimos com a vida. Só a morte é verdadeira. Que fazemos nós? morremos pouco a pouco. Para onde vamos? para o tumulo, porque todos os caminhos levam ao cemiterio. O nosso astro é a lua. O sol é illusão.

E, vê tu, é justamente á noite que vivemos. O goso é filho da noite. Ris? Achas que desvario? Já estive internado em um manicomio. Seis mezes! Foi como se me houvesse mudado para um planeta onde não houvesse noção da Mentira e muito menos das suas irradiações — a

hypocrisia, a lisonja, a vaidade, o orgulho, a dissimulação.

O louco é um ser nú, sem disfarces nem atavios e . . . livre. O juizo é um compressor. Pensar é constranger-se. No meu hospicio havia uma moçinha que, um dia, encontrando-me no parque, sorriu-me, tomou-me pela mão e guiou para o espesso bambual. A sua mão delgada e macia gelava, o collo arfava-lhe ansioso e os olhos, perdendo o desvario, accendiam-se ardentemente em chammas de desejo.

Já nos iamós perdendo no sombrio do sitio quando um guarda nos descobriu separando-nos violentamente. Não imaginas a furia da pobre louca ! Como se bateu pelo instincto, com que desespero se atirou ao guarda lutando com elle, mordendo-o, agatanhando-o. Eu fugi covardemente e, a correr, ouvia-lhe os gritos, as vozes de amor com que me chamava. Subjugada pelo bruto, foi mettida em camisola de força.

Porque ? pergunto eu ? Qual fôra o seu crime ? um desejo. Cá fóra esse crime é commum, a Lei garante-o, protege-o, cantam-no os poetas, a sociedade celebra-o e a igreja abençôa-o. Vimos, ha pouco, um casamento, acompanhado de numeroso cortejo. Para onde seguia o casal ? Que destino levava ? o mesmo para onde me arrastava a pobre louca naquella tarde ardente de verão. O instincto

é corrigido pela sociedade. O que chamamos «moral» é a contrariedade da lei natural. O homem quer, o preconceito oppõe-se.

A vida é um fluxo que recúa chocando-se com o convencionalismo. Vingam-se os olhos onde os desejos ficam de tocaia agachados entre os cílios como ao favor de um bosque.

A Lei não póde conter o olhar, ainda assim, se um homem, attrahido por um encanto feminino, nelle se enleva, é logo notado e commentam-lhe o atrevimento, reprovam-lhe a ousadia, se o não ameaçam com a bengala paterna ou com o revolver do marido. •

No hospicio não é assim : o homem é o que é. Digo-te com franqueza : lembro-me, com saudade, dos meus dias no manicomio. Era um paraíso. Os corpos dos loucos pareciam-me feitos de crystal porque, atravez delles, eu via-lhes a alma tumultuosa como estou vendo a lua no céu. Cá fóra tudo é nublado. A vida passa-se num céu de tormenta acastellado de preconceitos e prejuizos. Mal um astro brilha, uma paixão flameja, logo uma nuvem corre a encobri-la. Não ha homem que seja na sociedade o que, verdadeiramente, é, todos são o que convem que sejam. Andamos físcellados, acorrentados. Somos a matilha da Ordem. Soltam-nos nas caçadas—nas guerras, por exemplo.

E Romualdo casquinou um rizinho feroz atirando longe a ponta do charuto.

— Nas guerras, sim ! desatrella-se a cainçalha e, iscando-a, açulando-a, atiram-na os caçadores contra a presa. E lá vai ella ladrando, com a dentuça afiada. Devasta, estraçalha, esposteja, reduz a sangue e infamia vida e honra e, quanto mais destróe e avilta mais merece, não é verdade ? E é isso o Direito, não ?

Na guerra treina-se o homem com o proprio instincto.

«Ide ! e sêde homens !» dizem os generaes e tu bem sabes como os homens cumprem taes ordens. O guarda, entretanto, não consentiu que a pobre louca satisfizesse o seu desejo : tomou-lhe o passo, maltratou-a brutalmente, encerrou-a em cellula. É justo ? E que direito tem o homem sobre o homem ? Quem nos diz que a razão não é um erro, uma fraqueza d'alma ? A vontade é a grande força humana, deixem-na livre. Não façam do mundo um presidio. Os elementos são livres e o instincto é escravo. Está errado.

E Romualdo poz-se a retalhar nervosamente o espaço com a bengala de junco. De repente :

— Vês aquella mulher que ali vai ?

— Quem é ? Conheces ?

— Não, não^{de} conheço. Isso pouco importa. Sei

que é um instinto attrahido por um desejo. Vamos acompanhá-la.

— Para que, homem de Deus ? Deixá-la ir ao que vai : ao amor ou á morte.

Elle atirou os braços para a altura num gesto de desespero e, fechando os punhos, bradou :

— Somos como tu, lua misera : mortos dentro da vida. Andamos a fingir que vivemos, a fingir e nada mais. Cadaveres . . .

. Decididamente Romualdo precisa de alguns mezes mais de hospicio. Essa mania da lua e outras . . . emfim. Eu, por mim, mandava-o para a Praia da Saudade.



INDICE

	Pag.
Conselhos de Frei Thomaz	5
O mascara	13
Paixão	18
Mães que matam.	25
A couve	33
Dormir	40
A inspiração	46
Sobrevivencias	54
Vicio	60
Segredo de confissão	67
Inter pocula	74
Fadiga	82
Menina e moça	89
Theorias.	95
Venus	101
Regimen	108
Trecho de carta	115
Louco	121
O milagre	127
Vozes do sonho	134
Pela vida l	140
Alma.	146
O aperto de mão	153
Væ soli !	160

	Pag.
Consulta	166
Nihil novum	173
Resurreição	179
Força do instinto	186
Aperfeiçoamento	192
Fadario	198
Crendices	207
Velhice	216
A illusão	223
Ruínas	230
Ao desamparo	236
O perdão	243
Duvida	250
Patriotismo	256
Pevide	263
Abusões	270
A lua	277

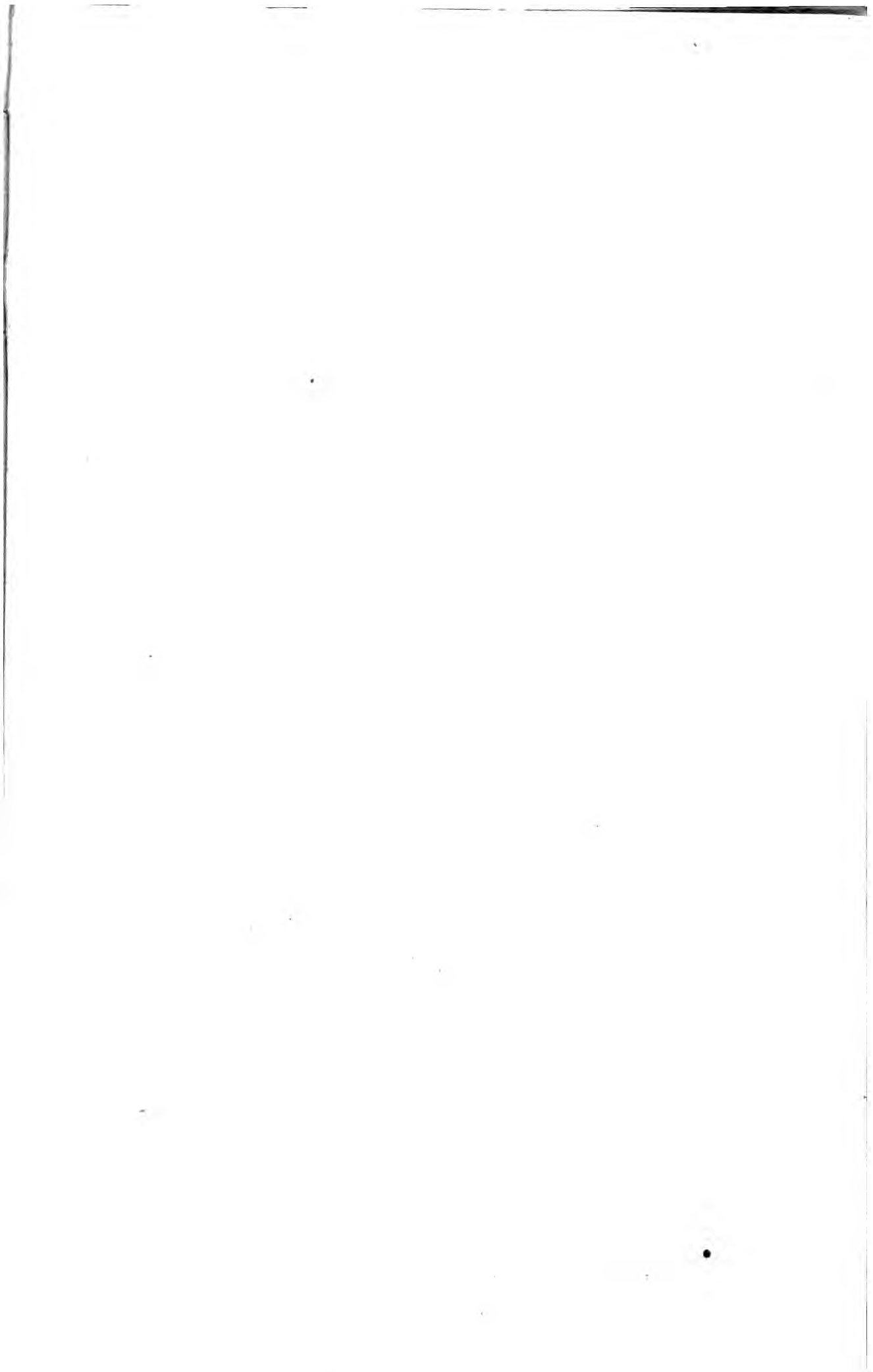
Oxfam

1 12. 89

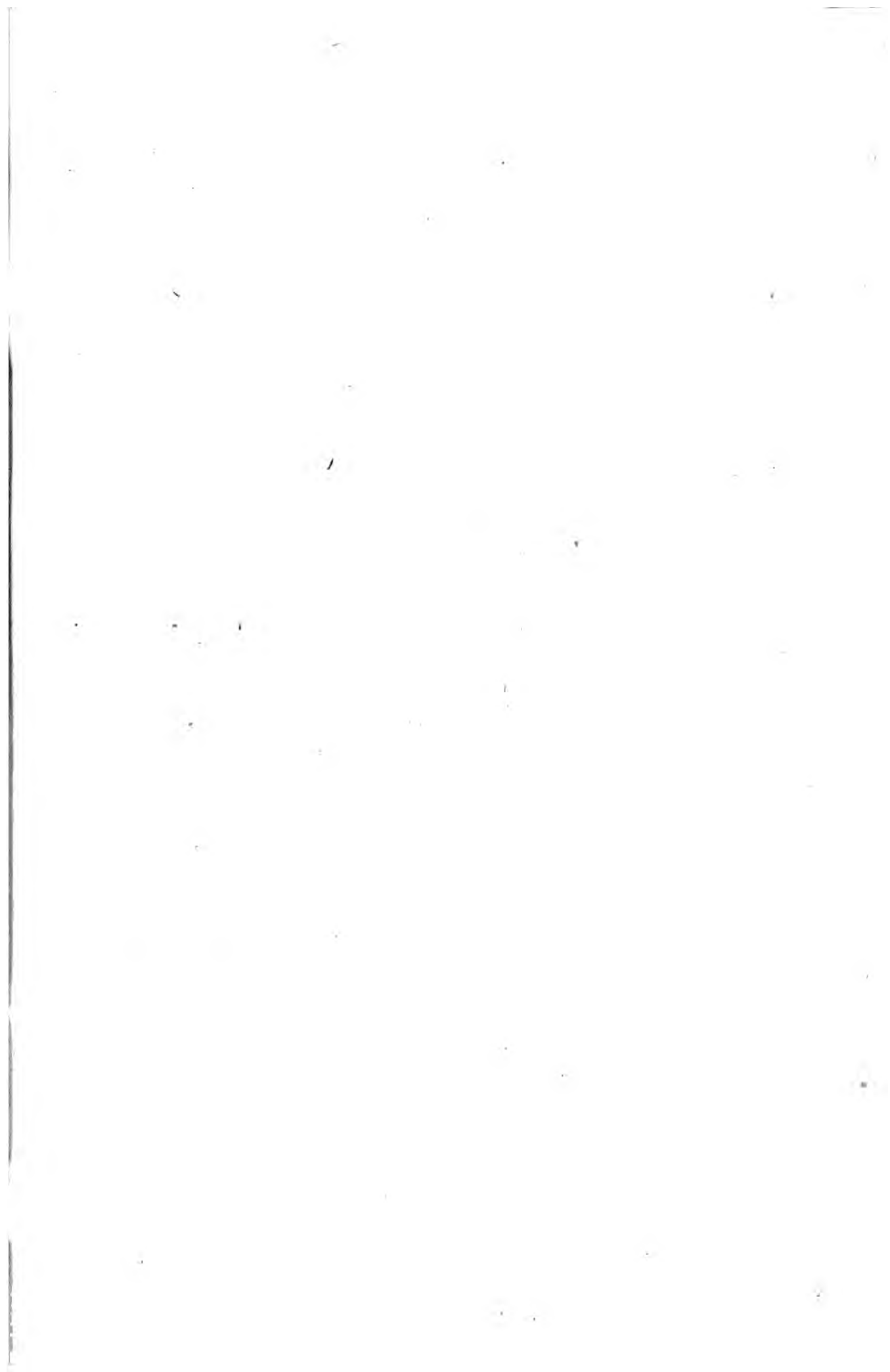
40p.

[Petty cash]

891830







Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos.
A Eterna Mentira.
O Ultimo Fauno.
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo António.
Gleba.
Vida do Espirito (pensamentos)
S. Frei Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.
Os Vivos e os Mortos.
Memorias dos dias fin-
dos — no prélo



Léolo & Irmão, Lt.

EDITORES

CARMELITAS, 144 - PORT

Teófilo Braga

História Popular de Portugal.
Visão dos Tempos, 4 v.

Alma Portuguesa

Rapsódia da grande
Epopéia dum pequeno
POVO
Viriato, 1 vol.
Frei Gil de Santarém, 1
vol.
Os Dôze de Inglaterra, 1
vol.
Gomes Freire, 1 vol.
D. Inês de Castro.

História da Literatura
Portuguesa

Introdução, 1 vol.
Bernardim Ribeiro.
Gil Vicente, 1 vol.
Escola de Gil Vicente, 1
vol.
Sá de Miranda, 1 vol.
Camões — Vida e Época,
1 vol.
— Obra (Bibliografia) ca-
moneana), 1 vol.
A Arcádia lusitana.
Filinto e os Dissidentes da
Arcádia, 1 vol.
Bocage, 1 vol.
Garrett e o Romantismo,
1 vol.
Garrett e os Dramas ro-
mânticos, 1 vol.
As modernas Idéias, 2 vol.

Recapitulação da Histó-
ria da Literatura
Portuguesa

1. Edade Média, 1 vol.
2. Renascença, 1 vol.
3. Romantismo.

Gaspar Baltar

Amando.
No meu sofá.

Euclides da Cunha

A Margem da História.
Contrastes e Confrontos.

Leonardo Coimbra

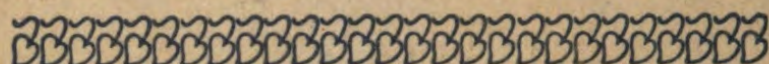
Do Amor e da Morte.

Obras de COELHO

Sertão.
A Bico de Pena.
Água de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I, (O Rel-
raios X, O Diabo
Teatro, vol. IV, (Queb-
média e o sainete
Teatro, vol. V (O din-
nança, e o Intruso).
Fabulário.
Jardim das Oliveiras.
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para
Miragem.
Mysterio do Natal.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquistista.
A Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres de Noss
Balladilhas.
Pastoral.
Vida Mundana.
Patinho torto.
Às quintas.
Scenas e Perf
Feira Livre —



Biblioteca Aurea



A mais encantadora das bibliotecas publicadas
em português

A preferida por todas as mulheres,
quer pela sua apresentação,
quer pelos trabalhos nela publicados.

VOLUMES PUBLICADOS

- 1.º — Camilo, *Mulheres e Corações*.
- 2.º — João Grave, *Cruel Amor*.
- 3.º — Sórora Mariana, *Cartas d'Amor*.
- 4.º — Júlio Brandão, *Cantares*.
- 5.º — *Pensamentos d'Amor*.
- 6.º — João Brandão, *Memórias dum Amoroso — História Simples — Três Cavaleiros*.
- 7.º — Madame de Sévigné, *Cartas*.
- 8.º — João Grave, *Vida do Espírito*.
- 9.º — Paulo Janet, *A Família*, trechos de filosofia moral.
- 10.º — Leonardo Coimbra, *Do Amor e da Morte*.
- 11.º — Sousa Costa, *Canto do Cisne*, (Novela).
- 12.º — *Da Felicidade Conjugal e da Higiene da Alma*.
- 13.º — Júlio Diniz, *Pensamentos*

Estes volumesinhos vendem-se encadernados em lindas cretones
de fantasia, em percalina, em chagrin ou camurça.